



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

LIGIANE APARECIDA BONACIN

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE ALUNOS DE
UMA ESCOLA DE CAMPO**

Londrina
2015

LIGIANE APARECIDA BONACIN

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE ALUNOS DE
UMA ESCOLA DE CAMPO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Joyce Elaine de Almeida Baronas.

Londrina
2015

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

B697c Bonacin, Ligiane Aparecida.
Crenças e atitudes linguísticas de alunos de uma escola de campo / Ligiane
Aparecida Bonacin. – Londrina, 2015.
127 f. : il.

Orientador: Joyce Elaine de Almeida Baronas.
Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual
de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação
em Estudos da Linguagem, 2015.
Inclui bibliografia.

1. Língua portuguesa – Variação – Teses. 2. Língua portuguesa – Dialectos
rurais – Teses. 3. Atitudes linguísticas – Teses. 4. Sociolinguística – Teses.
5. Preconceitos – Teses. I. Baronas, Joyce Elaine de Almeida. II. Universidade
Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 806.90-087

LIGIANE APARECIDA BONACIN

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE ALUNOS DE UMA
ESCOLA DE CAMPO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof^a. Dr^a. Joyce Elaine de Almeida
Baronas

Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof^a. Dr^a. Maria Inês Pagliarini Cox
Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT

Prof^a. Dr^a. Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 15 de junho de 2015.

*À Sônia,
Aquele que sem nenhum estudo, foi mestre ao me
aconselhar em todas as decisões.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me guiado até aqui.

A minha santa de devoção, Nossa Senhora Aparecida, por interceder por mim nos momentos mais difíceis, não só acadêmicos, mas também pessoais, serei sempre grata a ti minha mãezinha.

À minha querida orientadora, Joyce Elaine Baronas, por sua competência e paciência, uma professora cheia de bondade, que me inspira a continuar, meu sincero respeito.

Aos meus queridos pais, pela minha formação e pela torcida constante. Pai ainda que longe, o senhor se faz presente em quem sou hoje. Mãe, sua presença foi sempre a fonte verdadeira de minha força de vontade, minha rainha.

À Kareem, minha linda irmã, possuidora de um espírito paciente e doce, cheia de graça, minha melhor amiga e conselheira, aquela que amo tanto.

Às queridas professoras Vanderci e Maria Inês, por tecerem preciosas orientações durante a qualificação e por aceitarem participar da defesa.

À professora Marilúcia, pelas valiosas contribuições dadas na graduação e na pós-graduação, responsável pela minha inspiração à docência.

Aos queridos companheiros de estudo: Aline, Daiane, Dayse, Edneia, Flávio, Loretta, Luiz, Rebeca, Fernanda e Deborah, que conseguiram tornar essa passagem mais leve.

Às minhas amigas de sempre: Ana, Gleice e Mariane pela nossa verdadeira amizade.

À Bruna, prima sábia e prestativa que me ajudou em todos os momentos que pedi.

À amiga Letícia que sempre me ajudou.

Ao meu querido cunhado Felipe, que me auxiliou todas as vezes que solicitei sua ajuda.

Aos queridos colegas de trabalho, por ordem alfabética, Aida, Ana, Ana Paula Ane, Carolina, Claudia, Eliete, Gabriela, Joyce, Karol, Sônia, Marisa, Miriam, Monalisa, Nancilene, Otavia, Regina, Roseli, Rosemeri e Vera pelo auxílio nas minhas ausências na escola e pela paciência ao lidar comigo no dia-a-dia.

Ao Marco Aurélio, pela paciência e carinho, que por sua humildade, inteligência e simplicidade me encantaram.

À diretora e à secretária da escola onde obtive o “corpus” da dissertação, sou grata a receptividade.

A todos os informantes que gentilmente se dispuseram a participar das entrevistas que compõem esta dissertação.

A todos, que de uma forma ou de outra, contribuíram para a realização desta dissertação.

BONACIN, Ligiane Aparecida. **Crenças e atitudes linguísticas de alunos de uma escola de campo**. 2015. 127 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina 2015.

RESUMO

Embora os documentos oficiais apontem para a importância de estudar as variantes linguísticas no espaço escolar, algumas instituições de ensino ainda se caracterizam como um ambiente onde se privilegia apenas a norma padrão, desconsiderando as variedades populares do português brasileiro. Esse embate entre norma padrão e variação linguística pode levar os alunos a desenvolver diferentes crenças e atitudes linguísticas dentro do cenário escolar, dando margem ao preconceito e à valoração negativa aos dialetos que se distanciam da norma padrão. Deste modo, a partir dos princípios da Sociolinguística, articulados aos estudos sobre “Crenças e atitudes linguísticas”, de Lambert e Lambert (1968), a presente dissertação tem como objetivo principal verificar quais as crenças e atitudes linguísticas de alunos do 6º, 7º, 8º e 9º ano de uma escola de campo em relação à variedade rural. O intuito é o de constatar indiretamente se a referida escola trabalha com as variedades linguísticas de forma positiva, tornando o aluno consciente sobre sua própria variedade. Para isso, três objetivos específicos norteiam o processo de pesquisa: (i) verificar a valoração dada pelos alunos à sua própria variedade, àquela advinda do ambiente familiar rural; (ii) identificar se as crenças linguísticas dos alunos em relação à variedade rural interferem em suas atitudes de forma preconceituosa; (iii) identificar se os alunos da escola de campo possuem preconceito em relação a outras normas distantes da culta. Esperamos que a pesquisa contribua com o campo Sociolinguístico, proporcionando aos pesquisadores, professores e interessados em nosso objeto de pesquisa uma visão analítica sobre o quadro real de uma escola de campo.

Palavras-Chave: Preconceito. Crenças e atitudes. Variação linguística rural.

BONACIN, Ligiane Aparecida. **Beliefs and linguistic attitudes of students from a rural school**. 2015. 127 p. Dissertation (Master course in Linguistic Studies) - State University of Londrina, Londrina. 2015.

ABSTRACT

Although the official documents point to the importance of studying the linguistic variants at school, some institutions are still characterized as an environment where only the standard norm is privileged, disregarding the popular varieties of Brazilian Portuguese. This clash between standard and linguistic variation can make students develop different beliefs and language attitudes within the school setting, giving rise to prejudice and negative evaluation towards the dialects that differ from the standard norm. Thus, based on the principles of Sociolinguistics, articulated to studies on "Beliefs and language attitudes," by Lambert and Lambert (1968), this thesis aims to verify which beliefs and language attitudes of students at 6th, 7th, 8th and 9th year of a field school in relation to the rural variety. The aim is to see indirectly if the referred school works with the linguistic varieties in a positive way, making the student aware of their own variety. For this, three specific objectives guide the research process: (i) to verify the valuation given by students in relation to their own variety, to that coming from the rural family environment; (ii) to identify whether the language beliefs of students in relation to the rural variety interfere in their attitudes with prejudice. (iii) to identify whether the field school students have prejudice towards other distant standards of cultured. We hope that the research contributes to the sociolinguistic field, providing researchers, teachers and people interested in our research object with an analytical insight into the true picture of a country school.

Key Words: Prejudice. Beliefs and attitudes. Rural Linguistic Variation.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1-	Questão 14 – Que língua você fala?	50
Gráfico 2-	Questão 15 – Como você avalia a fala dos colegas com quem tem contato na escola?	52
Gráfico 3-	Questão 17 – Se o seu colega de classe disser: nós “foi” com o Paulo e “vortô” com o João ontem, você corrigiria seu modo de falar? Por quê?.....	53
Gráfico 4-	Questão 16 – E em sua casa, como as pessoas falam?.....	56
Gráfico 5-	Questão 18 – E a sua fala. Como você a avalia?	57
Gráfico 6-	Questão 19 – Como as pessoas sem escolaridade falam?.....	60
Gráfico 7-	Questão 30 – Supomos que você conheça há muito tempo uma senhora de 60 anos, analfabeta, agricultora, moradora do sítio. E ela lhe dissesse: Eu trabalho no sítio já faz mais de 40 anos. Você a corrigiria? Por quê?.....	63
Gráfico 8-	Questão 21 – Se seu colega disser: “Nóis vortô com o João”. Como a professora de língua portuguesa reage? Por quê?	66
Gráfico 9-	Questão 22 – Você fala aqui na escola do mesmo jeito que fala em casa?.....	69
Gráfico 10-	Questão 23 – Em qualquer situação você fala do mesmo jeito?.....	70
Gráfico 11-	Questão 24 – Só há um modo de falar o português?.....	71
Gráfico 12-	Questão 25 – Você acha que todas as pessoas deveriam falar de acordo com a norma culta? Por quê?	72
Gráfico 13-	Questão 28 – O que você acha da maneira como as pessoas da área rural falam?	74
Gráfico 14-	Questão 31 – Você acha o português uma língua fácil ou difícil?.....	74
Gráfico 15-	Questão 32 – Há outro modo de falar o português, mais feio que o seu? Cite um exemplo	76
Gráfico 16-	Questão 33 – Há outros modos de falar o português, mais bonito que o seu? Cite um exemplo	77
Gráfico 17-	Questão 34 – Para você, que profissional fala melhor?.....	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-	Perfil dos informantes selecionados.....	48
Quadro 2-	Visualização das respostas cedidas pelos informantes, referente à questão 17 do questionário.....	55
Quadro 3-	Visualização das respostas cedidas pelos informantes, referente à questão 21 do questionário.....	64
Quadro 4-	Visualização das respostas cedidas pelos informantes, referente à questão 30 do questionário.....	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
1.1 O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E O PRECONCEITO EM RELAÇÃO AO DIALETO CAPIRA	16
1.2 A VARIEDADE RURAL VERSUS AS PRESSÕES FORMAIS DA SOCIEDADE.....	18
1.3 BREVE HISTÓRICO DA SOCIOLINGUÍSTICA	21
1.4 NORMA E VARIAÇÃO	23
1.4.1 Tipos de Variações.....	26
1.4.2 Variação Histórica	26
1.4.3 Variação Geográfica	27
1.4.4 Variação Sociocultural.....	28
1.4.5 Variação Social	29
1.4.6 Variação de Canal	30
1.4.7 Variação Temática	31
1.4.8 A Variação Linguística Através de Três Contínuos	31
1.5 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS.....	33
1.5.1 Os princípios que Regem as CRENÇAS e Atitudes Linguísticas	35
1.6 A SOCIOLINGUÍSTICA EM SALA DE AULA.....	40
1.6.1 A Sociolinguística Versus o mito do Monolinguísmo Brasileiro na Escola.....	40
1.6.2 O que Esperamos como Professores	41
1.6.3 Como devemos Trabalhar a Variação Linguística.....	43
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	44
2.1 O LOCAL DA PESQUISA	44
2.2 PROCEDIMENTOS DE AMOSTRAGEM.....	47
3 ANÁLISE DO CORPUS: CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE ALUNOS DE UMA ESCOLA RURAL	50
CONCLUSÃO	80

REFERÊNCIAS	83
ANEXO	87
APÊNDICE	88
APÊNDICE A - Transcrições grafemáticas	89

INTRODUÇÃO

*Nós chegemu à escola. E agora? nós pergunta: se antes, tudo apartado. Na cidade é tudo junto, se não é pra aprender vamos mudar de assunto*¹.

João Bosco Bezerra Bonfim

Partimos do conceito de que seja papel da escola levar os alunos a se integrarem às diversas formas de comunicação, inclusive, e, principalmente, fazendo uso da variante mais monitorada como a “norma culta”, pois, de acordo com Faraco (2002, p.40), a norma culta, será a praticada em determinadas situações que envolvem certo grau, ou um maior grau de formalidade, estando ligada aos grupos sociais mais diretamente relacionados à cultura escrita.

Neste sentido, a escola não pode desencadear um processo preconceituoso frente às demais variantes linguísticas existentes, cabe a ela, como instituição responsável pelo ensino formal, capacitar os alunos a perceberem positivamente o valor social de suas próprias variantes, não as excluindo ou as considerando inferior frente a qualquer outra.

Por isso, esta dissertação objetiva verificar as crenças e atitudes linguísticas de alunos de uma escola de campo em relação à variedade rural. Para a constituição do *corpus*, entrevistamos 37 alunos do 6º, 7º, 8º e 9º ano, de uma escola de campo, e utilizamos como aporte teórico-metodológico os estudos de Crenças e Atitudes linguísticas, de Lambert e Lambert (1968), aliados aos estudos da Sociolinguística.

A escolha por uma pesquisa centrada em alunos de uma escola de campo se deu devido a nossa compreensão de que os moradores da zona rural, muito comumente, utilizam o dialeto caipira. Desta maneira, cabe à escola reconhecer o dialeto de origem de sua clientela, sem desprezá-lo, uma vez que a Lei de Diretrizes e Bases em seu artigo 28² orientam que esse tipo de escola deveria se configurar pela sua vinculação às questões inerentes à realidade do aluno.

Deste modo, o interesse em realizar este estudo ocorre diante do fato de acreditarmos que as crenças dos alunos podem se formar, se modificar, se manter ou/e se afirmar a partir da concepção pedagógica colocada em prática na escola. Assim, por meio das

¹ Estrofe retirada do cordel escrito para homenagear a professora Stella Maris Bortoni, no I Colóquio sobre letramento, Alfabetização e Avaliação, organizado pelo Centro de Formação continuada da UNB, dias 13 e 14 de 2010. In BORTONI-RICARDO, S.M.; ROCHA, M. R. C. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração de redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011

² Brasil. Lei de Diretrizes e Bases. n. 9394/96. Brasília, 1996

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fim de expressar a relevância do tema tratado, compartilhamos, nesta seção, alguns trabalhos desenvolvidos e publicados sobre crenças e atitudes linguísticas. Trata-se de pesquisas que fazem parte do campo profícuo da Sociolinguística de que nos servimos como referência para o nosso trabalho.

As primeiras investigações sobre crenças e atitudes linguísticas emergiram a partir do início da década de 60, com os psicólogos sociais William e Wallace Lambert, ao estudarem o bilinguismo franco-inglês em Montreal. As pesquisas desses autores buscavam verificar as atitudes de canadenses falantes de francês e de inglês em relação à língua nativa de cada grupo. A técnica consistia em gravar textos recitados por pessoas bilíngues e expor a gravação para que os ouvintes (franceses e ingleses), denominados, então, como julgadores, relatassem suas opiniões sobre os falantes das duas línguas. Após ouvirem as gravações, os julgadores avaliavam os falantes, isto é, os falares das pessoas, fazendo suposições sobre como elas seriam em relação à aparência física, profissão, inteligência e *status* social.

Tanto os juízes anglo-canadenses quanto os franco-canadenses avaliaram melhor os falantes de língua inglesa, relacionando a eles aspectos mais atraentes: os ingleses foram considerados mais altos, inteligentes, mais seguros de si, e de melhor caráter que os franceses. Os juízes não se deram conta de que as duas gravações eram recitadas por um mesmo falante bilíngue. Deste modo, avaliaram de modo mais positivo o falante ao se expressar em língua inglesa, e negativamente quando ele se expressava em francês. Os resultados apontam, portanto, que muitos jovens franco-canadenses encararam seu grupo cultural como inferior. Os psicólogos observaram com isso que os canadenses bilíngues sentiam-se mais bem recebidos por ambos os grupos quando falavam em inglês. Sentiam-se mais importantes, como se fossem considerados mais valorizados por seus grupos sociais ao usarem o inglês.

Outra investigação considerável ao campo das atitudes linguísticas é o estudo realizado por Labov em 1963, com os falantes da ilha de Martha's Vineyard, no litoral de Massachusetts, nos Estados Unidos. Labov constatou que parte dos nativos da ilha adotava, por meio do dialeto, uma atitude linguística, com a finalidade de isolar-se dos 40.000 veranistas que a ilha recebia ao longo do ano. Por exemplo, havia uma centralização do ditongo [ay] em palavras como *White, wine* e do ditongo [aw] em palavras como *house e out*.

Para o estudo da estratificação do inglês na cidade de Nova Iorque, em 1966, Labov empregou o mesmo método. Nesse estudo, o sociolinguista demonstrou que as

variantes linguísticas são determinadas por um padrão de normas sociais e estilísticas. Dentre as variáveis analisadas, focalizou sua atenção à pronúncia e ao apagamento do /r/ final e pré-consonantal (*car*, *card*, etc.). Nesse sentido, ao tomar como variável o /r/ final e pré-consonantal, Labov constatou que as reações dos falantes são mais uniformes que o desempenho. Dessa forma, todos os grupos sociais concordavam que a pronúncia de um /r/ constrictivo em palavras como “car”, por exemplo, era apropriada para contextos mais formais. No entanto, a grande maioria dos nova-iorquinos não pronunciava o /r/ em situações formais. Apenas os falantes da alta classe média financeira mostravam algum grau de pronúncia de /r/ na fala.

Resultados como esses demonstram, segundo Labov (2008, p. 59), que, quando um novo padrão de prestígio entra na linguagem, ele é aceito inconscientemente antes que alcance uniformidade no uso real.

Alguns anos depois, outros sociolinguistas também se dedicaram à mesma temática, como, por exemplo, López-Morales que, em 1983, analisou a estratificação social do espanhol na localidade de São João, na ilha de Porto Rico. O objetivo foi descrever alguns aspectos dos componentes fonológicos da competência sociolinguística dos falantes. Importante destacar que, nesse estudo, López Morales fornece dados precisos sobre a distribuição sociolinguística na fala de San Juan, documentando atitudes altamente negativas em relação à pronúncia velarizada do /r/ em espanhol, uma vez que 72% de seus informantes rejeitavam essa pronúncia. Ao serem interrogados sobre o motivo que os levava a tomar essa atitude em relação à pronúncia velarizada do /r/, a justificativa era a de que a pronúncia era típica da zona rural, do falar de camponeses. Outro motivo que os levava a negar o /r/ é o de que a referida pronúncia não era espanhola e sim de origem proveniente de “porto-riquenhos”.

Gómez Molina (1998, p. 31) também se dedica ao estudo das atitudes linguísticas. Sua pesquisa focou a preferência do falante da área metropolitana de Valença, na Espanha, ao utilizar o castelhano ou o valenciano, para isso, o pesquisador considerou os fatores sociológicos dos entrevistados como: sexo, idade e nível sociocultural. O pesquisador constatou o uso predominante do castelhano naquela região, e menciona que, independentemente das razões que os levaram a tomar o castelhano para si, sua eleição foi legítima e deve ser respeitada, assim como as tendências positivas que o emprego dessa atitude linguística proporciona ao falante.

No Brasil, atualmente, muitas pesquisas se dedicam às crenças e atitudes linguísticas. O primeiro trabalho realizado aqui com essa temática foi uma dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, em 1976, de Andrietta

Lenard, a qual verificou a lealdade linguística dos imigrantes italianos radicados na cidade de Rodeio, Santa Catarina, no uso do ‘trentino’, como forma de reconhecimento e valorização de suas raízes italianas, o que os levava a empregar essa variante como língua materna.

Outro trabalho de destaque e também pioneiro nessa área de estudo é a dissertação de mestrado defendida na Universidade de Campinas (UNICAMP), em 1979, por Maria Isolete Pacheco Menezes Alves, a qual teve como objetivo verificar as tendências nas atitudes linguísticas de nordestinos residentes em São Paulo, com relação às variedades linguísticas nativas e paulistas, a partir do conceito formulado por Oppenheim (1966). A pesquisa de Lenard (1976) constatou que os nordestinos de nível socioeconômico e cultural baixo tentavam ocultar sua origem regional, visando à sua aceitação pelos paulistas, o que justificava o fato de os nordestinos camuflarem seu próprio dialeto, assumindo a variedade de São Paulo em suas falas.

A partir da década de 70, outros muitos trabalhos se destacaram, tal como o estudo de Cyranka (2007) que investigou até que ponto as crenças e atitudes dos alunos de quatro escolas públicas e uma particular da cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, se configurariam como um caso de prestígio encoberto. A pesquisa aborda questões relativas ao trabalho escolar com a disciplina de português somada à dificuldade que os professores vêm enfrentando para levar seus alunos a desenvolver a competência comunicativa no uso da variedade culta da língua, tanto na modalidade oral quanto na escrita. A partir da análise dos testes de atitudes realizados com 135 informantes, na faixa etária de 14 a 17 anos do ensino fundamental, foi possível constatar, no quadro geral das escolas analisadas, uma forte identificação dos alunos com a variedade linguística que oficialmente está fora da escola, a não padrão, o que configura um caso de prestígio encoberto.

A pesquisa de Cyranka revela a necessidade de a escola reconhecer a legitimidade da variedade vernacular dos alunos, a ponto de trabalhar com ela em sala de aula, uma vez que os professores de português se encontram divididos, pois continuam sendo muito influenciados por um sistema de crenças baseado em equívocos no processo de ensino-aprendizagem, supondo que a variedade culta da língua é a única que deve ser ensinada na escola, não se preocupando com a adequação da linguagem – aspecto revelado imprescindível à competência comunicativa.

Essa situação, de menosprezar as variedades que se distanciam da norma padrão, como é o que ocorre com o dialeto caipira, tem origem antiga e será discutido na seção 1.1, demonstrando que, desde o início da urbanização no Brasil, já havia preconceito sobre a variedade rural.

1.1 O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E O PRECONCEITO EM RELAÇÃO AO DIALETO CAIPIRA

O dialeto caipira, desde suas raízes, sofreu preconceito em relação à variedade culta/padrão. Segundo Bortoni-Ricardo (2011, p. 32), essa atitude preconceituosa tem relação direta com o processo de colonização e posteriormente a urbanização brasileira. A autora lembra que, em 1808, o exército de Napoleão, na Europa, forçou a corte portuguesa a fugir para o Brasil. Após se instalar em Salvador, a corte é transferida para o Rio de Janeiro, e os portugueses a tornam capital do reino português no Brasil. Esse fato representou um marco na história da urbanização do país, pois, em poucos anos, a língua portuguesa experimentaria um corrente processo de padronização, isto é, a variante considerada padrão passou a ser a utilizada pelos integrantes da coroa e os frequentadores da cidade do Rio de Janeiro.

Bortoni-Ricardo (2011) apregoa que esse processo levou à difusão do modo burguês de vida europeia das cidades mais ricas, resultando na transformação da relação cidade-campo, uma vez que distanciou a civilização urbana, diretamente influenciada pelos costumes europeus, da civilização rústica. Segundo a pesquisadora:

As cidades assumiram uma posição de clara superioridade diante das cidades menores, vilas e áreas rurais. Seus habitantes, independentemente do *status* social, consideravam-se superiores às populações do campo. Esse sentimento de superioridade provocou uma ruptura crescente com o campo, ampliada pelo desenvolvimento da industrialização e o rápido crescimento populacional de algumas cidades. (BORTONI-RICADO, 2011, p. 32)

A autora explica ainda que, embora algumas áreas interioranas tivessem sido afetadas pela modernização, muitas outras não puderam seguir a mesma tendência e preservaram seu modo de vida tradicional. Isso levou a variante caipira, proveniente da zona rural, a ser associada às pessoas que vivem isoladas. Por isso, o termo “população rural passou a ser adjetivada, para descrever o modo de vida isolado e antiquado dos habitantes de áreas rurais, quando comparado ao modo de vida urbano”. (BORTONI-RICARDO, 2011)

Posteriormente a população rural se viu influenciada, pelos fatores “socioecológicos”, a migrar para os grandes centros urbanos. Esse fato levou gradualmente o dialeto caipira a amalgamar-se às variedades urbanas de pouco prestígio nas áreas urbanas e, em consequência, o caipira acabou perdendo, com o tempo, muitos traços típicos.

Importante destacar a exposição realizada por Amaral (1982³) a respeito de como se deu o processo de mudanças valorativas sobre o falar caipira:

³ A primeira edição é de 1920 e nesta dissertação usamos a 4ª edição.

Ao tempo em que o célebre falar caipira paulista reinava sem contraste sensível, o caipirismo não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana. De algumas décadas pra cá, tudo entrou a transformar-se. A substituição do braço escravo pelo assalariado afastou a convivência cotidiana dos brancos com grande parte da população negra, modificando assim um dos fatores da nossa diferenciação dialetal. Os genuínos caipiras, os roceiros ignorantes e atrasados, começaram também a ser postos de banda, a ser atirados à margem da vida coletiva, a ter uma interferência cada vez menor nos costumes e na organização da nova ordem das coisas. A população cresceu e mesclou-se de novos elementos. Construíram-se vias de comunicação por toda a parte, intensificou-se o comércio, os pequenos centros populosos que viviam isolados passaram a trocar entre si relações de toda a espécie, e a província entrou por sua vez em contato permanente com a civilização exterior. A instrução, limitadíssima, tomou extraordinário incremento. Era impossível que o dialeto caipira deixasse de sofrer com tão grandes alterações do meio social. (AMARAL, 1982, p. 41-42)

O êxodo rural acelerou o processo de variação linguística à sociedade urbana, e a variedade rural, especificamente, passou por um processo de difusão, levando a variedade urbana a ser eleita como de maior prestígio. Desta maneira, o falante rural acreditava muitas vezes que, ao entrar em contato com o dialeto urbano, deveria alterar o seu próprio falar, processo assim comentado por Bortoni-Ricardo (2011, p.123):

À medida que falantes dos vernáculos rurais entram em contato direto ou indireto com a língua padrão, escrita ou oral, seu dialeto tende a tornar-se mais difuso. A ocorrência de itens lexicais rurais típicos vai diminuir e algumas regras não padrão de seu repertório, antes quase categóricas, tenderão a tornarem-se regras variáveis. A difusão não é vista necessariamente como uma assimilação ao português padrão, mas sim como um distanciamento dos dialetos rurais estigmatizados.

É nesse sentido que Camacho (1988 p. 37-38) entendia que, caso não houvesse identidade entre o sistema de valores promovidos pela escola e o que trazia a criança de seu meio sociocultural, raramente o ensino poderia desempenhar sua função com eficiência no que concerne à língua materna.

Faz-se necessário mencionar que, embora o discurso oficial das Diretrizes Operacionais para Escolas do Campo⁴ a definam por sua “vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se nos saberes próprios dos estudantes”, há, em contrapartida, de acordo com Molina e Freitas (2011), uma luta, na prática, por uma educação de campo menos desigual, a qual aponta para as várias dificuldades enfrentadas pela escola de campo:

⁴ PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares da Educação de Campo*. Curitiba, 2006, p.16

Dentre as graves carências, destacam-se: a taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais, que apresenta um patamar de 23,3% na área rural, três vezes superior àquele da zona urbana, que se encontra em 7,6%; a escolaridade média da população de 15 anos ou mais, que vive na zona rural, é de 4,5 anos, enquanto no meio urbano, na mesma faixa etária, encontra-se em 7,8 anos; as condições de funcionamento das escolas de ensino fundamental extremamente precárias, pois 75% dos alunos são atendidos em escolas que não dispõem de biblioteca, 98% em escolas que não possuem laboratório de ciências, 92% em escolas que não têm acesso à internet. (MOLINA e FREITAS, 2011, p. 17-31)

Assim, ao explicitar as carências da escola de campo, podemos ter uma visão menos preconceituosa sobre ela, fazendo-nos pensar na precariedade do cenário educacional em relação à educação rural, o que assinala um quadro frágil em relação às responsabilidades que os documentos oficiais exigem.

1.2 A VARIEDADE RURAL *VERSUS* AS PRESSÕES FORMAIS DA SOCIEDADE

Como abordado, o início da industrialização gerou um processo de intenso êxodo rural e crescente urbanização da população, o que ocasionou à população rural muitos obstáculos para se manter nos grandes centros urbanos.

Sobre essa questão, Molina e Freitas (2011) esclarecem que os próprios programas e projetos desenvolvidos ao longo de décadas na perspectiva da educação rural sempre tiveram como premissa o atraso do sujeito do campo, o qual precisava ser educado para se enquadrar no sistema produtivo moderno.

Trouxemos esse cenário à tona, pois nosso trabalho se faz preocupado com o tratamento que a escola tem oferecido ao ensino de língua materna, mais precisamente em relação às variedades rurais, que foram trazidas para a sala de aula urbana, em razão do êxodo rural. Entendemos que é imprescindível ao currículo escolar o trabalho com as variedades linguísticas em sala de aula, haja vista que, até pouco tempo, tal assertiva esteve à mercê do julgamento social de especialistas. De um lado, tínhamos os linguistas, buscando a incorporação de um novo conceito e valor de língua, de outro havia os gramáticos, ciosos por conservarem suas regras, com receio de perderem a estrutura de uma língua constituída há séculos.

De fato, a língua é um traço cultural relevante de coesão social e, ao mesmo tempo, fator e alvo das pressões da sociedade. Bortoni-Ricardo (1986) expõe o quanto a língua poderá acarretar pressões da comunidade ao seu falante. A autora aponta problemas de comunicação no transcurso de entrevistas realizadas com migrantes da zona rural radicados

em Brazilândia, cidade satélite de Brasília (DF). O grupo entrevistado apresentava dificuldades na comunicação derivadas de diferenças dialetais nos níveis fonológico e semântico, evidenciando um quadro de insegurança linguística perante a pesquisadora.

Tal dificuldade comentada por Bortoni-Ricardo (1986) nos faz refletir sobre a importância de o falante possuir os conhecimentos linguísticos adequados, o que lhe permitirá evitar situações de constrangimento por não saber utilizar outra variedade da língua. Além disso, leva-nos a refletir sobre alguns grupos rurais, os quais, muitas vezes, por questões históricas e/ou sociais se posicionam inferiormente perante situações que exigem maior formalidade linguística, revelando ser um grupo que precisa de uma atenção especial, visto ser notória a crença equivocada em relação à sua variedade linguística.

Capelo (2013, p.53) afirma que essa situação de a população rural se colocar e se sentir inferior teria se agravado a partir de 1950, ano em que nacionalmente se institucionalizou o Departamento de Educação Pública e Assistência Social (DEPAS), que contribuiu para garantir a “implementação” de campanhas, que atuassem no sentido de “liberar” o homem rural do seu atraso, isto é, da sua cultura, da sua identidade. De acordo com a autora, as escolas nacionais seguiam modelos teóricos e metodológicos que também eram excludentes:

A escola era um aparato, que assim como a igreja, pertencia à cultura européia, juntas elas representavam o avanço do capitalismo quebrando fronteiras geográficas e culturais. Uma vez que o acesso à cultura letrada tornou-se imprescindível à vida moderna, entende-se que os segmentos sociais minoritários de índios, negros e caboclos, em face da hegemonia branca e européia, não foram apenas expropriados e expulsos da terra em que viviam como posseiros ou ocupantes, foram também expropriados do direito a uma escola que, partindo de suas especificidades socioculturais, garantisse-lhes o acesso à norma escrita. Isso significa dizer que, mesmo que a escola rural tenha sido a única instituição capaz de incluir caboclos, negros e índios, conduzidos ao saber de objetivos e metodologias de ensino alienígenas e praticando formas de avaliação muito seletivas, constituiu-se em mais um mecanismo de exclusão e de invisibilidade social. Desse modo, ainda que nela estivessem incluídos, estavam de fato excluídos por dentro. (CAPELO, 2013, p.57)

Para Soares (2004, p. 169), essa característica normativa que a escola tem carregado por anos é fruto de dois fatores interligados à sua democratização. O primeiro deles se relaciona à exigência da produção que, na época da democratização do Brasil, determinava que os alunos, futuramente operários, teriam que, no mínimo, saber ler; o segundo fator diz respeito à ocorrência de a escola pública ter visto chegar a seus bancos alunos provenientes de camadas sociais para as quais até então suas portas estavam fechadas.

Com essa nova demanda, a escrita passou a ser usada como forma de “normatizar” o falar, “para sujeitos letrados, o lugar utópico em que gostariam de estar quando falam, ‘é falar como se escreve’, porque a escrita é que seria ‘a língua correta’” (GERALDI, 1996, p. 62). Sabemos, porém, que, ao normatizar uma língua, poderemos produzir um quadro de rejeição da norma linguística usada pelo falante, acarretando preconceito para aquele que faz uso de um estilo distante da norma culta.

Gnerre (1998, p.30-31) aponta que essa divergência é derivada da visão tradicional da língua, com ênfase forte sobre as estruturas linguísticas. Como é uma visão derivada da tradição escrita, fatos como “sotaque”, prosódia e outras características “menores” não são considerados formalmente como parte da língua. “Nessa perspectiva, a gramática é um código incompleto que, como tal, abre espaço para a arbitrariedade de um jogo marcado: ganha quem de saída dispõe dos instrumentos para ganhar. Temos assim pelo menos dois níveis de discriminação: o dito ou explícito e o não dito ou implícito”.

Na realidade o ensino linguístico em sala de aula caminha a passos lentos para que haja afinal uma pedagogia da variação. Estudiosos como Castilho (2004, 2011), Bortoni-Ricardo (1982, 1986, 2004, 2005, 2006), Mattos e Silva (2004) e Cyranka (2007) admitem que ainda há muito para ser feito na escola pública, carente de recursos e de projetos políticos eficientes, para que as mudanças sejam praticadas e, para isso, a escola deverá incorporar uma visão menos preconceituosa em relação à diversidade da língua.

Mattos e Silva (2004, p.136) discute que esse quadro ainda se faz presente, pois “o ensino tradicional não tem dado suporte para que aluno se torne apto para adequar sua linguagem”. O que a escola fez foi investir rigorosamente, por muito tempo, apenas no conhecimento da descrição da língua, supondo que, a partir deste conhecimento, o aluno melhoraria seu desempenho ao falar e escrever, perseguindo, no geral, a tradição normativo-prescritiva cujo modelo é um português padrão idealizado, fundado originalmente no português europeu.

Por isso “é frequente em nossa sociedade que se condenem como erro todas as formas que não estão de acordo com aquilo que está prescrito nos velhos manuais de gramática” (FARACO, 2006, p. 21), o que nos leva a almejar uma escola atual diferenciada daquela cujo ambiente se caracteriza por exigir uma só norma, a qual, muitas vezes, não lembra em nada a usada pelo aluno, distante do quadro linguístico real.

Para Bortoni-Ricardo (2005, p. 25-26), paralelamente ao ensino da norma culta nas escolas:

[...] será necessário que se preservem os saberes sociolinguísticos e os valores culturais que o aluno já tenha aprendido antes, no seu ambiente social. Resguarda-se, assim, o direito que o educando possui à preservação de sua identidade cultural específica, seja ela rural, urbana, popular ou elitista. A aprendizagem da norma culta deve significar uma ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno, que deverá aprender a empregar uma variedade ou outra, de acordo com as circunstâncias da situação de fala.

Deste modo, acreditamos não estar sendo devidamente considerado o respeito à diversidade linguística, predominando o preconceito contra a variedade linguística rural dos alunos, podendo afetar negativamente no desempenho, nos estudos ou, até mesmo, em uma hipótese mais remota, fazê-los abandonar a escola por não se sentirem respeitados.

1.3 BREVE HISTÓRICO DA SOCIOLINGUÍSTICA

Antes de apresentar a análise do *corpus*, fazemos uma breve retrospectiva da área dos estudos linguísticos que trata especificamente da relação entre linguagem e sociedade – a Sociolinguística. Ao elaborar a retrospectiva dessa respeitável área linguística, observamos que, em cada época, as teorias definiam, ao seu modo, a natureza e as características relevantes do fenômeno linguístico e, conseqüentemente, a maneira de descrevê-lo e de analisá-lo.

De acordo com Alkmim (2003, p.22), o primeiro estudo linguístico iniciou-se no século XIX, quando a língua era comparada a uma planta que nasce, cresce e morre segundo leis físicas, como um organismo natural, aplicando o conceito de evolução, desenvolvida por Darwin, utilizado para pensar e estudar a linguagem.

Essa orientação “biologizante” afastou toda a consideração de ordem social e cultural no trato do fenômeno linguístico e foi extinta somente um século depois. Para Alkmim (2003, p.24), “somente a partir de 1930, quando entra no cenário linguístico a tradição de relacionar linguagem e sociedade, inscrita na reflexão de vários autores da década como: Antoine Meillet, Mikhail Bakhtin, Marcel Cohen, Émile Benveniste e Roman Jakobson.”

Posteriormente Coseriu propõe a tríade *sistema, norma e fala*, considerando que “a língua não pode ser isolada dos fatores externos – isto é, de tudo aquilo que constitui a fisicidade, a historicidade e a liberdade expressiva dos falantes”. (1979, p.19). Sua teoria contribuiu para chegarmos ao sentido dos termos “sistema” e “norma” sendo “sistema” definido como conjunto de possibilidades que se abrem para um falar compreensível numa

comunidade; e “norma” correspondente ao conjunto de realizações obrigatórias, consagradas e compartilhadas dentro dessa mesma comunidade de falantes.

Ainda que sua teoria tenha contribuído com o campo sociolinguístico, o foco dos estudos sobre a língua atrelada ao contexto social só se destacou a partir de 1964, com as pesquisas sociolinguísticas expostas nos Estados Unidos em um congresso da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, organizado por William Bright.

Essa nova disciplina deveria dar conta da dimensão sócio-histórica do fenômeno linguístico, ou seja, dos fatos concernentes à variação e à mudança linguística entrelaçados à interação entre a língua e a sociedade. Nesse sentido, Alkmim (2003, p.31) assim define a Sociolinguística:

A Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.

O rótulo “Sociolinguística” reuniu e agregou, em seu início, pesquisadores marcados pela formação acadêmica em diferentes campos do saber e marcados também pela preocupação com implicações teóricas e práticas do fenômeno linguístico, surgindo pesquisas voltadas para as minorias linguísticas e para a questão do insucesso escolar de crianças de grupos sociais desfavorecidos.

Ainda segundo Alkmim (2003 p. 42-43):

Para a Sociolinguística a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental, que orienta e sustenta a observação, a descrição e a interpretação do comportamento linguístico. As diferenças linguísticas, observáveis nas comunidades em geral, são vistas como um dado inerente ao fenômeno linguístico. A não aceitação da diferença é responsável por numerosos e nefastos preconceitos sociais e, neste aspecto, o preconceito linguístico tem um efeito particularmente negativo. A sociedade reage de maneira particularmente consensual quanto se trata de questões linguísticas: ficamos unanimemente chocados diante da palavra inadequada, da concordância verbal não realizada, do estilo impróprio à situação de fala [...].

Por meio dos pressupostos sociolinguísticos, entendemos que não há nada de errado com as variedades que tomamos para nós. Nesse sentido, é preciso ter claro que não existe homogeneidade linguística. Desta maneira, abordamos a concepção que temos de norma e variação, pois, de acordo com a Sociolinguística, por meio de uma educação linguística sistemática, poderemos levar o aluno a se tornar apto para fazer uso das mais

diversas variedades, ampliando-lhe a competência em atividades que favoreçam seu reconhecimento pelos diferentes padrões culturais e linguísticos existentes em nossa sociedade.

1.4 NORMA E VARIAÇÃO

Mattos e Silva (2004, p.303) expõe que, embora o Brasil tenha avançado nos estudos sociolinguísticos desde 1970, com o Projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta) e com pesquisas que envolvem o português colocado em prática, ainda não somos capazes de traçar o perfil da comunidade de fala brasileira em sua globalidade. Para Bortoni-Ricardo (2004, p.54), isso se explica pelo fato de o português brasileiro se apresentar, como qualquer outra língua viva, em constante mudança, estando não apenas em uma situação diglósica⁵, mas também por configurar-se como um sistema em um contínuo dialetal que tem, em seus extremos, variedades opostas. Em um extremo, temos as expressões de falantes “não-urbanos” e “não escolarizados”, e no extremo oposto “a variedade culta” expressa, sobretudo, na escrita que persegue o normativismo tradicional.

Sendo assim, a língua se configura como um sistema heterogêneo, em que se entrecruzam e correlacionam fatores intra e extralinguísticos, ou seja, fatores estruturais e fatores sociais como classe, sexo, idade, etnia, escolaridade e estilo. Se os usos variam geográfica, social e historicamente, a norma espontânea varia da mesma maneira. Não teremos as mesmas normas linguísticas usadas por escolarizados e não escolarizados, no português escrito e no português falado, hoje e daqui a cem anos.

Por isso, Alkmim (2003, p.39) defende que, em qualquer comunidade de fala, podemos observar a coexistência de um conjunto de variedades linguísticas, e tal coexistência não se dará no vácuo, mas no contexto das relações sociais, estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade, reforçando que, na realidade objetiva da vida social, há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso, que refletirá a hierarquia dos grupos sociais.

Castilho (2010, p. 90) corrobora com a autora quando afirma que “nas mais diversas comunidades, há sempre uma variedade social de maior prestígio, a que se denomina

⁵ Ferguson definiu diglossia como a coexistência, na mesma comunidade, de duas formas linguísticas, que ele batiza de “variedade baixa” e “variedade alta”. Mais informações sobre assunto podem ser buscadas em Calvet (2002, p.59).

“*norma* ou *padrão*”, resultado das forças coletivas que cobram certa fidelidade de seus membros aos diferentes produtos culturais”. Segundo o autor:

O locutor e o interlocutor atuam em diferentes espaços, concretamente configurados, desenvolvendo seu(s) próprio (s) tópico (s) conversacional (is). Para se comunicar com eficiência, eles fazem diferentes escolhas no multissistema linguístico, as quais deixarão marcas formais em sua produção linguística. Num sentido mais estrito, e de maior interesse para o ensino, isso revela-nos que o locutor poderá modificar sua linguagem de acordo com o que ele entende como sendo a norma de prestígio da comunidade da qual se integra. (CASTILHO, 2010, p.197)

Desta maneira, consideramos oportuna a recapitulação do que se define como norma. Castilho (2004, p.30) conceitua três tipos diferentes de norma: norma objetiva (ou padrão real), norma subjetiva (ou padrão ideal) e norma prescritiva (ou padrão escolar). A “*norma objetiva*” é classificada como aquela explícita ao padrão real, ou seja, é a linguagem praticada pela chamada classe socialmente prestigiada, escolarizada. Trata-se de um dialeto social com ascendência de natureza econômica que, em si, nada tem de “melhor” em relação aos demais, decorrendo seu prestígio unicamente da importância da classe social a que corresponde.

Norma subjetiva é conceituada por Castilho como aquela implícita ou ideal, é a atitude que o falante assume perante a norma objetiva; constitui, portanto, um conjunto de juízo de valores emitidos pelos falantes a respeito da norma objetiva. Para o autor podemos avaliar a norma subjetiva por meio de testes especiais, pois:

Os testes especiais foram concebidos pela Sociolinguística para apurar essas preferências, naturalmente após se ter obtido uma boa descrição da norma objetiva, tornou-se bem conhecido entre nós o ensaio de William Labov (1974a), “propondo uma categorização da fala em “situação de entrevista”, “estilo de leitura” e “pares mínimos”. (CASTILHO, 2004, p.30)

A terceira norma é classificada pelo autor como *prescritiva*, a qual “decorre da combinação da *norma objetiva* com a *norma subjetiva*”. Em outras palavras, a *norma prescritiva* será determinada pela gramática normativa, sendo, portanto, a que deve ser ensinada na escola e utilizada pelas pessoas em situações formais.

Luchesi (2004, p.64) já apontava que a realidade linguística brasileira não é apenas heterogênea, mas também polarizada, definindo, dentro do diassistema heterogêneo do português do Brasil, dois sistemas igualmente variáveis: a norma culta e a norma vernácula. A primeira, possuindo formas contidas e prescritas pela gramática normativa, enquanto a

segunda se caracteriza pelo uso de formas mais coloquiais, utilizadas no dia a dia, desprezadas do segmento culto.

Faraco (2002) conceitua a norma-padrão, como aquela associada à cultura escrita, à classe “dominante” de maior poder dentro de certa comunidade. Segundo o pesquisador:

Numa sociedade diversificada e estratificada como a brasileira, haverá inúmeras normas linguísticas, como por exemplo, a norma característica de comunidades rurais tradicionais, do mesmo modo, a parcela da população que mais direta e intensamente lida com a cultura escrita terá também uma norma própria. (FARACO, 2002, p.40)

O autor alude que não podemos confundir a expressão “norma culta” com “norma-padrão”. A primeira seria praticada em determinadas situações que envolvem certo grau de formalidade, estando ligada a grupos sociais mais diretamente relacionados à cultura escrita. A segunda poderá desencadear um processo unificador que visa a uma relativa estabilização linguística, buscando neutralizar e/ou controlar a mudança.

Para Soares (2004, p.166), o estigma sobre a fala que foge da norma culta teria origem na década de 1950, ano de início de uma real modificação no conteúdo da disciplina de português, fruto de uma progressiva transformação das condições sociais e culturais e, sobretudo, das possibilidades de acesso de seu público à escola. Nessa perspectiva, o ensino de Língua Portuguesa adotou como objeto de instrução um modelo prescritivo da língua, concedendo primazia à abordagem das nomenclaturas, ou melhor, dos compêndios canônicos ditados pela gramática normativa.

Esse modelo teórico-metodológico alçava o aluno, exigindo-lhe um papel passivo que se resumia ao ato de reproduzir a escrita dos renomados autores e escritores, com a justificativa de que, ao fazer isso, alcançaria o padrão linguístico de intenso prestígio social.

Porém, Cunha (1975, p.38) já antecipava que “nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local [...], pois cada um procurará utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicando a unidade superior da língua”, conseqüentemente a língua será heterogênea e possuirá muitos tipos de variações.

Essas variações se organizam em eixos e formam a diversidade do português brasileiro. Para que pudéssemos descrevê-los nos pautamos em Camacho (1988) e Castilho (2010).

1.4.1 Tipos de variação

Camacho (1988) expõe que os níveis de variação linguística poderão receber diferentes denominações, originadas da existência de múltiplos fatores:

“Dialeto” – variações faladas por comunidades geograficamente definidas. “Idioma” é um termo intermediário na distinção dialeto-linguagem e é usado para se referir ao sistema comunicativo estudado quando sua condição a iguala a linguagem. “Socioleto” – variações faladas por comunidades socialmente definidas. É a linguagem padrão standardizada em função da comunicação pública e da educação. “Idioleto” – é uma variação particular, isto é, o vocabulário especializado e/ou a gramática de certas atividades ou profissões. “Etnoleto” – variação para um grupo étnico e “Ecoleto” – um idioleto adotado por uma casa. (CAMACHO, 1988, p.38)

Ainda, de acordo com o autor, há no seio do mesmo instrumento de comunicação, quatro modalidades específicas de variação linguística: histórica ou diacrônica, geográfica ou espacial, social e estilística, a serem detalhadas na próxima subseção.

Para Castilho (2010), a heterogeneidade do português brasileiro poderá se revelar a partir de um eixo de variações, classificadas em geográfica, sociocultural, individual, de canal e temática, cada uma dessas classificações organizadas por um conjunto de variantes, ou seja, um conjunto de usos linguísticos considerados relevantes para a caracterização de uma variedade.

1.4.2 Variação Histórica ou Diacrônica

A variação diacrônica diz respeito à mudança da língua ao longo do tempo e se estabelece a partir da observação de pelo menos dois estados sucessivos de uma língua, sendo observado que “a variante substituta e a substituída não coexistem no mesmo plano temporal, uma vez que uma deve cair em desuso para que a outra sobreviva” (CAMACHO, 1988, p.30). Em decorrência “é preciso lembrar que o processo de mudança linguística não é tão simples como pode parecer”

Camacho (1988) lembra que uma variante, em sua origem, em processo de adoção pela norma da comunidade, é apenas uma, das inúmeras variantes confinadas ao uso de um grupo restrito de falantes, porém, ao se propagar, poderá ser adotada por um grupo mais expressivo. Assim que o falante reconhecer nela um fator de prestígio colocará sua contrastante em desuso.

A forma antiga permanece ainda entre as gerações mais velhas, período em que as duas variantes convivem; porém com o tempo a nova variante torna-se a eleita, e finalmente consagra-se pelo uso na modalidade escrita, podendo ser mudanças lexicais ou semânticas. [...] desta forma, podem conviver no mesmo plano temporal as variantes em desuso e suas respectivas substitutas. (CAMACHO, 1988, p.30)

O processo de mudança pode ser observado com a transformação ocorrida com a palavra “você”, sobre a qual, Nascentes (1956, p.116) aponta os seguintes estágios da mudança: Vossa Mercê > vossemecê > vosmecê > vosm’cê > voscê > você. A variante passa a ser adotada por um número cada vez maior de pessoas, podendo ser futuramente incorporado à norma culta, confirmando assim o caráter instável da língua.

1.4.3 Variação Geográfica

Castilho (2010, p.198) defende que, de todas as variedades do português, a variedade geográfica é a mais perceptível, pois, ao começarmos uma conversa com alguém que não conhecemos, de imediato conseguimos perceber se ele é ou não originário de nossa região.

Esse tipo de variação caracteriza-se pelo fato de todos falarem a mesma variedade na comunidade linguística, porém, havendo determinadas diferenças que se traduzem na forma de pronunciar os sons, nas construções sintáticas e no uso característico do vocabulário. Camacho, (1988, p.31) cita como exemplo, a pronúncia de algumas regiões nordestinas, onde há abertura sistemática da vogal pretônica, como em “dezembro” e “colina” regularmente fechada em outras regiões.

O autor esclarece que o limite geográfico de uma comunidade linguística não poderá ser confundido com os limites políticos de um estado ou região, pois as fronteiras linguísticas não serão fronteiras políticas. Isso explicaria o fato de um falante de fronteira paranaense no contato direto com o dialeto usado pelos paulistas, entender uma expressão usada por eles, ou ainda, fazer uso dela, incorporando-a a seu vocabulário.

A variação geográfica poderá ser percebida também no nível semântico para denominar uma ação, um costume ou até um prato. Por exemplo, para o termo “avarento” que, segundo Ferreira (2011), é um adjetivo que significa “Aquele que tem apego sórdido ao dinheiro”, há diversas variantes, de acordo com a pesquisa realizada por Edmilson José de Sá (2011), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na Bahia, uma pessoa avarenta, será

chamada de “canguinho”, “pão-duro”, “usurave”. E na Paraíba encontraremos as lexias “amarrado”, “unha-de-fome” e “pica-fumo”.

Em relação às pesquisas sobre a variedade geográfica, temos no Brasil o importante “Projeto Atlas Linguístico do Brasil” (Projeto ALiB) cujo objetivo é descrever o português brasileiro em nível nacional, trabalhando com a coleta de dados em diversas regiões, com investigações em uma rede de pontos que se estende de Norte a Sul do país.

São objetivos específicos do Projeto ALiB, conforme o Comitê Nacional (2001, p.16 – grifo nosso):

1. Descrever a língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da Geolinguística.
2. Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas lingüísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados.
3. Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento — história, sociologia, antropologia, etc. — de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.
4. Oferecer, aos interessados nos estudos lingüísticos, *um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade lingüística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiá-los seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.*
5. Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica.

1.4.4 Variação Sociocultural

Camacho (1988, p.32) afirma ser improvável que os membros de uma comunidade, nascidos e criados num âmbito geográfico restrito, usem todas as mesmas formas de expressão. O domínio completo da língua materna é um processo constante, inacabado, que se origina do intercâmbio com outros membros da comunidade. O autor enfatiza ainda que a semelhança entre as formas de expressões dependerá do grau de intercâmbio entre os falantes.

Castilho (2010, p.204) informa que analfabetos e cidadãos escolarizados não falam exatamente da mesma forma. “Os primeiros caracterizam-se por fazerem uso do português popular, ao passo que o segundo grupo se caracteriza pelo uso do português culto.

Para o autor, não há uma oposição categórica entre fala popular e fala culta, ocorrendo, em muitos casos, um compartilhamento de propriedades. Em alguns casos, a preferência culta poderá se mesclar com a preferência popular. Em situações informais, o falante culto poderá aproximar-se bastante da execução popular, ainda que não em todos os casos.

A diferença entre o português brasileiro popular e o culto está mais para uma questão de *status* do que de qualquer outra coisa, e os juízos de valor associados a essas modalidades decorrem de circunstâncias sociológicas que nada têm a ver com a enorme complexidade de ambas as variedades.

1.4.5 Variação Social

A variação social, caracterizada por Castilho como variação individual ocorre em todas as línguas, assim como no português brasileiro, nos âmbitos de: registro, idade e sexo. Para Castilho (2010), diferentes graus de intimidade caracterizam o espaço social interindividual. A língua produzida nesse eixo pode ser um registro do PB informal (ou coloquial) e do PB formal (ou refletido).

Podemos, dessa maneira, falar com um registro do PB coloquial com nossa família e com os nossos amigos; o mesmo não se daria se estivéssemos falando com alguém desconhecido. É provável que falássemos com mais cuidado, escolhendo o registro formal das palavras, reflexo da impressão que queremos causar.

Nossa linguagem poderá variar, ainda, de acordo com nossa idade. Castilho (2010, p.212) explica que os adolescentes diferenciam sua maneira de falar dos idosos. Isso pode ser verificado, por exemplo, com o uso exagerado de gírias usadas pelo público mais jovem, ou ainda pelo uso de jargões que faziam parte da vivência antiga.

Camacho (1988, p. 32-33) caracteriza a variação social, desta maneira, como resultado da tendência do indivíduo de assemelhar seus atos verbais ao grupo do qual faz parte ou deseja fazer; assim, o autor enfatiza que o adolescente se afasta do padrão usado por adultos e utiliza gírias como forma de marcar sua identidade.

A fala de Castilho (2010, p.212) corrobora a de Camacho, pois o autor afirma que, com a idade, nós poderemos preservar nossa linguagem, o que poderá causar diferenças dialetais ao longo dos anos: “sabe-se que velhos falam como se falava antes, e jovens acolhem as mudanças na língua que foram generalizadas posteriormente, jovens usam mais gírias que velhos”.

Castilho expõe ainda que, nesse tipo de variação, há diferenças morfológicas encontradas entre a fala de um homem e a de uma mulher. Muitas pesquisas se dedicam a esse tipo de variação e, de acordo com seus resultados, homens e mulheres variam sua fala, uma vez que desempenham papéis diferentes na sociedade ocasionando padrões comportamentais distintos. Por exemplo, Labov (1972, p. 243) afirma que “na fala cuidada, as mulheres utilizam menos variantes estigmatizadas do que os homens do mesmo grupo social e sob as mesmas circunstâncias; fazendo mais o uso das variantes de prestígio do que os homens”.

1.4.6 Variação de canal

Castilho (2004, p. 212) destaca que a comunicação linguística pode ocorrer em presença do interlocutor, quando falamos, ou na ausência, quando escrevemos. Isso nos leva à variação de canal, ou seja, iremos controlar o que falamos ou escrevemos dependendo de quem irá nos ouvir ou de quem irá ler o que escrevemos. Em qualquer uma dessas situações, o locutor não estará sozinho para a construção de seus enunciados, que serão, de certa forma, controlados pelo seu interlocutor, presente ou ausente.

Para Camacho (1988, p. 33-34), tal diferença inclui-se na variação estilística, uma vez que essa variação trata da situação de fala de adequação da linguagem. Desta maneira, é necessário que o falante tenha consciência das inúmeras formas linguísticas existentes no português brasileiro de modo que, ao falar, possa refletir sobre qual estilo deverá utilizar: o formal ou o informal.

O resultado dessa variação será, de acordo com Camacho (1988), a adaptação que o falante fará a partir das situações vivenciadas por ele, ou seja, sua variedade poderá se modificar de acordo com seu grau de reflexão. Para isso, seu estilo poderá ter um grau mínimo de reflexão, em ambientes familiares de seu cotidiano com um estilo informal, ou em um grau máximo de reflexão, utilizando um estilo mais formal, com uma elaboração mais complexa.

Para exemplificar esse tipo de variação, o autor faz uso da figura de estilo do médico que, ao se encontrar com os amigos, no clube ou em um ambiente mais familiar, não se expressará da mesma forma do que faria se estivesse versando sobre os efeitos do fumo nas vias respiratórias a uma plateia seleta.

1.4.7 Variação Temática

A variação temática está relacionada ao modo como tratamos o assunto que está sendo desenvolvido. De acordo com Castilho (2004, p.33), ao falarmos de assuntos do dia a dia, usamos o português corrente. Ao falar de assuntos especializados, usamos o português técnico. Essas variedades distinguem a linguagem do cidadão comum, da linguagem dos cientistas, dos clérigos, dos políticos entre outros.

Porém, como ocorre com outras variedades do português brasileiro, também a linguagem corrente se encontra em mais de um ponto, o que ocasiona a migração de termos técnicos para o uso corrente. Essa migração é mais visível quando a linguagem técnica ocorre numa atividade de importância social para uma comunidade de fala.

Para isso, o autor cita como exemplo a generalização de expressões técnicas entre o povo, como: “os negócios vão de vento em popa”. De acordo com Castilho, isso poderia explicar-se pelo fato de a marinha ter sido muito importante para Portugal.

Outro destaque do autor são os termos técnicos que a população integrou à sua linguagem corrente. Graças à importância dada ao futebol e ao carnaval no Brasil, surgiram expressões como: “Coitado, ficou para *escanteio* a vida inteira”, ou ainda, “você ganhou no *quesito* paciência”. O termo “quesito” aparece na lista de exigências feitas a uma escola de samba durante um desfile de carnaval. Trata-se de termos utilizados anteriormente por especialistas e/ou técnicos, os quais a população adotou após ouvi-los frequentemente.

1.4.8 A Variação Linguística Através de Três Contínuos

Para Bortoni-Ricardo a variação linguística no Brasil se manifesta por meio de três contínuos: “urbanização, oralidade-letramento e monitoração estilística” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 51).

Para esclarecermos melhor, iniciamos com a definição do primeiro contínuo: o *de urbanização*, o qual possui em suas extremidades os falares *urbanos e rurais*.

De acordo com a autora, os falares urbanos, que se encontrariam em uma ponta do contínuo de urbanização, são aqueles que foram sofrendo ao longo dos anos influência da codificação linguística urbana, tais como a definição do padrão correto de escrita, do padrão correto de pronúncia, da composição de dicionários e gramáticos. Com isso as comunidades sofreram a influência de agentes padronizadores da língua, como organizações religiosas, políticas e comerciais, no âmbito das quais são usados

preferencialmente estilos monitorados da língua, tanto na modalidade escrita quanto no oral. Já, o falar rural, que se encontraria na outra ponta do contínuo de urbanização, caracteriza-se por ser mais isolado pela dificuldade geográfica do acesso de agentes padronizadores.

E entre os dois pólos do contínuo de urbanização, há o que Bortoni- Ricardo define como *rurbano* que se distingue por ser formado pelos migrantes de origem rural, os quais preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semi-rurais, que estão submetidos à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agrária.

Por meio do contínuo elaborado por Bortoni-Ricardo, observamos que formas típicas dos falares do pólo rural vão desaparecendo à medida que se aproximam do pólo urbano. Desta forma, o contínuo de urbanização não possui fronteiras rígidas, que separam os falares urbanos, *rurbanos*, e rurais, pois suas fronteiras são fluidas e há sobreposição entre esses tipos de falares.

A autora aponta que, nesse contínuo, podemos encontrar traços “descontínuos” e “graduais”. Como exemplo de distribuição *descontínua* em área urbana menciona o uso de vocábulos como “*inté*”, “*prantei*”, “*percisa*”, “*foia*”, e como exemplo de traços *graduais*: “*limoero*”, “*dexei*”, que podem estar presentes na fala de todos os brasileiros.

O segundo contínuo estipulado por Bortoni-Ricardo (2004, p.61) é nomeado de *contínuo de oralidade e letramento* e se caracteriza por situar o falante de acordo com seu antecedente e seus atributos, levando em consideração os eventos mediados pela língua escrita, por isso, eventos de letramento e eventos de oralidade (sem mediação direta da escrita).

Destacamos que, assim como no caso do contínuo anterior, não existem fronteiras bem marcadas entre os eventos de oralidade e letramento: uma aula, por exemplo, pode ser permeada de “minieventos” de oralidade, embora no todo seja um evento de letramento.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p.62),

Para fazermos a distinção entre eventos de letramento e oralidade, vamos lembrar que, nos primeiros, os integrantes se apóiam em um texto escrito, que funciona como uma pauta de uma partitura musical. Esse texto pode estar presente no ambiente da interação ou pode ter sido estudado ou lido previamente. [...] Uma conversa à mesa de bar é um evento de oralidade, mas, se um dos participantes começa a declamar o poema, ele recorreu há um evento de letramento.

O terceiro e último contínuo revelado por Bortoni- Ricardo é o de *monitoração estilística*, que se ocupa com o contexto em que as interações acontecem. Leva em consideração o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa, revelando como podemos mudar de estilo, conforme as condições da interação.

Para a autora, [...] “nós nos engajamos em estilos monitorados quando a situação assim o exige, seja porque nosso interlocutor é poderoso [...] ou porque o assunto requer um tratamento muito cerimonioso” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 62-63). De modo geral, os fatores que nos levam a monitorar o estilo são: o ambiente, o interlocutor e o tópico.

Observe que, com um mesmo interlocutor, o estilo poderá tornar-se mais ou menos monitorado em função do alinhamento que assumimos em relação ao tópico e ao próprio interlocutor. Para passar de “conversa séria” a uma “brincadeira”, podemos mudar nosso estilo. Quando vamos mudar de estilo, passamos pistas, que podem ser verbais ou não verbais e que transmitem informações do tipo: “isso é uma brincadeira”, “estou falando sério”, “estou ralhando com você”. A variação ao longo do contínuo de monitoração estilística tem, portanto uma função muito importante de situar a interação dentro de uma moldura ou enquadre. As molduras servem para orientar os integrantes sobre a natureza da interação. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.63).

Podemos afirmar que a proposta de Bortoni-Ricardo (2004), ao sugerir contínuos de urbanização, oralidade de letramento e de monitoração estilística constitui valioso instrumento de avaliação da fala do português brasileiro.

1.5 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

O interesse em estudar a língua atrelada ao comportamento social humano nos fez optar pelo campo de estudo das crenças e atitudes linguísticas, pois, de acordo com Lambert e Lambert (1968, p.83), as atitudes exercem uma função social que pode determinar o comportamento do falante, afetando seus julgamentos e percepções sobre outros, ajudando a determinar os grupos com os quais se associam as profissões escolhidas e até a filosofia à sombra da qual vivem.

Essa abordagem do estudo experimental dos indivíduos, examinados em seu enquadramento social e cultural, encorajou a psicologia social a incluir em sua perspectiva o mundo social que afeta o comportamento do indivíduo em seu modo de interação, passando mais tarde a ser utilizada por linguistas, permitindo à Sociolinguística destacar atitudes ou representações linguísticas.

Gómez Molina (1998, p.25) pondera que “essa técnica atua junto à consciência linguística”, na explicação da competência dos falantes, permitindo ao pesquisador aproximar-se do conhecimento das reações subjetivas diante da língua e/ou das línguas que usam os falantes.

O procedimento instaurado por Lambert e Lambert, na década de 60, permitiu aos linguistas identificarem, por meio da língua, diferentes comportamentos linguísticos. Para Cyranka (2011, p.41), essa técnica permite verificar “a conduta do falante frente a sua própria fala e as atitudes e sentimentos frente ao falar do outro, revelando a existência de estereótipos adotados pelos grupos dominados na construção de sua própria auto-imagem.”

Moreno Fernandez (1998, p.23) esclarece que as atitudes linguísticas poderão ser vistas como “uma postura, ou um comportamento positivo ou negativo frente a uma língua ou a uma variedade linguística particular, podendo revelar uma reação favorável ou desfavorável face ao modo de falar do outro”.

Isso se explica, de acordo com Aguilera (2008, p.106), porque a língua não está desvinculada de seu contexto social, principalmente na sua condição de aspecto constituidor da identidade de determinado grupo étnico. Segundo a autora, decorre daí que, “na maioria das vezes, ao caracterizar um grupo ao qual não pertence, a tendência é o usuário fazê-lo de forma subjetiva, procurando preservar o sentimento de comunidade partilhado, classificando o outro como diferente”.

A partir desses julgamentos, somos capazes de identificar os grupos de falantes de determinadas variedades, tais como os ligados às questões de etnia ou de prestígio social. Deste modo, os grupos sociais que detêm maior prestígio social ou ocupam lugar elevado na escala socioeconômica, acabam por conduzir as atitudes linguísticas da comunidade de fala.

Os psicólogos sociais William e Wallace Lambert (1968, p. 77 -78) definem “atitude” como “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação às pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”. Seus componentes essenciais são os pensamentos, as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir.

Santos (1996, p.8) diferencia “crença” de “atitude” e estipula que “a crença seria uma convicção íntima, uma opinião que se adota com fé e certeza. [...] Já atitude seria uma disposição, propósito ou manifestação de intento ou propósito”.

Tomando atitude como manifestação ou expressão de opinião ou sentimento, chegamos ao entendimento de que nossas reações frente a determinadas pessoas, a determinadas situações, a determinadas coisas seriam atitudes que manifestam nossas convicções íntimas, ou seja, revelam o que pensamos, ou sentimos por elas. Com efeito, “os comportamentos são, ao mesmo tempo, linguísticos e sociais, pois, há por trás deles relações de força, que se exprimem mediante asserções sobre a língua, mas que se referem aos falantes dessa língua” (CALVET, 2002 p.77).

Um bom exemplo de comportamento de prestígio em relação à fala foi o apontado na pesquisa de Alves (1979), em que migrantes nordestinos, estabelecidos em São Paulo e provenientes de condições socioeconômicas culturais menos favorecidas, buscavam reproduzir a variante paulista, por verem nela a possibilidade de conquistar o respeito e a estima dos indivíduos que a valorizavam como de prestígio linguístico.

Deste modo, de acordo com Moreno Fernandez (1998, p.3), o estudo das atitudes linguísticas é imprescindível para planejarmos, com a possibilidade de êxito, qualquer ação que afete a difusão de uma língua: seu uso ou seu ensino. Além disso, o juízo sobre uma língua atingirá seu falante, como resultado de estereótipos que não se referem às línguas apenas, mas também às variantes geográficas das línguas, frequentemente classificadas pelo senso comum ao longo de uma escala de valores.

Os estereótipos referem-se ao “bem falar”. Ouvimos dizer em todos os países que há um lugar onde a língua nacional é pura [...] Por trás desses estereótipos se perfila a noção de Bom usage (“uso certo”), a ideia segundo a qual há modos de bem falar a língua e outros que, em comparação, são condenáveis. (CALVET, 2002, p.67-68).

1.5.1 Os princípios que regem as Crenças e Atitudes Linguísticas

Para Moreno Fernández (1998, p.145), “as atitudes linguísticas são especificamente uma manifestação da atitude social do indivíduo centrada tanto na língua como no uso que se faz dela na sociedade.” E a interação social é, de acordo com Lambert e Lambert (1968, p.127), o processo pelo qual as pessoas se influenciam mutuamente através do intercâmbio recíproco de pensamentos, sentimentos e reações. Sendo assim, uma atitude poderá ser formada quando esses componentes se encontram de tal modo interrelacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associados com uma maneira particular de pensar de certas pessoas ou acontecimentos.

Moreno Fernandez (1998) corrobora a definição de atitudes linguísticas proferidas por Lambert e Lambert (1968):

Las actitudes linguisticas tienen que ver con las lenguas mismas y con la identidad de los grupos que las manejan. Consecuentemente es lógico pensar que, puesto que existe una relación entre lengua e *identidad*, ésta ha de manifestarse en las actitudes de los individuos hacia esas lenguas y sus usuarios. (MORENO FERNÁNDEZ⁶, 1998, p.180 - grifo do autor)

Moreno Fernandes (1998) complementa ainda que os estudos voltados para essa natureza possibilitam o conhecimento de processos como: a eleição de uma língua em sociedades multilíngues, a inteligibilidade, o planejamento linguístico, o ensino de línguas. Ademais, ele afirma que as atitudes agem decisivamente nos processos de variação e mudança linguísticas que se produzem nas comunidades de fala:

[...] una actitud favorable ou positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra. [...] Una actitud desfavorable ou negativa puede llevar el abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico.⁷ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.179).

Lambert e Lambert (1968) definem três princípios que explicam como o indivíduo aprende as atitudes:

- i) Associação – princípio pelo qual se evita o contato com pessoas ou coisas que nos desagradem e nos aproximam daqueles que nos trazem coisas agradáveis;
- ii) Transferência, pois transferimos nossas expectativas para determinados fins;
- iii) Satisfação de necessidade, quando procuramos nos aproximar de pessoas que associamos a coisas agradáveis. (LAMBERT: LAMBERT, 1968 p.93)

Podemos afirmar, assim, que o falante possui crenças valorativas em relação ao mundo e, conseqüentemente, sua conduta será condizente com esse saber ou crença, uma vez que são estímulos reforçados pelo meio.

⁶ As atitudes linguísticas tem relação com as próprias línguas e identidades dos grupos que as praticam. Por conseguinte, é lógico pensar que, uma vez que há relação entre língua e identidade, eles irão manifestar suas atitudes sobre os indivíduos em relação a esses idiomas e seus usuários (tradução nossa, grifo do autor)

⁷ Uma atitude positiva ou favorável pode fazer com que a mudança linguística se realize de forma mais rápida, como em certos contextos que predomina o uso de uma língua em detrimento de outra. Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e negligência de uma língua ou impedir a propagação de uma variante ou uma mudança linguística. (Tradução nossa)

William e Wallace Lambert (1968, p. 80) expõem que “as atitudes não são necessariamente sempre as mesmas”, além disso, não é possível fazer medições diretas de processos psicológicos tão complexos quanto as atitudes, pois, quando se pede que exprima ou examine suas atitudes, a maioria das pessoas dá descrições incompletas, superficiais e, muitas vezes, deformadas de si mesma. A tarefa dos psicólogos é a dedução das características e existências das atitudes por meio de informações acessíveis sobre os pensamentos, sentimentos e tendências reativas dos indivíduos.

Cabe ainda ressaltar que o indivíduo adota atitudes de outras pessoas, fora da família, à medida que cresce e incorpora atitudes que parecem apropriadas para pertencer a grupos que julga importante. Por vezes, é possível mudar de atitudes como meio de abandonar um grupo e integrar-se a outro.

À primeira vista, a mudança de atitudes poderá parecer tratar-se de uma questão simples, uma vez que são aprendidas, porém, de acordo com Lambert e Lambert (1968, p.97), as atitudes não são modificadas ou substituídas com a mesma facilidade com que são aprendidas, pois se tornam aspectos integrantes da personalidade do indivíduo, influenciando em todo o seu estilo de comportamento.

Podemos inferir, desta maneira, que há também, entre alguns alunos, diferentes crenças, dependendo do que eles têm em mente do que seja a norma exigida como a de prestígio.

Nesse sentido, Gómez Molina (1998, p.31) descreve três componentes sobre as atitudes linguísticas do falante diante do outro:

O componente cognoscitivo é, provavelmente, o de maior peso específico, nele intervêm os conhecimentos e pré-julgamentos dos falantes: consciência linguística, crenças, estereótipos, expectativas sociais (prestígio, ascensão), grau de bilinguismo, características da personalidade etc. este componente conforma, em grande medida, a consciência sociolinguística. O componente afetivo se baseia nos juízos de valor (estima-ódio) acerca das características da fala: variedade dialetal, acento, da associação com traços de identidade, etnicidade, lealdade, valor simbólico, orgulho, e do sentimento de solidariedade com o grupo a que pertence. Às vezes os componentes cognoscitivos e afetivos podem não estar em harmonia. O componente conativo, por sua vez, reflete a intenção de conduta, o plano de ação sob determinados contextos e circunstâncias. Mostra a tendência a atuar e reagir com seus interlocutores em diferentes âmbitos ou domínios.

Nossa pesquisa possui perspectiva mentalista, pois, de acordo com Corbari (2012, p. 114-115):

A perspectiva mentalista é de natureza psicossociológica e concebe a atitude como um estado interno do indivíduo, uma disposição mental em relação a condições e fatos sociolinguísticos concretos, razão pela qual não é possível medi-la ou observá-la diretamente, mas apenas deduzi-la a partir de certa informação psicossociológica, sendo necessário recorrer a técnicas indiretas para desvelar algo tão intangível como um estado mental.

Optamos por essa perspectiva, uma vez que interpreta a atitude do falante como uma conduta, uma reação ou resposta a um estímulo – ou uma variedade linguística, por exemplo. Por isso, a concepção na perspectiva mentalista poderá ser realizada direta ou indiretamente a partir da conduta do indivíduo dentro de certas situações sociais. Nesse sentido produzimos um questionário, com estrutura fechada, por acreditarmos que as inferências indiretas levam o informante a emitir a resposta que crê ser mais adequada, possibilitando-nos interpretar e entender suas crenças e atitudes.

Essa ação se pauta em Lambert e Lambert (1968, p.80), para quem:

A informação necessária para deduzir atitudes pode ser obtida pela observação de pessoas em situações sociais especialmente criadas. Como semelhante critério exige muito tempo e não é natural para os que estão sendo observados, os psicólogos desenvolveram processos substitutos. No caso típico, solicita-se aos sujeitos que se imaginem em certas situações sociais e forneçam informações relativas a seus pensamentos, sentimentos e maneiras prováveis de comportarem-se em tais e tais enquadramentos.

As atitudes geradas nos falantes poderão ser positivas ou negativas, inculcando efeitos na língua de determinada comunidade de fala⁸, por exemplo, a hipercorreção⁹ - fenômeno atrelado à negatividade que um falante atribui ao seu próprio falar.

As atitudes costumam ser a manifestação das preferências e convenções sociais acerca do *status* e prestígio de seus usuários sobre determinada variedade, isso explica o fato de o grupo social de maior prestígio ditar a preferência de atitudes linguísticas em comunidades de fala.

Deste modo, as atitudes poderão gerar a eleição de uma nova língua, caso determinada comunidade de fala defina a vigente como de menor prestígio, levando gradualmente a antiga a ser substituída por aquela de maior *status*, ocasionando o abandono da substituída e, conseqüentemente, seu desaparecimento.

⁸ Refere-se ao conceito de comunidade de fala proposto por Moreno Fernández (1998, p.347) “Conjunto de falantes que compartilham pelo menos uma variedade linguística, algumas regras de uso, algumas interpretações desse uso, algumas atitudes e algumas mesmas valorações das formas linguísticas”

⁹ Como exemplo de hipercorreções temos “telha de aranha” e “melha” (peça do vestuário) registrados como teia (de aranha) e meia, as quais foram baseadas na analogia de palavras que apresentam iotização de palatais, como em folha>foia, galho>gaio; mulher>muié, formas estigmatizadas.

Cuanto mejor sea el estatus de una lengua, cuantos más hablantes tenga y cuanto mayor sea el apoyo institucional recibido, más posibilidades habra de que se mantenga. En el momento en que una comunidad comienza a elegir una lengua en âmbitos o domínios en los que tradicionalmente se há utilizado outra, comienza el desplazamiento y la sustitución de la lengua¹⁰ (MORENO FERNANDEZ, 1998, p.250)

Os psicólogos sociais alertam que não estamos completamente cõscios da maioria das nossas atitudes, nem da extensa influência que elas têm sobre o nosso comportamento social. Contudo, em uma análise mais detalhada, podemos localizar certas atitudes dentro de nós. Para isso, os autores apresentam a seguinte hipótese: “se uma pessoa desenvolveu uma forte atitude negativa em relação ao comunismo, ela irá considerar e avaliar qualquer ação cometida pelos comunistas de uma maneira estereotipada” (LAMBERT e LAMBERT, 1968, p.78).

O campo das crenças e atitudes tem muito a contribuir para os estudos sociolinguísticos, pois, por meio de pesquisas nessa área, é possível entender como o ambiente social pode interferir no posicionamento do falante, além disso, suas contribuições auxiliam na desmistificação de que a língua é homogênea, auxiliando os educadores e estudiosos a assumirem uma postura menos preconceituosa.

Para Moreno Fernandez (1998, p.134):

El éxito de este modo de trabajo está en los beneficios que se obtienen para valorar el funcionamiento de un modelo educativo y sus probabilidad de éxito: las conclusiones que proporcionan los análisis permiten retocar los planes de estudio de los centros educativos, los contenidos de las asignaturas, el tiempo dedicado a la enseñanza de cada lengua y las técnicas pedagógicas empleadas en el aula, entre otros aspectos.¹¹

¹⁰ Quanto maior for o *status* de uma língua, quanto mais falantes ela tiver e quanto maior for o apoio institucional recebido, mais possibilidade haverá de que ela se mantenha. No momento em que uma comunidade começa a eleger uma língua em âmbitos ou domínios em que tradicionalmente se tem utilizado outra, começa o deslocamento e a substituição de uma língua em curso [tradução nossa]

¹¹ O sucesso deste trabalho está nos benefícios que se obtêm para valorar o funcionamento de um modelo educativo e suas probabilidades de êxito: as conclusões que proporcionam as análises permitem retocar os planos de estudo dos centros educativos, os conteúdos das disciplinas, o tempo dedicado ao ensino de cada língua e as técnicas pedagógicas empregadas na aula, entre outros aspectos. [tradução nossa]

1.6 A SOCIOLINGUÍSTICA EM SALA DE AULA

1.6.1 A Sociolinguística *Versus* o Mito do monolinguísmo Brasileiro na Escola.

Embora haja inúmeros estudos e pesquisas que envolvam e comprovem a variedade linguística brasileira, ouvimos ainda hoje, na escola, que o Brasil é um país privilegiado do ponto de vista linguístico, pois, se caracteriza como monolíngue.

Em artigo publicado em 1986, Bortoni-Ricardo comenta esse fato e afirma que tal informação, mesmo que sem fundamento, mostra-se com raízes profundas em nossa cultura, revelando-se um mito de “consequências danosas, pois à medida que não reconhecemos os problemas de comunicação entre falantes de diferentes variedades da língua, nada fazemos também para resolvê-los” (BORTONI-RICARDO, 1986, p.10).

Sobre esse fato, Bagno (2007, p.18) afirma:

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a *verdadeira diversidade linguística* de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão. (grifo do autor)

Capelo (2013, p.95), ao comentar a diversidade linguística, sinaliza que “se a escola seguir uma orientação curricular uniforme e homogeneizante para alunos que são diferentes estará se assemelhando a uma agência de transmissão de informações”. Ou seja, a própria instituição escolar será reprodutora de um discurso dogmático, ensinando aos alunos que há uma única variedade no português brasileiro, aquela usada na escola.

De fato, será necessária a persistência do professor de língua portuguesa para incorporar às suas aulas um discurso menos homogeneizante e preconceituoso, apropriando-se dos pressupostos da ciência da linguagem, que desde o início do século XX sinalizam para a heterogeneidade da uma língua. Nosso país revela-se plurilíngue. Conforme estimativas de Rodrigues (1993, p.23), falava-se só no Brasil, antes da colonização, perto de 1.100 línguas indígenas, que, devido às políticas homogeneizadoras e repressivas, iriam se reduzir drasticamente no decorrer dos anos.

Oliveira (2004, p.4) acena que “não só os índios foram vítimas da política linguística dos estados lusitano e brasileiro: também os imigrantes, chegados principalmente

depois de 1850, e seus descendentes passaram por violenta repressão linguística e cultural”. Para que reconheçamos a heterogeneidade linguística brasileira, a autora menciona que:

A história nos mostra que poderíamos ter sido um país ainda muito mais plurilíngue, não fossem as repetidas investidas do Estado (e das instituições aliadas, ou ainda a omissão de grande parte dos intelectuais) contra a diversidade cultural e linguística. Essa mesma História nos mostra que fomos um país pluricultural e multilíngue, não só pela atual diversidade de línguas faladas no território, mas ainda pela grande diversidade interna da língua portuguesa aqui falada, obscurecida por outro preconceito, o de que o português é uma língua sem dialetos. (OLIVEIRA, 2000, p.6)

A diversidade da língua poderá ser reconhecida facilmente, em uma comparação entre a fala de um idoso e de um jovem, ou ainda a de um jovem catarinense e um jovem baiano. As diferenças poderão ser percebidas inclusive por leigos. Esses fatos poderão ser utilizados em salas de aula como exemplo concreto, para que os alunos entendam os mais diversos dialetos, trazendo ao cenário escolar a riqueza de uma cultura diversificada.

1.6.2 O que Esperamos como Professores

Como professores, devemos questionar o ensino de língua portuguesa descontextualizado, reconhecendo a existência da variedade linguística brasileira, que se materializa em sala de aula.

Devemos tomar uma postura menos submissa à gramática tradicional e provocar em nossos alunos a compreensão das muitas maneiras de dizer o mesmo enunciado, tornando-os capazes de perceber as razões pelas quais cada um fala como fala, levando-os a refletir sobre o porquê de os falantes do português brasileiro realizarem determinadas formas linguísticas. Assim, os alunos poderão reconhecer a ordenação valorativa que algumas variedades linguísticas possuem em uso, discutindo em sala a hierarquia dos grupos sociais, eliminando o equívoco em classificar algumas variedades em superiores e outras em inferiores. Em outras palavras, como afirma Gnerre (1998, p.06- 07) “uma variedade linguística “vale” o que “valem” na sociedade os seus falantes”, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais.

Isso explicaria o fato de aqueles que falam de uma maneira mais próxima da língua culta sofrerem menor preconceito linguístico se comparados aos falantes que usam uma variante mais distante da “dominante” que, como sabemos, não é melhor nem pior que a usada por uma minoria, mas apenas diferente.

Essa visão conservadora mostra-se contrária inclusive ao exigido pelas próprias autoridades educacionais, pois, de acordo com Castilho (2011, p.99), “em 1999, o governo federal editou os Parâmetros Curriculares Nacionais, representando um grande avanço na política linguística, com sua ênfase nos usos da linguagem e na valorização da fala”, exigindo a abordagem da variação dentro do espaço escolar.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1998, p.82) estipulam que “O estudo da variação cumpra um papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, estando sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa.” Além dessa menção ao trabalho com a variação, os PCNs (1998) recomendam que os alunos aprendam a “utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade linguística valorizada socialmente, *sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participa*” (BRASIL, 1998, p.41 - grifo nosso)

Entendemos que, com a abordagem da diversidade linguística, o aluno poderá se apropriar da língua portuguesa com sua ampla gama de variação, tornando-se um falante competente nas mais diferentes situações sociais, marcadas pelo grau maior ou menor de formalidade.

1.6.3 Como devemos Trabalhar a Variação Linguística

Ao rejeitar o mito do monolíngüismo português brasileiro, justificamos um ensino voltado para a variação em sala de aula, estabelecido inclusive pelos órgãos educacionais.

De acordo com os PCNs, o professor deverá:

1. Expandir o uso da linguagem em instâncias privadas e utilizá-la com eficácia em instâncias públicas, **sabendo assumir a palavra e produzir textos – tanto orais como escritos** – coerentes, coesos, adequados a seus destinatários, aos objetivos a que se propõem e aos assuntos tratados;
2. **Utilizar diferentes registros**, inclusive os mais formais da variedade linguística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participam;
3. **Conhecer e respeitar as diferentes variedades linguísticas** do português falado;
4. **Compreender os textos orais e escritos** com os quais se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz;
5. Utilizar a linguagem como instrumento de aprendizagem, sabendo como proceder para ter acesso, **compreender e fazer uso de informações contidas nos textos**: identificar aspectos relevantes; [...]

6. Valer-se da linguagem para **melhorar a qualidade de suas relações pessoais e opiniões**, bem como de acolher, interpretar e considerar os outros, contrapondo-os quando necessário;
7. Usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de **reflexão sobre a língua** para expandir as possibilidades de uso da linguagem e a capacidade crítica;
8. **Conhecer e analisar criticamente os usos da língua como veículo de valores e preconceitos de classe, credo, gênero ou etnia.** (BRASIL, 1997, p.33 - grifos nossos).

Tais objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais alertam o professorado sobre a necessidade de auxiliar o aluno a conhecer e compreender a variação.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo focaliza as estratégias de trabalho de campo e o método utilizado para a realização da pesquisa, bem como apresenta as características do local da pesquisa e da população amostral. A primeira seção é dedicada a uma descrição do local, com detalhamento de informações demográficas e etnográficas da comunidade da qual participam os alunos sujeitos da pesquisa. A segunda seção expõe os procedimentos de amostragem.

2.1 O LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi conduzida no município de Andirá, estado do Paraná. Segundo dados disponibilizados pela prefeitura municipal, desde sua fundação, pelos idos de 1927, Andirá, então chamada de Ingá, esteve ligada politicamente à cidade vizinha, Cambará. Somente, pelo Decreto-Lei Estadual número 347 de 30 de março de 1.935, o povoado de Ingá foi elevado à categoria de Vila, com a criação do Distrito Jurídico e da instalação do Cartório, obtendo sua emancipação política em 1943.

De acordo com o último Censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), em 2010, Andirá possuía uma população de 20.610 habitantes.

Predomina, no município, o minifúndio em propriedades com área média de 40 hectares. As principais culturas são: soja, milho, trigo, café, algodão, cana-de-açúcar, banana e abacate, constituindo-se em um dos maiores centros de piscicultura do Brasil, com 48 produtores, 150 tanques, alcançando uma produção de 600.000 quilos de peixes por ano.

Situado entre os rios Paranapanema e Cinzas, conta ainda com dezenas de ribeirões, tornando a água superficial abundante, além de contar com o lençol freático subterrâneo do aquífero Botucatu com capacidade de 200.000 litros de água/hora.

Possui um comércio variado onde se destacam os supermercados, lojas de roupas, calçados, confecções, restaurantes, autopeças, materiais para construção, móveis e eletrodomésticos, insumos e defensivos agrícolas. É o 31º município do Paraná em consumo de energia industrial.

Figura 1 – Mapa do estado do Paraná com destaque para a cidade de Andirá



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Parana_Municip_andirá.svg. Acesso em: 22/04/2014- (Material adaptado)

Nossa pesquisa se cumpriu em uma escola localizada em um distrito rural chamado Patrimônio Nossa Senhora Aparecida, situado a 12 km da cidade de Andirá. Optamos pela referida escola por se caracterizar como uma comunidade de fala¹² do campo, ou seja, situar em um cenário de educação rural.

A escola, até o ano de 1998, atendia apenas as séries iniciais da educação básica, uma vez que a região não possuía público suficiente para abertura de salas para as demais séries do ensino fundamental. Deste modo, para estudar, os alunos da redondeza, das propriedades rurais, se locomoviam até a cidade de Andirá de ônibus para cursar as demais séries. Essa realidade mudou a partir de 1999, em virtude da municipalização da 1ª a 4ª séries, conforme Resolução nº 717/99 de 03/03/99. Com isto, a escola passou a oferecer também o ensino fundamental II. E no ano de 2008, passou a oferecer também ensino médio noturno com a abertura da primeira série.

¹² Adotamos a definição “comunidade de fala” proposta por Moreno Fernández (1998, p.19): “una comunidade de habla esta formada por un conjunto de hablantes que comparten efectivamente, al menos, una lengua, pero que, además, comparten unas mismas actitudes lingüísticas, unas mismas reglas de uso, mismo critério a la hora de valorar socialmente los hechos lingüísticos, unos mismos patrones sociolingüísticos”. “Uma comunidade de fala está formada por um conjunto de falantes que compartilham efetivamente, ao menos, uma língua, mas que, além disso, compartilham as mesmas atitudes lingüísticas, as mesmas regras de uso, mesmo critério ao avaliar socialmente fatos lingüísticos, os mesmos padrões sociolingüísticos. (Tradução nossa)

A escola, desde o princípio até o presente momento, atende a uma clientela oriunda da zona rural, de pequenos sítios, das vilas rurais e moradores que residem no próprio Distrito de Nossa Senhora Aparecida. Descobrimos, no decorrer da pesquisa, que alguns desses alunos que não residem no próprio distrito dependem de transporte municipal para chegar até a escola, dificultando a assiduidade nas aulas, principalmente em dias de chuva, uma vez que, ao chover, algumas estradas se tornam intransitáveis.

Em seu artigo 28, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) estabelece as seguintes normas para a educação do campo:

- I - conteúdos curriculares e metodologia apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II - organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III - adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Portanto, uma escola de campo deve proporcionar um currículo vinculado às questões que abordem a realidade dos alunos que vivem em ambiente rural. Conforme expõe Mônica Molina, especialista em escola de campo, em entrevista à revista “Escola”, na edição de Abril de 2014, é importante esclarecer sobre a identidade de uma escola de campo que,

A educação nessa área é muito mais do que uma proposta pedagógica. Ela está associada à visão de campo, de desenvolvimento e da função do meio rural na sociedade brasileira. O objetivo não é, de maneira alguma, fixar as pessoas onde estão. Apesar disso, um dos princípios é garantir a elas o direito de acesso ao conhecimento sobre o local onde vivem, que garante sua sobrevivência social e material, além dos saberes universais, para que decidam se querem ficar ali ou, caso contrário, tenham condições e queiram viver na cidade. (MÔNICA MOLINA, 2014, p.3)¹³

Para conhecimento sobre a configuração e importância que as escolas de campo possuem na sociedade, citamos o Decreto nº 7.352, firmado em novembro de 2010, o qual define os princípios da educação do campo.

Art. 2º - São princípios da educação do campo:

¹³ Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-rural/>. Acesso em: 07 de abril de 2014.

I - respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia; II - incentivo à formulação de projetos político-pedagógicos específicos para as escolas do campo, estimulando o desenvolvimento das unidades escolares como espaços públicos de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o desenvolvimento social, economicamente justo e ambientalmente sustentável, em articulação com o mundo do trabalho; III - desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação para o atendimento da especificidade das escolas do campo, considerando-se as condições concretas da produção e reprodução social da vida no campo; IV - **valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo**, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; e V - controle social da qualidade da educação escolar, mediante a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo. (BRASIL, 2010 - grifo nosso)

O Decreto, portanto, trata da garantia do direito à educação básica e à educação superior aos indivíduos que residem no campo, em zonas rurais, prevendo a ampliação, investimento e qualidade no sistema público de educação. No entanto, reconhecemos que o Decreto em si não é suficiente para que tais ações sejam colocadas em prática, pois, a transformação dos alunos só ocorrerá de fato com a implementação real de políticas que abordem o desenvolvimento de ações pedagógicas preocupadas com o resgate e a valorização da cultura rural.

Sem dúvida, cabe aos professores que trabalham nesse ambiente adequar suas aulas e seu planejamento didático, de forma que levem em consideração todas as peculiaridades que essa escola carrega.

2.2 PROCEDIMENTOS DE AMOSTRAGEM

O trabalho de campo envolveu uma coleta de dados conduzida por meio de entrevistas realizadas entre os meses de fevereiro a maio de 2014. As entrevistas foram realizadas semanalmente e gravadas em áudio mp3, orientadas sob o foco do método sociolinguístico.

Selecionamos 37 alunos na faixa etária de 11 a 14 anos, matriculados no 6º, 7º, 8º 9º ano do ensino fundamental, para responderem a um questionário com 35 questões baseadas nos pressupostos teóricos de Lambert e Lambert (1968).

As questões foram divididas em dois períodos: as primeiras 13 questões foram realizadas controlando os tópicos de conversa, com o intuito de verificar a proximidade dos alunos com o dialeto caipira, o tipo de conversação utilizada foi a dirigida, em que se

seguem uma ordem e conteúdos planejados, com o objetivo de obter a maior quantidade de dados úteis no menor tempo possível.

Para o *corpus* de predileção, a segunda parte do questionário¹⁴ envolveu os critérios qualitativos, sendo composto de 22 questões que intencionaram encontrar a valoração imposta pelos alunos em relação às suas crenças e atitudes linguísticas. Por isso, o questionário foi adaptado ao modelo de Lambert, de acordo com a realidade sociolinguística e cultural da comunidade de fala investigada.

A coleta dos dados se deu com o consentimento da diretora e da pedagoga da escola. Ao término da coleta, realizamos a transcrição grafemática das questões que constam anexadas a este trabalho. O Quadro 1 permite uma visualização do perfil dos informantes selecionados:

Quadro 1 - Perfil dos informantes selecionados

INFORMANTE	SEXO	SÉRIE	IDADE
1	Feminino	6 °ano	11
2	Feminino	6 °ano	10
3	Masculino	6 °ano	11
4	Feminino	6 °ano	10
5	Feminino	6 °ano	10
6	Feminino	6 °ano	10
7	Feminino	6 °ano	10
8	Feminino	6 °ano	11
9	Masculino	6 °ano	10
10	Masculino	6 °ano	11
11	Feminino	6 °ano	10
12	Masculino	6° ano	11
13	Masculino	7° ano	11
14	Masculino	7° ano	12
15	Masculino	7° ano	11
16	Masculino	7° ano	11
17	Feminino	7° ano	11
18	Feminino	7° ano	11
19	Feminino	7° ano	11
20	Feminino	7° ano	12
21	Masculino	8° ano	13
22	Feminino	8° ano	14
23	Masculino	8° ano	14
24	Feminino	8° ano	13
25	Feminino	8° ano	13

¹⁴ O questionário apresenta-se na íntegra, em anexo.

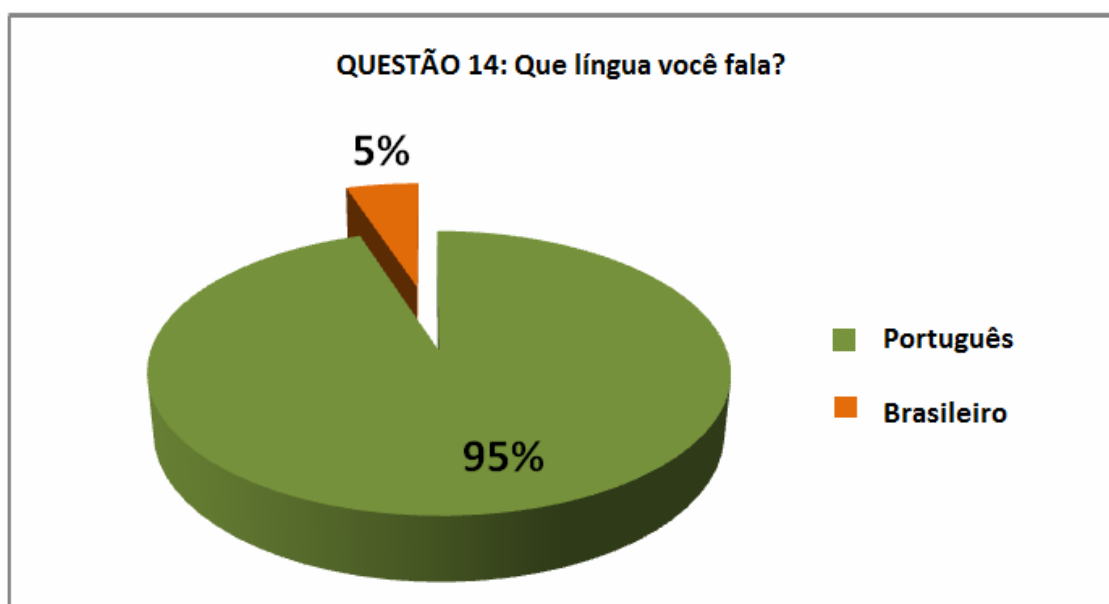
26	Feminino	8º ano	13
27	Masculino	9º ano	14
28	Masculino	9º ano	14
29	Masculino	9º ano	13
30	Masculino	9º ano	13
31	Feminino	9º ano	13
32	Feminino	9º ano	12
33	Feminino	9º ano	15
34	Feminino	9º ano	14
35	Masculino	9º ano	14
36	Feminino	9º ano	14
37	Masculino	9º ano	14

3. ANÁLISE DO CORPUS: CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE ALUNOS DE UMA ESCOLA RURAL

Ao iniciar a presente análise, ressaltamos que, dos 37 informantes selecionados, 29 (78%) configuraram-se como moradores da zona rural, com contato direto com o dileto caipira; e 8 deles (22%) são moradores da região urbana, mas com parentesco com pessoas que residem na área rural, e que, em algum momento de suas vidas, já moraram no sítio. Por este motivo, optamos por incluí-los como sujeitos da pesquisa.

O Gráfico 1 exhibe as respostas da questão 14, e foi produzida com o intuito de identificar que concepção de língua materna os informantes possuem. Com ela, pretendíamos que eles identificassem sua fala.

Gráfico 1 – Questão 14 – Que língua você fala?



Esperávamos que os alunos denominassem a língua que é falada aqui. Ao analisarmos os dados, verificamos que, com exceção de 2 (5%) que disseram falar o brasileiro, os demais 35 (95%) responderam falar português, comprovando predileção da maioria por nomear a língua falada em nosso país de “português”, como a matéria escolar é designada. Tal fato se explica pela influência que a escola tem gerado, ao longo dos anos, com uma cultura que nomeia a língua de ‘português’, de acordo com a denominação oficial; “língua românica tida como o padrão oficial do Brasil” (FERREIRA, 2011, p.698).

De acordo com Oliveira (2004, p.6), “a concepção que se tem do país é a de que aqui se fala uma única língua, a Língua Portuguesa. Ser brasileiro e falar o português (do

Brasil) são, nessa concepção, sinônimos”. Trata-se de um reflexo do projeto político colocado em prática.

Embora saibamos da exigência à abordagem da variação em sala de aula em documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa (BRASIL, 1997, p.33-grifo nosso), em que se destaca a importância de:

1. Expandir o uso da linguagem em instâncias privadas e utilizá-la com eficácia em instâncias públicas, **sabendo assumir a palavra e produzir textos – tanto orais como escritos** – coerentes, coesos, adequados a seus destinatários, aos objetivos a que se propõem e aos assuntos tratados;
2. **Utilizar diferentes registros**, inclusive os mais formais da variedade linguística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participam;
3. **Conhecer e respeitar as diferentes variedades linguísticas** do português falado;

O ensino voltado para os saberes linguísticos não tem se configurado na prática, evidenciando que muitas instituições escolares permanecem indiferentes às exigências oficiais. Contudo, os PCNs (1997, p.21) determinam,

O domínio da língua, oral e escrita, sendo fundamental para a participação social efetiva do indivíduo, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, [...]. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir aos alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, [...] direito inalienável de todos.

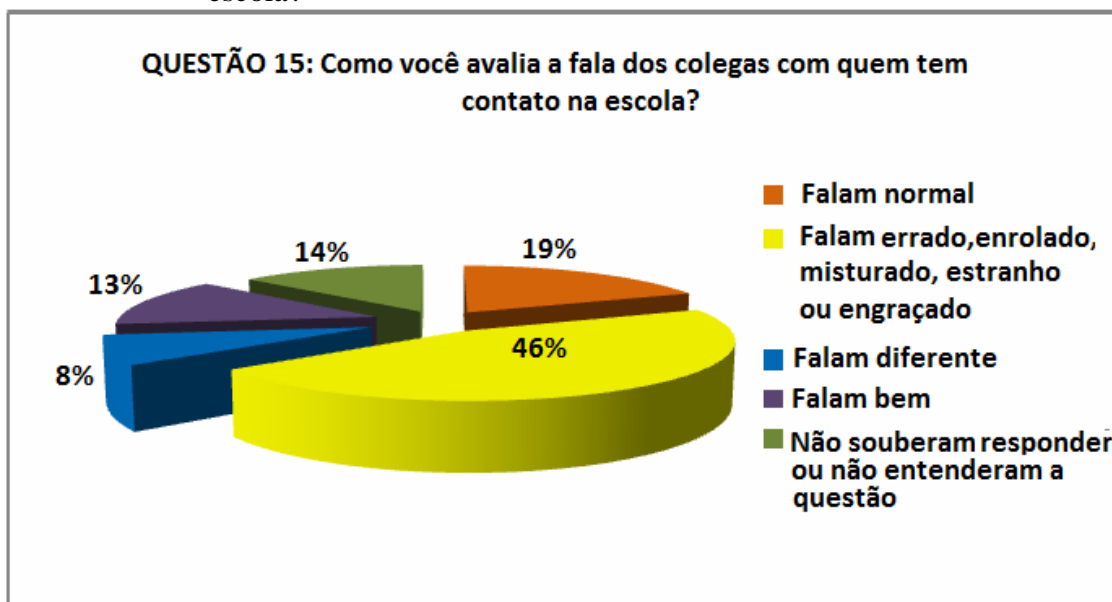
Deste modo, para que pudéssemos constatar se esses “saberes” estão se constituindo no ambiente analisado de fato, ou se se mostram indiferentes ao que os documentos oficiais exigem, foi necessário que buscássemos explicações sobre o juízo de valor que os alunos atribuem às variedades que fogem da norma padrão. Para isso, utilizamos a pergunta 15: “Como você avalia a fala dos colegas com quem tem contato na escola?”.

Buscávamos verificar que valoração é dada pelos informantes em relação ao dialeto caipira, uma vez que, ao analisarmos suas respostas, pudemos constatar que se caracterizam como falantes de uma variante rural. Prova disso são os fragmentos citados pelos INF 06 (Q.3, L 228): “Ela não “trabaia” e INF 09 (Q.9, L. 375): “Andar de “bicicreta”. São utilizados por esses alunos dois fenômenos que, de acordo com Amaral (1982, p. 52-53), são comuns ao dialeto caipira. Na fala do INF 06, ocorre o processo de iotização que consiste na troca do [lh] por [j]: “espalhado”, “malhou”, “mulher”, “filho” transforma-se em: “espaçado”, “maiô”, “muié”, “fio”. Já, na fala do INF 09, identifica-se o rotacismo: a troca do l pelo r, que, quando subordinado a um grupo de consoantes, muda-se em r, sendo esta troca “um dos

vícios de pronúncia mais radicado no falar dos paulistas, sendo mesmo frequente entre muitos dos que se acham, por educação ou posição social, menos em contato com o povo rude” (AMARAL, 1982, p. 52)

Assim, considerando que essas construções são comuns à população rural, chamamos atenção ao fato de serem construções que permeiam as respostas da maioria dos informantes. Ao perguntarmos: “Como você avalia a fala dos colegas com quem tem contato na escola?”, buscávamos verificar qual a valoração dada por eles à variedade que foge da norma culta, característico da variedade rural utilizada, inclusive, por eles mesmos. Expomos os resultados no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Questão 15 – Como você avalia a fala dos colegas com quem tem contato na escola?



Por meio do Gráfico 2, é possível verificar que há, entre os alunos, uma valoração negativa sobre a fala de seus colegas, uma vez que 46% enquadraram-na como: “errada”, “enrolada”, “misturada”, “estranha” ou “engraçada”, exibindo um quadro de desprestígio sobre a variedade rural, causando inclusive o risco de criarem estereótipos¹⁵ sobre isso.

¹⁵ Nesse sentido, Labov (1987, p.133), chama atenção para o risco de se criarem estereótipos, isto é, variantes que se tornam alvo de comentários na comunidade em geral. Como exemplo disso, no português do Brasil, temos a fala dos nordestinos frente à do Centro-Sul e o linguajar do caipira, mineiro, paulista ou paranaense sendo tais estereótipos frequentemente utilizados pela mídia e por alguns autores de livros didáticos sem conhecimento suficiente sobre os fatos do sistema linguístico.

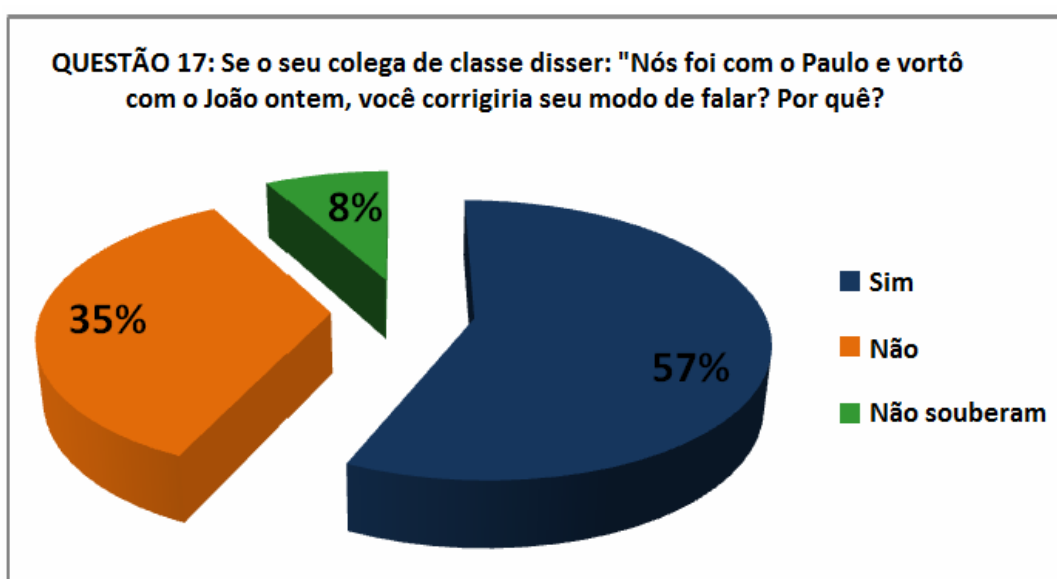
Parece-nos improvável que a diversidade linguística esteja sendo reconhecida neste contexto, pois os dados assinalam que, dos 37 alunos, apenas sete (13%) acreditam que a fala dos amigos pode ser considerada boa.

Calvet (2002, p.73-74) cita que “as atitudes podem ter influências nas práticas linguísticas, tendo atitudes de rejeição ou de aceitação sobre o modo de falar dos outros. Isso poderá se explicar de acordo com o que o juiz tem para si como variante mais prestigiosa.” Por este motivo, a atitude de enquadrar o modo de falar dos amigos com adjetivos de cunho negativo se explicaria pelo fato de estarem convencidos do julgamento de que o dialeto caipira, por fugir da norma culta ou padrão, configura-se como um dialeto feio, ou de mau gosto, justificando a predicação de rotularem sua fala em “errada”, “enrolada”, “misturada”, “estranha” ou “engraçada”.

O fato de apresentarem esses adjetivos negativos sobre sua variedade demonstra que tal variedade não se configura como a de prestígio dentro desta comunidade, podendo futuramente levar seus falantes, inclusive, ao abandono dessa variedade e, conseqüentemente ao seu desaparecimento, no lugar pesquisado.

Os resultados do Gráfico 3 reforçam a constatação de crenças negativas em relação ao dialeto caipira. Ao indagarmos como os informantes reagiriam ao ouvirem seus amigos fazendo uso de uma forma que foge da norma culta, as respostas foram as seguintes:

Gráfico 3 – Questão 17 – Se o seu colega de classe disser: nós “foi” com o Paulo e “vortô” com o João ontem, você corrigiria seu modo de falar? Por quê?



Os dados apontam que mais da metade, 57% dos alunos, corrigiria seu amigo ao ouvi-lo dizer de uma forma inadequada uma frase dentro da sala de aula, enquanto apenas 35% afirmaram que não os corrigiriam. Para que pudéssemos investigar o motivo que os levaria à correção, indagamos o porquê e transcrevemos suas justificativas a seguir.

Quadro 2 - Descrição das respostas dadas à questão 17

	SIM	NÃO	POR QUÊ?
Resposta do Informante 01:		X	Ah, porque eis ia falá que eu tava zuando.
Resposta do Informante 02 e 03:	X		Porque ele tá falano errado.
Resposta do Informante 04:		X	Porque tem gente assim que tem o sotaque diferente, mas quando eis tão com a gente, a gente tem que corrigí o jeito deles.
Resposta do Informante 05:	X		Porque eu ia ensiná ele certo.
Resposta do Informante 06:	X		Porque ele falô, vortô. O certo é fomo com o Paulo e vortamo com o Paulo.
Resposta do Informante 07:			Não sei.
Resposta do Informante 08:	X		Por causa que ele falô vortô e é voltamos.
Resposta do Informante 09:	X		Porque ele falô errado.
Resposta do Informante 10:	X		Sim, porque ele falô nói vamo “cu” o Paulo, e é nói foi com o Paulo e vortô com o João.
Resposta do Informante 11:	X		Por que ele falô a palavra “cum” e é com.
Resposta do Informante 12:	X		Por que se fala errado eu corrijo
Resposta do Informante 13:	X		Pra ele aprender a falá a palavra certa.
Resposta do Informante 14:	X		Só o “vortô”, porque tá errado, é voltamos.
Resposta do Informante 15:	X		Porque como ele é meu colega de classe, tem que ter... que, corrigí, né, porque se não ele vai aprender errado o modo de fala.
Resposta do Informante 17:	X		Porque isso daí tá de forma inadequada.
Resposta do Informante 18:		X	Porque é um amigo, eu acho que dá vergonha.
Resposta do Informante 19:	X		Porque falô errado, não é muito bonito.
Resposta do Informante 20:	X		Porque tá errado.
Resposta do Informante 23:		X	Porque eu tamém falo errado.
Resposta do Informante 24:		X	Porque ele pode falá do jeito que quiser
Resposta do Informante 25:	X		Porque tá errado.
Resposta do Informante 26:	X		Pra ajudá a falá certo
Resposta do Informante 27:		X	Porque cada um tem seu jeito de falá
Resposta do Informante 28:		X	Por que eu já tô costumado com essa fala, então pra mim não tem pobrema.
Resposta do Informante 29:		X	Porque eu tamém falo errado.
Resposta do Informante 29:		X	Porque eu falo tudo errado tamém.
Resposta do Informante 30:	X		Porque é errado.
Resposta do Informante 31:		X	Porque, tipo, se ele tá falano errado, um dia ele vai aprendê que tem que falá corretamente.
Resposta do Informante 32:	X		Porque ele tá falano errado.
Resposta do Informante 33:			Não sei.
Resposta do Informante 34:		X	Porque tamém falo errado.
Resposta do Informante 35:	X		Ah, porque se eis tão falando, daí a gente pega esse costume e tamém fala igual então tem que corrigir.
Resposta do Informante 36:		X	Porque ele falô assim, deixa ele falano desse jeito memo.
Resposta do Informante 37:		X	Porque eu acho feio ficá corrigino as pessoa.
TOTAL:	21 Sim	13 Não	3 Não souberam

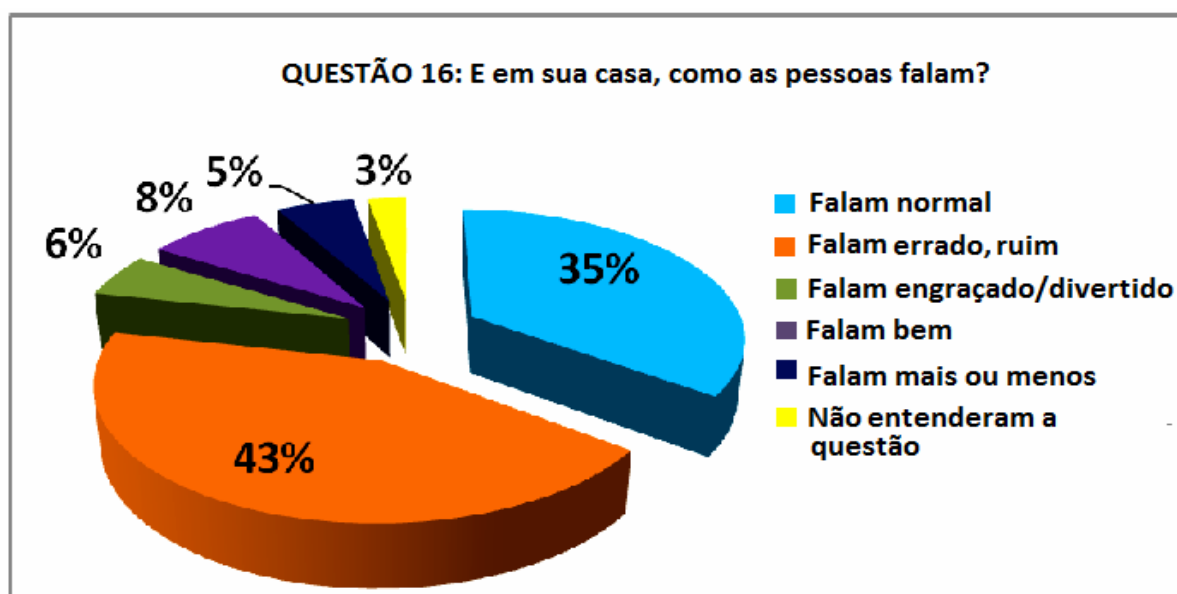
A análise das respostas aponta que 21 deles corrigiriam o amigo, com a crença de que estariam auxiliando o colega a aprender a “falar corretamente”, o que evidencia que os amigos têm como forma de prestígio a norma padrão, desconsiderando o dialeto rural.

Isso se explica de acordo com Gnrre (1998, p.6) pois “a língua padrão é um sistema comunicativo ao alcance de uma parte reduzida dos integrantes de uma comunidade, [...] sendo um sistema associado a uma visão conservadora, que enxerga os atos individuais de fala como simples refrações ou mesmo deformações das formas normativas.

Em relação aos demais, que responderam “não”, tivemos como principal justificativa o fato de eles acreditarem que “também falam errado”, como verificamos nas justificativas dos informantes “16”, “23”, “29” e “34”. Além dessa menção, alguns explicaram que não corrigiriam por terem vergonha da correção, ou porque eles já estavam acostumados a ouvir o amigo falar desta maneira.

A questão 16: “E em sua casa, como as pessoas falam?” dá margem ao juízo de valor que eles possuem em relação à linguagem proveniente de casa. Como os informantes vivenciam o dialeto caipira em seus lares, presumíamos que eles julgariam de maneira positiva a fala da família, uma vez que seus pais e parentes fazem uso desse dialeto. Contudo, ao avaliar as respostas dadas nas entrevistas, reconhecemos que tal assertiva não se confirmou como é comprovado pelo Gráfico 4.

Gráfico 4 – Questão 16 – E em sua casa, como as pessoas falam?



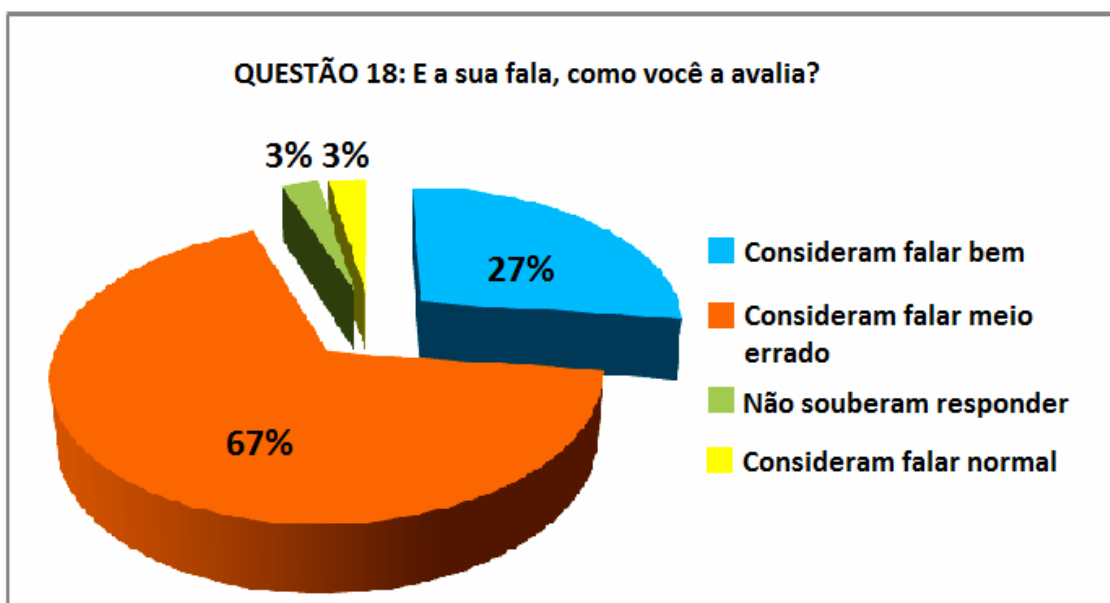
O gráfico “4” aponta que 16 informantes (43 %) alegam que as pessoas da família falam “errado” ou “ruim”, impulsionando-nos à identificação de uma crença negativa em relação à fala das pessoas com quem convivem em casa, pais, avós ou parentes.

Ao avaliarem negativamente o dialeto de origem, demonstram que o ambiente escolar não tem propiciado uma pedagogia sensível a heterogeneidade das variedades linguísticas. Ao indagarmos “e em sua casa”, esperávamos que os alunos respondessem que, por se tratar de um ambiente de descontração e informalidade, seus pais ou parentes falam normalmente como exige essa esfera, demonstrando algum conhecimento sobre a adequação de linguagem.

Sobre tal fato, Bortoni-Ricardo (1982) propõe que as escolas, cuja clientela seja constituída de alunos falantes de variedades estigmatizadas, empreendam uma educação bidialetal. Sua experiência tem demonstrado que isso é possível se a educação é comprometida com uma pedagogia culturalmente sensível, sendo indispensável que os professores frequentem cursos especiais de educação sociolinguística.

A questão 18 reafirma a valoração negativa que os alunos possuem sobre a variedade rural.

Gráfico 5 – Questão 18 – E a sua fala. Como você a avalia?



Como podemos constatar, embora haja a porcentagem de 27% indicando a ideia de que os informantes consideram que falam bem, há, em contrapartida, 67% deles demonstrando a crença de que são sujeitos que falam “errado”. Tal postura indica que grande parte dos alunos se sentem como falantes incompetentes em sua própria língua. Ilustram esta assertiva alguns fragmentos das entrevistas:

- ✓ “A minha fala? Ah, meio estranha assim também, das vez eu falo alguma coisa errado, enrolado. (INF 08, Q.18).
- ✓ “Ah, falo errado também” (INF 10, Q.18).
- ✓ “Ah, mais ou menos, porque às vez eu erro as palavra também” (INF 14, Q.18).
- ✓ “Tem que miorá ainda né?” (INF 27, Q.18).

O fato de os alunos se autoavaliarem como indivíduos que precisam melhorar a sua fala evidencia que a escola de campo em que eles estudam não prioriza o trabalho com essa variante. Chamamos à atenção a justificativa dada por dois informantes:

- ✓ “ah, quando eu falo errado meus pai corrigi eu, a professora também” (INF 04, Q.18).
- ✓ “ah, eu erro bastante palavra, nossa tem um monte de palavra que eu erro, ah, tem vez que eu falo, não dá pra explicá, tem vez que eis corrigi eu falar a palavra errada, ainda mais a professora, que é a de português. (INF 23, Q.18).

Os depoimentos citados revelam que a professora de português age como corretora dos “erros”, indicando uma perspectiva normativa da escola sobre a fala. Importante mencionar que a nossa pesquisa, em nenhum momento, faz referência à escrita. Estávamos intencionados no estudo da fala.

O sentimento demonstrado pelos alunos de que eles erram é foco dos trabalhos de Von Muhlen (2009), o qual cita alguns estudiosos que ainda mantém o sentido de “erro”, porém com a noção de situação do emprego da língua. O erro, pois, de acordo com a autora não ocorre somente na inobservância à norma padrão, mas na transgressão à norma esperada para a situação de fala ou de escrita específicas, assim:

Bechara (2002, p. 15) estende o conceito de erro linguístico à transgressão a qualquer norma esperada para determinado evento de emprego da língua. Possenti (2002, p. 328) argumenta que a divisão do certo e do errado tem um valor social, daí corrigir é uma atividade fundamental. Decat (2002, p. 85) sustenta que não tem a ver com autoritarismo, mas com adequação às atividades comunicativas. Marcuschi (2002, p. 86) observa que a normatividade está ligada ao contexto, pois é ele que define a norma a ser empregada; e é nesse sentido também que Britto (1997, p. 53) ao dissertar sobre o igual estatuto linguístico de todas as variantes inerentes à língua, conclui que “é somente no interior de cada variante que a noção de correto pode se estabelecer, e sempre a partir da consideração da situação de interlocução efetiva [...]”. (VON MUHLEN, 2009, p. 30)

A noção de erro, segundo esses estudiosos citados por Poll (2009), inscreve-se no sentido de situação, uma vez que, dependendo do local em que o falante está inserido, a fuga à norma padrão poderá ser considerada “inadequada”. O aluno detentor desse conhecimento conseguiria justificar de maneira concreta o fato de utilizar a variedade rural em sua fala. Porém, ao avaliar as respostas dos informantes, identificamos que eles não possuem um entendimento da teoria gramatical apropriadamente e apresentem uma visão equivocada sobre a fala, desconsiderando a noção de contexto e colocando-a no mesmo patamar da escrita. Não há nenhum tipo de consciência de que a língua falada é viva, heterogênea e subjetiva, enquanto a língua escrita, ensinada na escola, tem o caráter homogeneizante e normativo. É em decorrência dessa concepção que os PCNs apregoam que,

Não se pode mais insistir na ideia de que o modelo de correção estabelecido pela gramática tradicional seja o nível padrão de língua ou que corresponda à variedade linguística de prestígio. Há, isso sim, muito preconceito decorrente do valor atribuído à variedade-padrão e ao estigma associado às variedades não-padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando são, são objeto de avaliação negativa. Para cumprir bem a função de ensinar à escrita e a língua-padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma correta de falar, o de que a fala de uma região é melhor de que a de outras, o de que a fala correta é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso consertar a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. (BRASIL, 1997, p. 31)

Segundo Mattos e Silva (2004, p. 25) “cabe aos primeiros anos de ensino, o respeito pela diversidade linguística, [...] para não criar bloqueios que se tornarão no futuro, intransponíveis não só na comunicação escrita, como também na oral”.

Sobre a valoração imposta pelos informantes em relação às pessoas que não possuem escolaridade, elaboramos a questão 19. Deste modo poderíamos medir o grau de conhecimento dos alunos em relação ao que sabem sobre competência comunicativa.

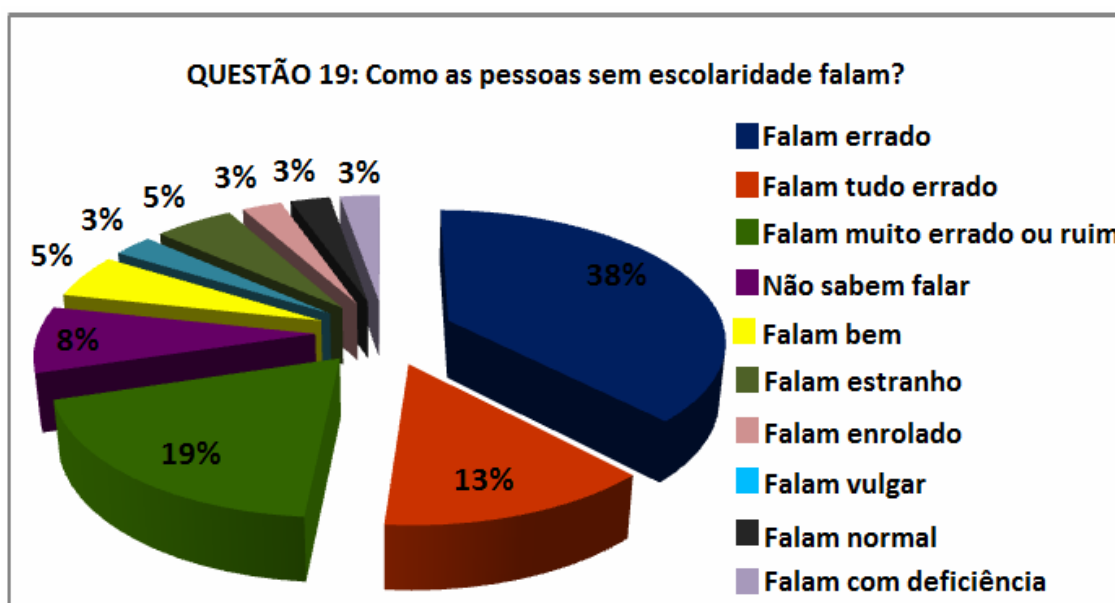
De acordo com a teoria desenvolvida por Hymes (2009 apud BORTONIRICARDO, 2004, p.73):

A competência comunicativa consiste no conhecimento que o falante tem de um conjunto de regras que lhe permite produzir e compreender um número infinito de regras da língua, sendo consideradas bem formadas todas as sentenças produzidas pelo falante de uma língua, independentemente de serem próprias da chamada língua padrão ou de outras variedades [...] as únicas sentenças mal formadas seriam as produzidas por estrangeiros que não falam bem a língua, ou por crianças que estão em processo de internalização da regras do sistema.

Assim, para ser comunicativamente competente, o falante deverá saber o que falar e como falar; uma vez que, ainda de acordo com Hymes (2009, p.76), a competência comunicativa é "o conhecimento tácito da estrutura da língua, mais a habilidade de usá-la apropriadamente de acordo com o interlocutor e a situação".

Desta maneira, para que pudéssemos constatar se a escola tem propiciado um conhecimento sobre competência comunicativa, elaboramos a questão 19 para verificar se os alunos entendem que as pessoas sem escolaridade, embora não tenham a ciência de um conjunto de saberes linguísticos formais, possuem competência para se comunicar, utilizando-se de um conjunto de normas tão bem elaboradas quanto as formais, porém de uma maneira espontânea. Seguem as respostas no Gráfico 6:

Gráfico 6 – Questão 19 – Como as pessoas sem escolaridade falam?



Os dados assinalam que a maioria dos informantes ainda não teve contato com o conceito sobre competência comunicativa, pois apresentam julgamentos preconceituosos sobre as pessoas sem escolaridade: 38% julgam que quem não tem escolaridade fala “errado”; 19% apresentam o julgamento de que essas pessoas falam “muito errado, ou ruim”; 13% avaliam que eles falam “tudo errado”; 8% que eles “não sabem falar”; 5% consideram que eles falam “estranho”, 3% entendem que eles “falam enrolado”, 3% acreditam que quem nunca frequentou a escola fala “vulgar”, 3% consideram que eles falam “com deficiência”; por outro lado, apenas 5% acreditam que “falam bem”, e 3% consideraram que eles “falam normal”.

O percentual de apresentação de julgamento negativo é de 92% do total, revelando uma atitude preconceituosa dos alunos em relação às pessoas que não possuem escolaridade. Ao reagirem dessa forma, verificamos que os alunos acreditam que o indivíduo que não frequentou a escola, não sabe falar. Como podemos verificar nas citações a seguir:

- ✓ “Sim. Eis, falam tudo errado.” (INF 01, Q.19).
- ✓ “É do sítio assim, é tipo do livrinho do Chico Bento, que eles fala.” (INF 05, Q.19)
- ✓ “Fala um pouco diferente, eles fala meio errado né?”(INF 06, Q. 19)
- ✓ “Meio estranho, fala um pouco sim e um pouco não.” (INF 08, Q. 19)
- ✓ “Ah, um pouquinho com deficiência pa fala né, que eis não sabe muito bem como fala né? Daí eis fala ota coisa.”(INF 13, Q. 19)
- ✓ “Eis fala ruim, não sabe lê.” (INF 14, Q. 19)
- ✓ “Meio enrolado, ah, não fica falano coisa com coisa, puxa o “r” (INF 15, Q. 19)
- ✓ “Ah, elas fala de um jeito mais tipo vulgar” (INF 17, Q. 19)
- ✓ “Ah, um pouco diferente é, ah eu acho que eis esquece algumas letras, mais errado.” (INF 18, Q. 19)
- ✓ “Fala meio erradona, tem veiz que eis erra, é um “n” e eis fala com “m”(INF 23, Q. 19)
- ✓ “Fala muito diferente, às vezes nem sabe falar direito.” (INF 31, Q. 19)

Outro fator relevante deve-se à referência dada pelo informante 05, (Q. 19, L.197-198) de que a pessoa sem escolaridade é sinônimo de uma pessoa moradora do sítio, comparando a fala das pessoas sem escolaridade com a fala do personagem Chico Bento, expondo uma crença equivocada sobre o dialeto rural. Esse preconceito em relação às pessoas sem escolaridade pode ser explicado, de acordo com os estudos linguísticos, pela possibilidade de os alunos estarem associando a fala dos analfabetos à falta de capacidade linguística, ou seja, quem se utiliza da variedade rural será rotulado como uma pessoa que não sabe falar.

Outro dado pertinente nessa questão deve-se à escolha de termos negativos para caracterizar a fala das pessoas sem escolaridade, rotulando-a como: “errada”, “muito ou

super errada”. Um dos alunos utiliza, inclusive, o termo “deficiência¹⁶”, que por definição já institui algo que não é perfeito, que é falho.

Os estudos sociolinguísticos apontam que o aluno precisa entender o que deve ser considerado “erro”, e o que poderá ser rotulado como “inadequado” ou “diferente”. Camacho (1988, p.40) defende que duas atitudes devem ser tomadas na escola em relação à variação linguística: a primeira é a necessidade de o professor eliminar do seu vocabulário didático a dicotomia “correto” e “incorreto”, substituindo-a por “adequado” e “inadequado” ou por “formal” e “informal”. A segunda é a de ter tolerância e respeito ao padrão linguístico dos alunos.

Bortoni-Ricardo (2004, p.8) também discorre sobre esse processo de correção e afirma que:

Ao analisarmos as variedades linguísticas estamos diante de diferenças e não de “erros”. “A noção de “erro” nada tem de linguística – é um (pseudo) conceito estritamente sociocultural, decorrente dos critérios de avaliação (isto é, dos preconceitos) que os cidadãos pertencentes à minoria privilegiada possuem.

A autora admite, porém, que, nas disputas do mercado linguístico, infelizmente *diferença é deficiência*, alertando que deve ser papel da escola levar seus alunos a apoderarem-se também das regras linguísticas que gozam de prestígio, pois,

Ao enriquecer o repertório linguístico dos alunos, [a escola] poderá permitir a eles o acesso pleno à maior gama possível de recursos, para que possam adquirir uma competência comunicativa cada vez mais ampla e diversificada – sem que nada disso implique a desvalorização de sua própria variedade linguística, adquirida nas relações sociais dentro de sua comunidade. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.9 - inserção nossa)

Ao constatarmos a crença dos alunos de que as pessoas sem escolaridade são falantes deficientes, pessoas que falam: “enrolado”, “vulgar”, “errado”, fica clara uma atitude preconceituosa em relação a todos que utilizarem uma variante não-padrão, nos fazendo acreditar que esses informantes poderão produzir uma atitude intolerante em relação àquele que não frequenta a escola.

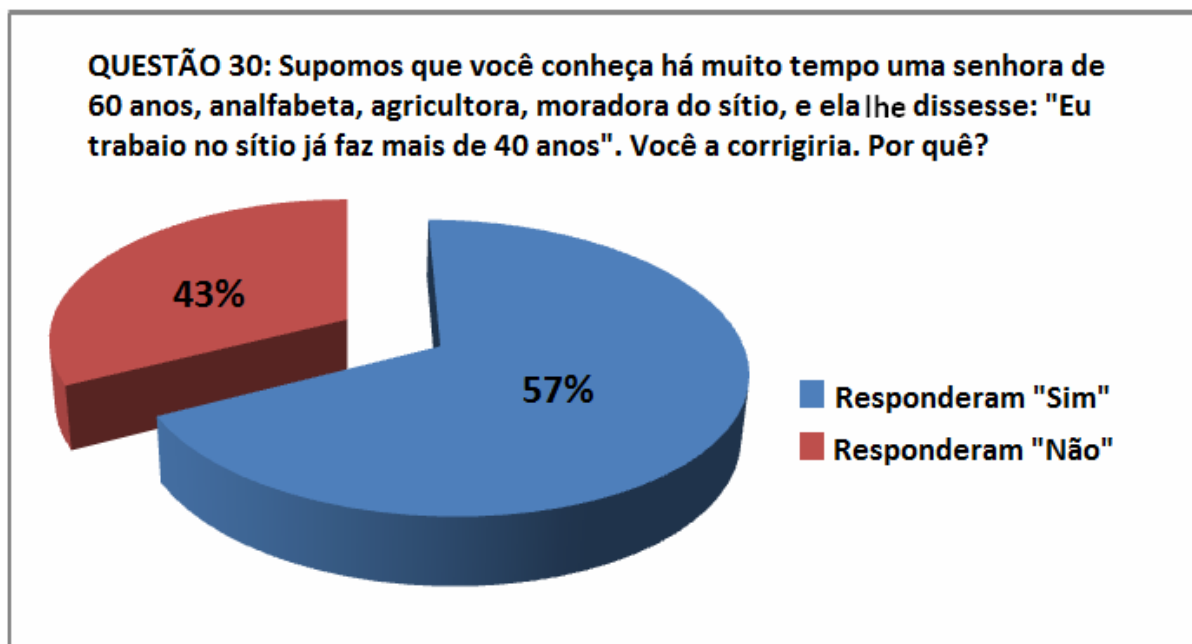
Novamente destacamos aqui, a ideia do erro linguístico, que, de acordo com Poll (2009, p. 28):

¹⁶ Ferreira (2011, p.284) descreve “deficiência: 1. adj., em que há imperfeição, falta, lacuna. 2. [Medicina] deformação física ou insuficiência de uma função física ou mental.”

O cerne da questão do erro linguístico está, pois, no conceito de norma que se vem a adotar, uma vez que todo erro diz respeito ao não-seguimento de alguma norma em questão. Dessa forma, no momento em que se assume que a norma implícita é tão validada quanto a explícita, não parece contraditório assumir-se a inexistência do erro linguístico, uma vez que o falante inevitavelmente obedecerá a uma das duas normas em questão, a explícita ou a implícita. Assim, passando-se a admitir a existência de outras normas que não apenas aquelas prescritas pela gramática.

O gráfico seguinte foi construído a partir das respostas dadas à “questão 30, para que fosse possível avaliar suas crenças em relação à noção de erro e adequação de linguagem.

Gráfico 7– Questão 30–“Supomos que você conheça há muito tempo uma senhora de 60 anos, analfabeta, agricultora, moradora do sítio, e ela lhe dissesse: Eu trabaio no sítio já faz mais de 40 anos”. Você a corrigiria? Por quê?



O gráfico mostra que dos 37 alunos, mais da metade 57% (21) deles corrigiriam a senhora, e 43% (16) não a corrigiriam. Para que pudéssemos entender o porquê elaboramos o quadro 3 sendo possível analisar suas respostas individualmente. Para isso utilizamos apenas os depoimentos mais significativos:

Quadro 3 - Visualização das respostas cedidas pelos informantes, referente à questão 30 do questionário.

QUESTÃO 30	POR QUÊ?
Resposta do Informante 02:	Porque cada uma tem que falá do jeito dele.
Resposta do Informante 04:	Porque daí ela tem que aprender a falá certo pra ela poder falar como que a gente fala.
Resposta do Informante 05:	Porque é o jeito dela fala.
Resposta do Informante 06:	Sim, para ajudar ela.
Resposta do Informante 08:	Porque ela tá falano trabaio, e é trabalho.
Resposta do Informante 10:	Porque ela vai sofrer muito. Porque ela falô alguma coisa errado, eu não vou entender, daí eu corrijo ela a falá certo.
Resposta do Informante 11:	Porque assim ela já vai aprendendo né.
Resposta do Informante 12:	Sei lá, por que tudo a pessoa que fala errado eu corrijo.
Resposta do Informante 13:	Porque ela...se ela... não teve o ensino né, então praticamente ela fala do jeito que ela quiser porque ela não aprendeu a falá a palavra certa.
Resposta do Informante 14:	Porque é o jeito dela falá mesmo.
Resposta do Informante 15:	Por causa que ela num tem escola.
Resposta do Informante 16:	Porque é feio corrigí os mai véio. Ah, eu não sei não, não corrigiria não.
Resposta do Informante 17:	Sertão tamém né...ela aprendeu assim né.
Resposta do Informante 19:	Porque ela falô errado.
Resposta do Informante 22:	Porque não, porque é a vida dela, foi desse jeito, eu vou corrigí? Então não é errado. É o jeito dela
Resposta do Informante 23:	Porque eu tenho minha vó assim eu não corrijo ela.
Resposta do Informante 26:	Porque os velinhos fala errado né e a gente fala certo, pra ajudar ela
Resposta do Informante 27:	Porque cada um tem seu jeito de falá.
Resposta do Informante 28:	Uma ela é senhora de idade, e outra que ela não estudou e morava no sítio, então acho que é normal.
Resposta do Informante 29:	Pa ela fala certo pas ota pessoa tamém entendê né.
Resposta do Informante 30:	Porque é errado você corrigir assim as pessoa que você não tem muito afinidade, só se eu conhecesse daí sim.
Resposta do Informante 31:	Não porque ela não tem culpa de falá assim, e vai ver ela não teve ensino, muita coisa assim.
Resposta do Informante 32:	Se fosse conhecida, eu corrigiria.
Resposta do Informante 33:	Trabalha no sítio, porque como ela falô aí ela tinha que corrigir.
Resposta do Informante 34:	Porque eu vou tentá ajudá ela falar certo, que nem a minha vó memo, minha vó é analfabeta, ela nunca estudô, e eu sempre ajudo ela com as coisa dela.
Resposta do Informante 35:	Ah, porque todo mundo fala errado tamém.
Resposta do Informante 36:	Porque a idade dela.
Resposta do Informante 37:	Não respondeu nada
TOTAL:	

Ao transcrevermos as justificativas dadas pelos alunos, verificamos que a maioria corrigiria a fala da senhora. Ainda que no enunciado da questão tenha sido esclarecido que se tratava de uma mulher idosa, do sítio, sem escolaridade, tais informações foram desconsideradas pela maioria dos alunos (57%). Ou seja, mais da metade se mostrou

indiferente ao contexto e ao locutor da fala, frisando apenas a correção da palavra proferida pela senhora. Esse é mais um indício que nos leva a identificar uma rejeição dos alunos pela fala que foge da norma padrão, pois eles possuem a crença de que, ao corrigirem, estariam ajudando aquela senhora. Sendo inclusive uma atitude, aprovada socialmente.

Ao analisar individualmente as respostas dos 16 alunos que responderam “não” para a questão 30, identificamos que eles, na realidade, não corrigiriam o falante a partir de uma reflexão linguística, mas, de acordo com suas justificativas, por não terem intimidade com a referida senhora. Somente os informantes 15 e 28 foram capazes de justificar de uma maneira mais próxima da sugerida pelos estudos linguísticos: INF 15 “Não, por causa que ela num tem escola.” E o INF 28: “Não, ah. Uma ela é senhora de idade, e outra que ela não estudou e morava no sítio, então acho que é normal.”

Com o intuito de verificar as crenças dos alunos em relação à correção, analisamos suas respostas às questões baseadas nos componentes cognoscitivos e afetivos perante suas falas. Para isso, selecionamos as respostas dadas à questão 20: “A escola sempre deve corrigir a fala dos alunos?” e à questão 21: “Se seu colega disser: “Nóis vortô com o João ontem,”. Como a professora de português reage? Por quê?”

Sabemos que, embora seja papel da instituição escolar ensinar a norma culta para tornar os alunos competentes, a escola não pode, com isso, desencadear um cenário estigmatizador da variante linguística trazida por eles. Para Scherre (2005, p. 138):

A língua materna de uma comunidade é o seu legado maior. Tenha ou não prestígio, ela tem de ser respeitada, porque além de complexa e perfeita do ponto de vista linguístico, faz parte da identidade de sua comunidade, Não se trata de “esquerdismo de meia-pataca, que idealiza tudo o que é popular [...], trata-se sim de respeito por todas as manifestações culturais do ser humano.

Os dados obtidos pela questão 20 apontam que todos os alunos, sem exceção, concordam que a escola deva corrigir os falares dentro da sala de aula. Trata-se de uma crença positiva em relação à instituição escolar, uma vez que os alunos, embora tenham revelado certo desprestígio em relação a sua variedade rural, concordam que o professor deva corrigi-los, indicando que a escola tem cumprido seu papel, que é o de levar até o aluno a reflexão sobre o uso da norma padrão.

Expomos a seguir alguns exemplos das respostas que revelam crenças bastante marcadas pelo estigma em fazer uso da variedade não-padrão:

- ✓ “Sim, porque eis fala muito errado.” (INF 10, Q.20, L. 433)
- ✓ “Sim, por que tem uns que é meio burro.” (INF 24, Q.20, L.1078)
- ✓ “É deve, porque daí já cresce já sabeno.” (INF 31, Q.20, L.1397)

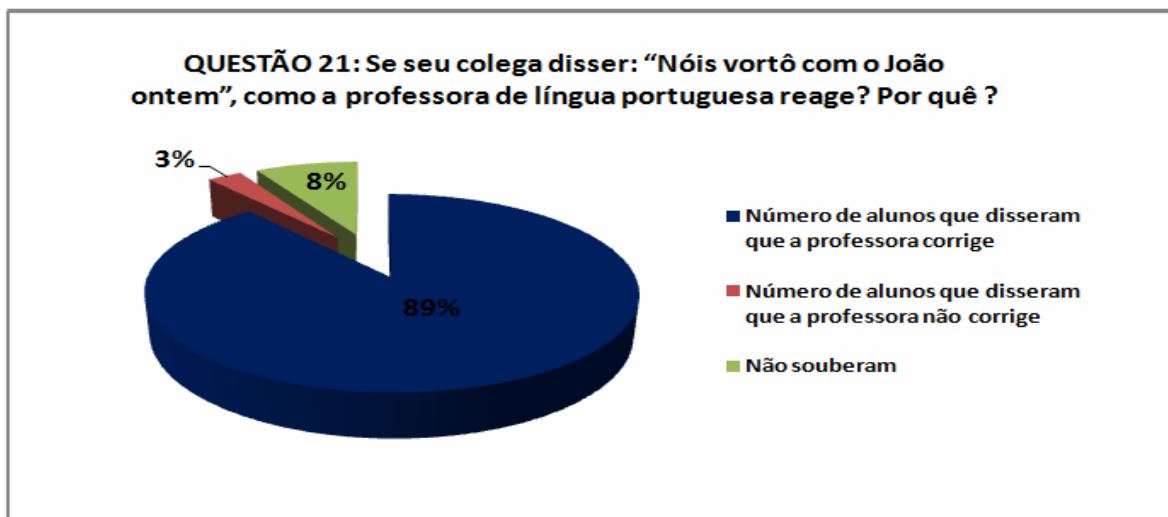
Dentre as assertivas, o INF 24 revela um juízo de valor negativo em relação à fala dos alunos, fazendo uso do termo pejorativo “burro”, rotulando, portanto, o falante que foge da norma.

Os alunos deveriam ter consciência de que um falante pode marcar sua identidade, seu papel social e seu alinhamento com o interlocutor de acordo com as variantes a seu dispor, cabendo a eles aprender na escola e na vida como melhor ajustar a eles a variante linguística a cada contexto de uso. Sobre isso, Bortoni-Ricardo (2006, p. 272) afirma:

O que a sociedade tacha de erro na fala das pessoas a Sociolinguística considera tão somente uma questão de inadequação da forma utilizada às expectativas do ouvinte. Essas, por sua vez, decorrem das imagens que os interlocutores fazem uns dos outros, dos papéis sociais que estejam desempenhando e das *normas e crenças* vigentes na comunidade de fala. Em outras palavras, diante de um enunciado que a cultura dominante rejeita por conter um erro, a Sociolinguística analisa a variante ali empregada, avalia o prestígio a ela associado e mostra em que circunstância aquela variante é adequada considerando-se as normas vigentes. O erro na língua é, pois, um fato social. (grifo nosso)

Em relação à questão 21, pretendíamos verificar qual é a atitude tomada pela professora ao presenciar uma fala inadequada. Para isso, construímos o gráfico 8 para termos uma noção do percentual das respostas positivas e negativas em relação à correção dela.

Gráfico 8 – Questão 21– Se seu colega disser: “Nóis vortô com o João ontem”, como a professora de língua portuguesa reage? Por quê?“,



Pelo gráfico, é possível verificar que para 89% dos alunos (32), a professora sempre os corrige quando eles cometem inadequações e apenas para 3% dos informantes a professora deixou de corrigi-los quando necessário. Para que entendêssemos o porquê, colocamos suas justificativas sintetizadas no Quadro 4:

Quadro 4 - Descrição das justificativas dadas às respostas da “QUESTÃO 21”

	Como a professora de língua portuguesa reage?	POR QUÊ?
Resp. do Inf. 01:	Ela ia fala, não é vortô, é volto. Ela ia corrigí.	Por que ela é professora de português.
Resp. do Inf 04:	Ela corrige	Porque eu tô falano meio errado, daí ela corrige o jeito de falá certo.
Resp. do Inf 05:	Ela ia corrigí	Porque esse não é o modo certo de se falar, daí ela fala o modo certo.
Resp. do Inf 06:	Ela corrige.	Porque ela vê que ele ta falano errado, tem que corrigí, se não ele continua falano errado.
Resp. do Inf 08:	A professora vai virá e corrigí ele	Por causa que ele falô errado na hora da linguagem.
Resp. do Inf 09:	Ela corrige.	Porque ele falô errado.
Resp. do Inf 10:	Ela corrige.	Porque ele falô palavra errada.
Resp. do Inf 11:	Ela corrige brava.	Por que ela tá ensinando pá fala certo, não errado.
Resp. do Inf 12:	Corrige	Sei lá, por que se a pessoa fala errado ela corrige.
Resp. do Inf 14:	Ela vai fala pra ele não fala mai errado e vai falar o certo pra ele.	Porque é o dever dela.
Resp. do Inf 15:	Ela fica bem assustada né, e corrige o meu colega que falô.	Porque ela fala, não é assim que se fala não, é Nós voltou né.
Resp. do Inf 16:	Ela vai fica corrigino eis.	Porque não ta certo.
Resp. do Inf 17:	Ah, ela vai corrigi né?	Ah, ela vai lá explica e depois ela repeti da maneira certa. Ela corrige porque ela tem esse dever né, de ensinar fala certo.
Resp. do Inf 18:	Ela ia corrigi.	Porque sempre quando nós fala alguma coisa errada, elas fala.. né? Ué, ela fala assim.. que não é assim que fala, que tem que fala do modo certo né?
Resp. do Inf 19:	Ela fica brava né.	Porque ela gosta que nós fala certo, né?!
Resp. do Inf 20:	Ela corrige.	Porque ele falô tudo errado, ela fala que não é desse jeito que fala.
Resp. do Inf 21:	Ela corrige.	Porque ela fala que ta errado fala desse jeito.
Resp. do Inf 22:	Não respondeu.	Não respondeu.
Resp. do Inf 23:	A professora corrige.	Porque ele falô errado, ela fala assim, cê falô palavra errada aí.
Resp. do Inf 24:	Corrige.	Porque ela é professa de português, ela ia fala não é vortô, é volto.
Resp. do Inf 25:	Corrige	Porque ela é professora de português, ela fala não é desse jeito.
Resp. do Inf 26:	A professora corrige.	Porque tá falano errado.
Resp. do Inf 27:	Ela corrigiria	Porque no português tem que usar a

Resp. do Inf 28:	Bem brava, ela corrige.	norma culta. Porque tá errado, ah, ela fala como é a maneira certa de falar essa palavra, por causa de outras palavras que vai atrapalhar.
Resp. do Inf 29:	Ela corrige	Porque ela sabe o jeito de falar certo, daí ela corrige ele, falano o certo.
Resp. do Inf 30:	Corrige.	Porque ela fala que ta errada, que não é assim que se pronuncia, porque é o trabalho dela.
Resp. do Inf 31:	Ah, normalmente ela não se expressa muito não, ela muito raramente corrige, só quando já ta nervosa, ela fala: “Não é assim que fala.”	Porque tá errado.
Resp. do Inf 32:	Ela corrige.	Por que ela vai imaginá que não tá conseguindo ensina errada, ela corrigi, porque não quer ver ninguém falano errado.
Resp. do Inf 33:	Ela corrige.	Porque tem que corrige, para saber o jeito certo né?!
Resp. do Inf 34:	Ela vai corrigi	Porque ta no lugar dela corrige né, ela é professora.
Resp. do Inf 35:	Ela corrige.	Porque é costume, ela fala não é nós e nós.
Resp. do Inf 36:	Ela corrigiria do modo dela.	Não sei, é o modo dela, do modo dela de ser professora, porque ela ta lá pa ensina né.
Resp. do Inf 37:	Ela ia fala que ta errado.	Porque ia tá errado.

O Quadro 4 demonstra que a professora de língua portuguesa corrige as inadequações orais cometidas pelos alunos dentro do ambiente escolar, insinuando ora a realização da correção de modo tradicional, proferindo que tal discurso está errado, ora realizando a correção de uma maneira mais amena, repetindo a palavra da maneira adequada, sem, com isso, constranger o aluno.

Portanto, podemos compreender que os alunos possuem conhecimento de que seja papel do professor corrigi-los. O Inf. 06 até mesmo justifica: “Porque ela vê que ele tá falano errado, tem que corrigi, se não ele continua falano errado”. O aluno aponta para o fato de que o professor tem conhecimento de sua ação dentro da sala de aula, cumprindo seu papel de conscientizar os alunos sobre as diferentes maneiras de dizer o mesmo enunciado. Outros justificam a correção da professora por ser seu dever, sendo seu trabalho corrigir a fala do aluno.

As questões seguintes, Questão 22: “Você fala aqui na escola do mesmo jeito que fala em casa?” e a Questão 23: “Em qualquer situação você fala do mesmo jeito?”,

foram formuladas com o intuito de conhecer as crenças perante a adequação da fala dos alunos em ambientes que elegem maior ou menor formalidade. Esperávamos que eles entendessem que, em cada esfera de atuação, exige-se uma norma linguística. Para que isso se constate, de fato, seria necessário que os alunos possuíssem consciência de que, na primeira pergunta, quando nos referimos “e em sua casa”, a linguagem poderia enquadrar-se naquele local no modo informal, coloquial, articulada sem avaliação negativa ou positiva, pois, em casa, a fala é usada de maneira descontraída, relaxada, sem policiamento ou receios, por se tratar de um ambiente que permite isso. Porém, ao observarmos o Gráfico 9, verificamos que, dos 37 entrevistados, 25 (68%) alegaram falar do mesmo jeito nos dois ambientes, de modo que apenas 12 (32%) responderam falar em casa de maneira diferente da usada na escola.

Gráfico 9– Questão 22 – Você fala aqui na escola do mesmo jeito que fala em casa?



O gráfico 9 exhibe que a maioria não considera o contexto de produção da fala. Deste modo, tomamos como responsabilidade dos professores e educadores escolares uma mudança da crença instaurada nesses alunos, a fim de levá-los a entender a necessidade de adequar sua linguagem ao ambiente, à situação comunicativa imediata.

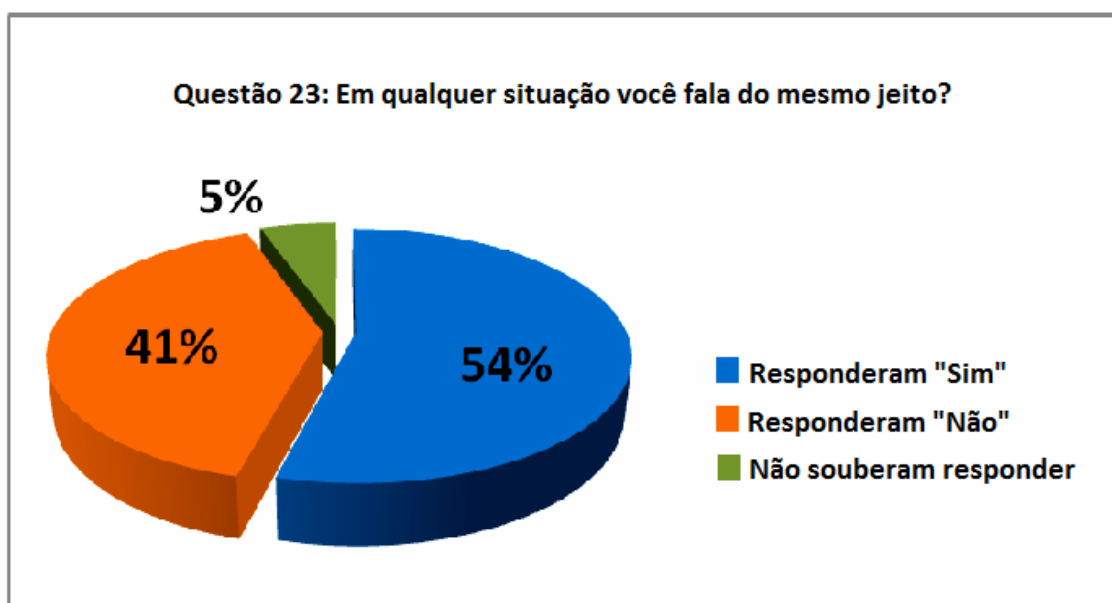
Frente a essa realidade, expõe Bagno (2004),

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão (p. 17 – grifo do autor).

Destacamos que, dos 37 alunos, apenas 12 expressaram o fato de falarem de maneira diferente em ambientes diferentes; tal dado expõe o quanto o conhecimento linguístico da maioria dos alunos ainda precisa de um aprofundamento nos estudos da variação.

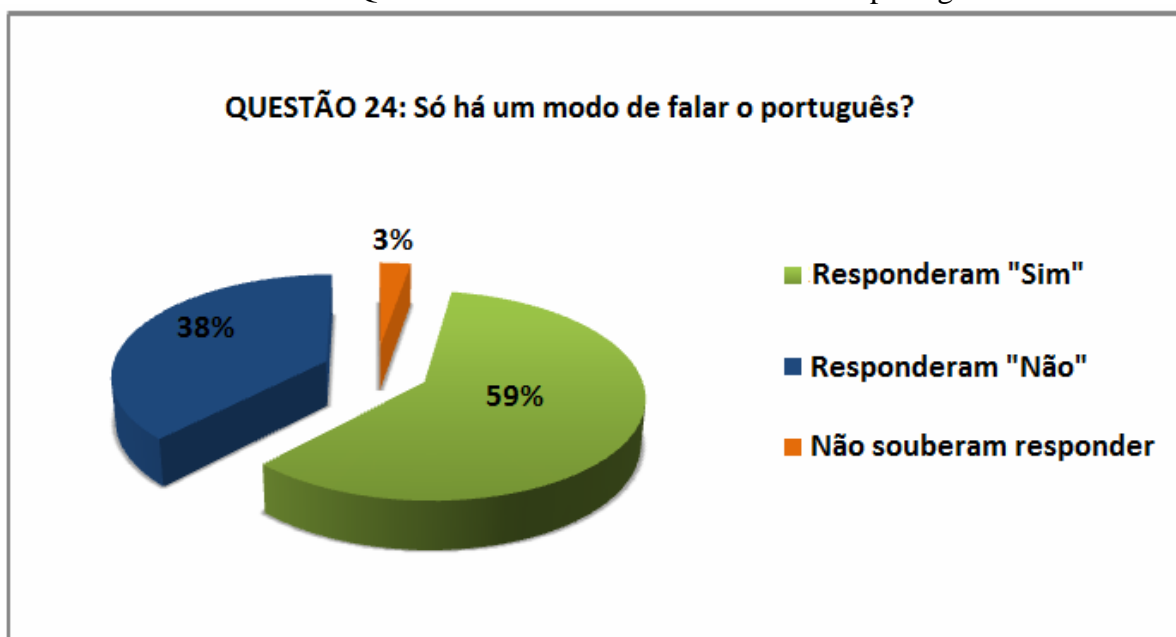
A questão 23 complementa os dados apresentados anteriormente, uma vez que 54% dos informantes responderam falar do mesmo jeito em qualquer situação, o gráfico 10 ilustra as informações colhidas:

Gráfico 10 – Questão 23 – Em qualquer situação você fala do mesmo jeito?



Por meio do gráfico, conseguimos identificar que a maioria não muda seu jeito de falar em contextos diferentes, ou seja, falam da mesma maneira em lugares distintos, o que revela sua falta de conhecimento variacionista. A pergunta, porém, não deu margem para que os alunos respondessem o porquê da escolha. Por isso, foi necessário elaborar a questão 24: “Só há um modo de falar o português?” buscávamos alcançar resultados mais precisos sobre o conhecimento linguístico dos alunos sobre as muitas nuances do português: formal, informal, caipira, urbano.

Gráfico 11– Questão 24 – Só há um modo de falar o português?



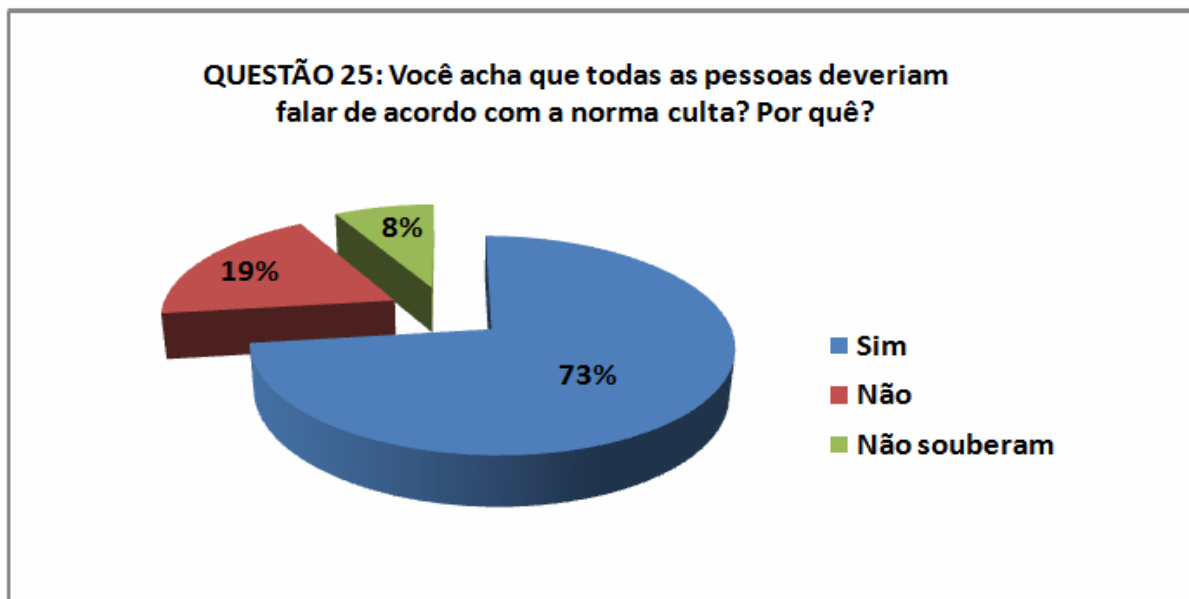
O gráfico 11 demonstra que 59% dos alunos (22) consideram que só existe um modo de falar o português. Dos 37 informantes, 14 responderam que “não”, desses, apenas seis conseguiram justificar:

- ✓ Não, têm as pessoas caipira, eles fala português, mais fala enrolado. (INF.04, 6º ano. Q.24)
- ✓ “Não. Ah, tem aquelas que fala a palavra assim diferente, elas muda assim o sentido.” (INF. 05,6º ano, Q. 24).
- ✓ “Não, acho que tem dois jeitos, o certo e o errado” (INF.22, 9º ano, Q. 24).
- ✓ Não sei, não tem o jeito, por exemplo..é..meio enrolado, tem os que fala mai certo. (INF 26, 8º ANO, Q. 24)
- ✓ Não, acho que as vez eu falo com gíria. (INF.27, 9º ano, Q. 24).
- ✓ “Não, tem gíria, língua da internet, o português correto” (INF.31, 9º ano, Q. 24).

Por meio das respostas, verificamos que, embora alguns alunos tenham conseguido justificar que há outros modos de falar o português, temos, em contrapartida, a crença da maioria, 22 alunos, de que só há um modo de dizer o português; deduzimos assim estarem se referindo ao português ensinado na escola, demonstrando um quadro de falta de conhecimento sobre as outras formas de falar o português.

A questão 25 foi realizada para que pudéssemos nos aprofundar em relação ao conhecimento dos alunos sobre a norma culta, aquela exigida no ambiente escolar.

Gráfico 12 – Questão 25 – Você acha que todas as pessoas deveriam falar de acordo com a norma culta? Por quê?



O gráfico mostra que 73% dos alunos acreditam que as pessoas deveriam falar de acordo com a norma culta. Contudo, nossa pergunta fazia referência à “fala”, e por isso, imaginávamos que teríamos como resposta a justificativa de que eles falam de maneira diferente dependendo do ambiente em que estão inseridos. Porém, eles não consideram o ambiente de fala e revelam uma atitude normativa, a qual os faz rejeitar seu próprio dialeto fazendo-nos eleger a norma culta como a que deve ser usada em todos os lugares.

Trata-se de uma crença equivocada, pois ao desconsiderarem o ambiente de fala e acreditarem que, independentemente do local, devem falar sempre de acordo com a norma culta, entendemos que esses alunos comparam a fala à escrita, um mito enraizado em uma visão normativa.

Scherre (2005, p.100) indica que “não se pode confundir fala com escrita, seja no plano das unidades linguísticas, seja no plano do desempenho linguístico”, pois as unidades gramaticais da fala não são necessariamente as mesmas que as unidades gramaticais da escrita. Falar é diferente de escrever. Assim como ler é diferente de falar e de escrever. São atividades correlacionadas, mas distintas, e uma não implica necessariamente a outra.

Ao serem questionados sobre o motivo que os levou a acreditar que todas as pessoas devem falar de acordo com a norma culta, alguns responderam que tal atitude se justifica pela necessidade de compreensão em uma conversa, como verificamos nas respostas dos informantes a seguir:

- ✓ “Sim, porque todas as pessoas deveriam falar do mesmo jeito pá entender.” (INF 08, 6º ANO, Q.25)
- ✓ “Sim, ixê aí, ah, porque daí ficaria mais fáci pas otas pessoa entendê (INF 09, 6º ANO, Q.25)
- ✓ “Ah, eu acho né, porque daí cada um ia entendê o que a ota pessoa fala né (INF 13, 7º ANO, Q.25)
- ✓ “Ah, pa daí as ota pessoa entendê, se precisa de alguma ajuda”(INF 17, 7º ANO, Q. 25)
- ✓ Ah, por que eis divia, ah, por que eis fala as veiz não dá pra entendê fica enrolado., cê tem que fica perguntando monte de veiz pa entendê.” (INF 35, 9º ANO, Q. 25)

Outros deram como justificativa o fato de que todos deveriam falar de acordo com a norma culta, porque ela é considerada a correta pela escola, desta forma eles estariam falando da maneira como a escola ensina:

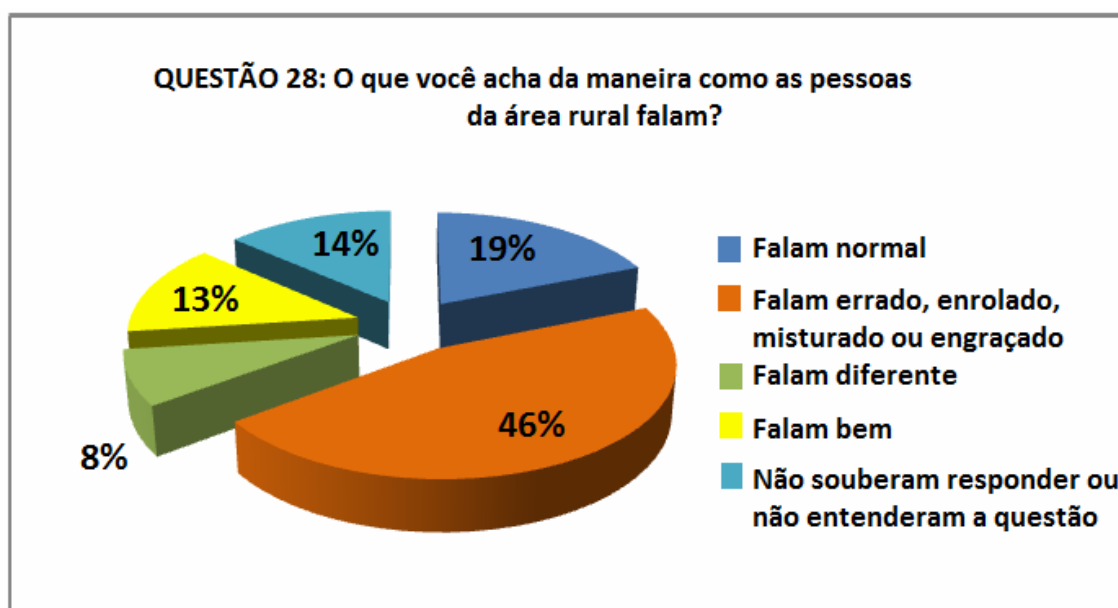
- ✓ “sim, por causa que se falar de acordo, fica tudo certo”(INF 12, 6º ANO, Q.25)
- ✓ Ah, acho que sim, ah, por que na escola a gente tem que aprendê né, aí fala certo.”(INF 18, 7º ANO, Q. 25,)
- ✓ “Aham... ah, porque é o certo.” (INF 22, 8º ANO, Q.25)
- ✓ “Como assim norma culta?... ah, sim, porque daí todo mundo ia ficar falano certo (INF 29, 9º ANO, Q.25)

Apenas o Informante 34 apresentou uma visão mais próxima dos estudos linguísticos, pois justifica que a pessoa deveria falar de acordo com a norma culta por ser graduada ou quando for arrumar um emprego.

✓ “como assim, norma culta? (reformulou-se a pergunta): a tem né que falá um pouco, porquê se ucê fô fala com uma pessoa, que fô estudada em alguma coisa assim cê tem que falá certo, se cê fô arruma emprego anssim e falá cos outro, cê tem que fala cêtu.” (INF 34, 9º ANO, Q. 25, L.1559-1562)

As respostas obtidas no gráfico seguinte, sobre a questão 28, apontam a crença dos alunos sobre o dialeto caipira, desta maneira poderíamos medir o grau de aceitação dos alunos sobre sua própria variedade:

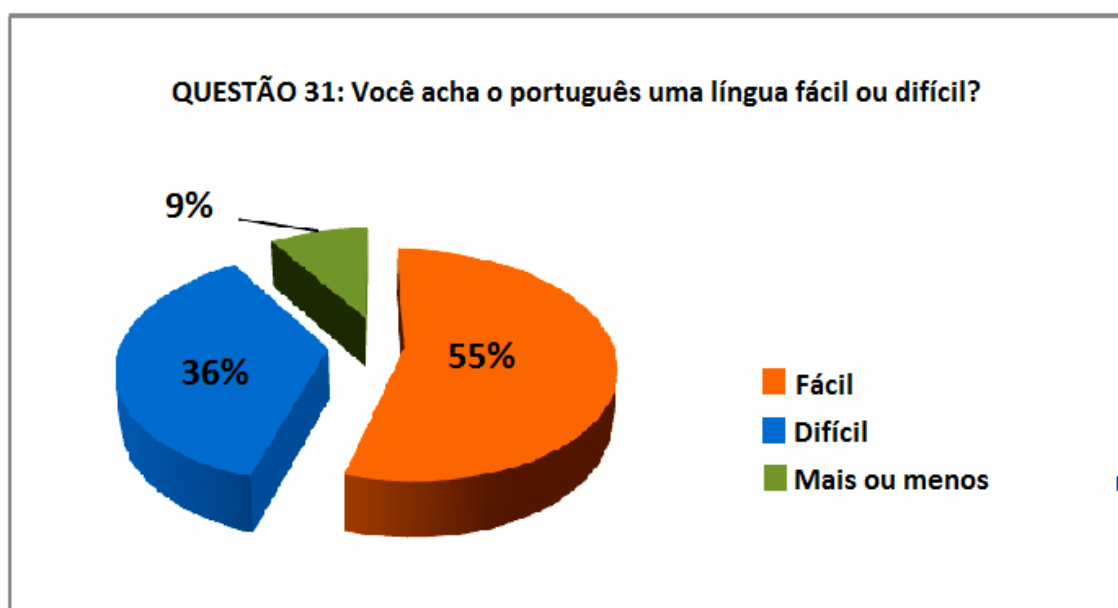
Gráfico 13 – Questão 28 – O que você acha da maneira como as pessoas da área rural falam?



As respostas chamam a atenção pelo fato de 46% dos alunos considerarem que as pessoas da área rural falam “errado”, “enrolado”, “misturado”, “estranho” ou “engraçado”, configurando um quadro de rejeição ou desprestígio da variedade popular rural. Esse resultado confirma os dados apontados no Gráfico 2, onde pudemos ter a valorização do discurso normativo, manifestando um modelo de educação e de sociedade sustentada em uma visão autoritária e discriminatória, reproduzindo o que pregam os gramáticos.

As respostas à questão 31 apresentam o juízo de valor atribuído à língua portuguesa:

Gráfico 14 – Questão 31 – Você acha o português uma língua fácil ou difícil?



As respostas da questão 31 permitem verificar que 55% dos informantes (18) consideram a língua portuguesa fácil. Isso nos leva a crer que a escola tem contribuído de alguma forma para que os alunos construam uma maior aceitação pelo ensino de língua portuguesa, não a considerando como um obstáculo. Seguem exemplos:

- ✓ “Fácil, a por causa que inglês é mais difícil, por causa que tem muitas letras diferentes.” (INF 04,6º ano, Q. 31)
- ✓ “Fácil, pra gente né, pra gente do Brasil, porque pra gente de fora não é fácil. E a gente já nasceu e a mãe da gente ensinou né. (INF 05,6º ano, Q. 31) “Sim, ah, porque é mais fácil que outras línguas, Inglês, Francês, Espanhol.” (INF 07,6º ano, Q. 31)
- ✓ “Fácil, por causa que a gente já sabe essa língua há muito tempo, a gente vê os pai falando daí a gente vai imitando”. (INF 08,6º ano, Q. 31)
- ✓ “Fácil, porque nói tem que fala ela, se nói não fala, nói não consegue fala cós outro se comunica.” (INF 13,7º ano, Q. 31)
- ✓ “Fácil, porque eu já aprendi, e se eu fô aprendê outra língua eu vô acha difíci.” (INF 16,7º ano, Q. 31)
- ✓ “Fácil, porque a gente já é acostumado a falar.” (INF 19,7º ano, Q. 31)
- ✓ “Fáci, porque eu falo português.” (INF 24, 8º ano, Q. 31)

Apontamos, nesta questão em específico, uma atitude positiva em relação à língua materna, uma vez que os alunos alegam saber falar a própria língua. Entretanto, essas respostas se diferenciam de todo o conjunto de respostas dadas.

Sobre essa atitude, recorremos a Possenti (1996, p.54):

É perfeitamente possível aprender uma língua sem conhecer os termos técnicos com os quais ela é analisada. A maior prova disso é que em muitos lugares do mundo se fala sem que haja gramáticas codificadas e ensinadas. Mais importante: entre conhecidos nossos ilustres, isso é o normal: os gregos escreveram muito antes de existir a primeira gramática grega, o mesmo valendo para os usuários do latim, português, espanhol, etc.[...]. Não faz sentido ensinar nomenclatura a quem não chegou a dominar habilidades de utilização corrente e não traumática da língua escrita. [...] as únicas pessoas em condições de encarar esse trabalho são os professores.

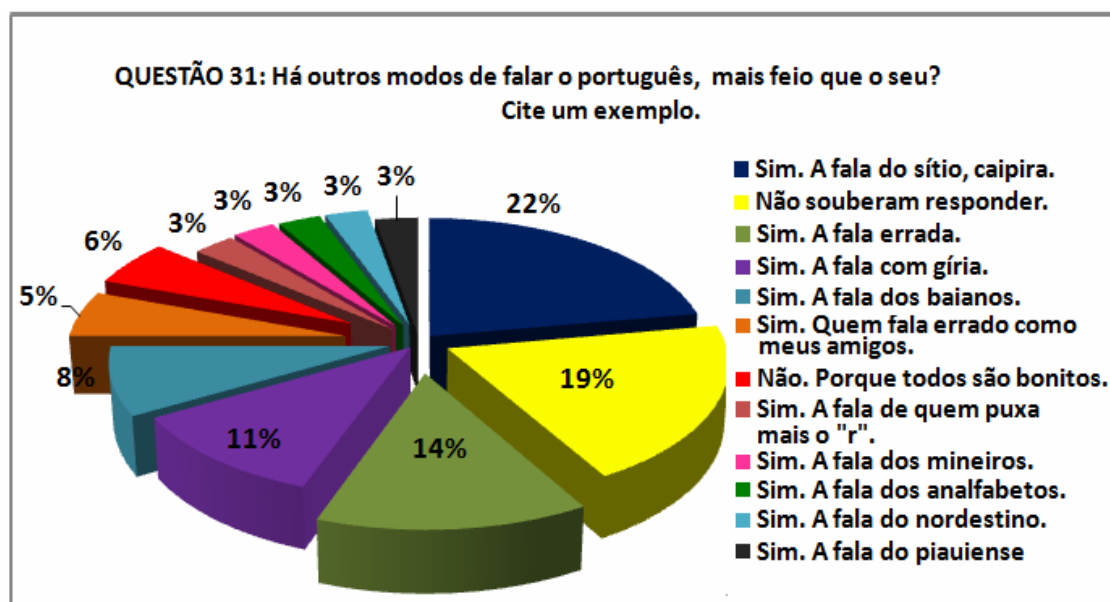
Em relação aos demais 36% que consideraram o português uma língua difícil, obtivemos como justificativa o fato de considerarem que o português tem muitas regras para decorar e aprender, das quais eles ainda não têm domínio.

Por isso, os alunos consideram que a incompreensão vocabular deles, somada à quantidade de regras para saberem falar o português, geram uma “falha” no vocabulário, resultando na crença de que não sabem falar o português porque é uma língua difícil. Como podemos constatar em seus depoimentos:

- ✓ Difícil, ah, por causa que tem muita regra.(INF.12, Q. 31)
- ✓ Difícil, porque tem bastante coisa pra aprendê, ortografia essas coisa, e pra mim é considerado difícil. (INF.28. Q. 31)
- ✓ Difícil, ah, muito, muitas coisinha que muda, se acha que ta falano certo, vai vê tá falano tudo errado. (INF 29. Q. 31)
- ✓ Um pouco difíci, ah, porque, por exemplo, é muito difíci falá, tem hora que por causa das prova, cê tem que ponhá as coisa nas prova bem certa, essas coisa. (INF 34. Q. 31.)

Suas respostas nos levam a constatação de um ensino tradicional, que desconsidera o uso real da língua.

Gráfico 15 – Questão 32 – Há outro modo de falar o português, mais feio que o seu? Cite um exemplo.



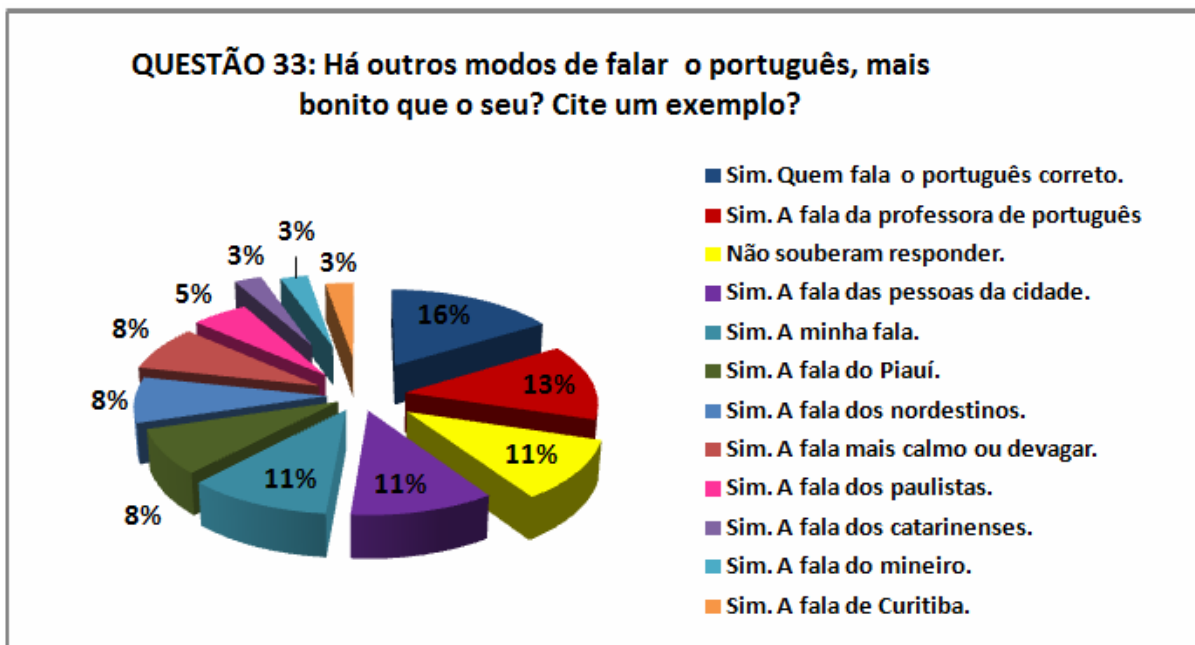
As justificativas à questão 32 nos impulsionam a valoração que os informantes atribuem às outras variedades do português. Verificamos que, com exceção dos 19% que não souberam responder e 6% que não acharam nenhuma feia, as demais porcentagens apontaram que 22% consideram a fala do sítio/caipira como sendo a mais feia e é a que possui maior desaprovação se comparada com as outras.

Os dados indicam que a avaliação mais negativa após a fala caipira é a fala que possui “erros” (14%); seguido da fala com gíria (11%); a fala dos baianos (8%); a fala errada dos amigos (5%); a fala de quem puxa o “r”(3%), a fala dos mineiros (3%), analfabetos(3%), nordestinos (3%), e piauienses (3%).

Esses dados se mostram pertinentes e ratificam a atitude preconceituosa dos informantes em relação às variedades não-padrão.

O gráfico seguinte impulsiona a valoração que os informantes possuem em relação às outras variedades do português consideradas mais bonitas.

Gráfico 16 – Questão 33 – Há outros modos de falar o português, mais bonito que o seu? Cite um exemplo.



O modo eleito entre eles como o mais bonito de falar o português se refere à fala das pessoas que usam o português “correto” (16%); seguido da fala da professora de português (13%); (11%) daqueles que não souberam responder, acompanhado de (11%) da fala das pessoas que moram na cidade, (11%) sua própria fala, (8%) a fala do piauiense, (8%) a fala nordestina, (8%) de quem fala calmo, seguida da fala dos paulistas (5%), avaliando a fala catarinense (3%), mineira (3%) e curitibana (3%).

A análise aponta que os alunos direcionam sua predileção a modos de fala mais próximos da norma padrão, o que evidencia sua crença de que só fala bem quem fala conforme tal norma. Como visto, tal comportamento perpassou as demais respostas resultando na criação de preconceitos relacionados às variedades do português.

Nesse sentido, fica evidente que os alunos não possuem entendimento sobre a variação linguística, pois expõem uma avaliação positiva sobre a fala que se aproximam da norma estabelecida socialmente e uma avaliação negativa sobre as normas distantes da norma-padrão.

Gráfico 17 – Questão 34 – Para você, que profissional fala melhor?



A questão 34 foi realizada com o intuito de revelar que grupo de referência os alunos consideram para si para associar suas crenças, pois entendemos que as atitudes, os comportamentos e os valores do indivíduo poderão ser condicionados pelo respectivo grupo de referência (grupo-modelo) que ele assume por predileção.

Temos como grupo de referência o conceito definido por Berreman (1964, p. 232) “quando as atitudes e o comportamento de uma pessoa são influenciadas por um conjunto de normas que ela pressupõe que será obedecido por outros, esses outros constituem para ela o grupo de referência com o qual deseja associar-se.”

Portanto, o grupo de referência do indivíduo (pode ser um grupo ou um indivíduo), funciona como fonte de normas, valores e de atitudes, podendo ser positivo ou negativo, de acordo com a sua valorização, e permite estabelecer comparações.

O grupo de referência estabelecido pelo indivíduo leva-o a adotar as normas, os valores e o comportamento dos membros desse “grupo”, pois ele espera se associar a ele por admirar ou se identificar com as pessoas desse grupo.

O Gráfico 17 apresenta que o “grupo de referência” dos alunos é o grupo de professores, com 66% das respostas, os informantes acreditam ser o profissional que fala melhor, depositando sua confiança nos docentes. Seguem-se de outros profissionais que fazem uso da norma culta no ambiente profissional: advogados, artistas, enfermeiros, veterinários, comerciantes e, por último, o agricultor.

Os resultados da questão 34 são pertinentes e ratificam a atitude preconceituosa dos informantes em relação às variedades não-padrão, pois apontam maior valorização dada pelos alunos sobre a fala de quem utiliza com maior frequência a variedade culta ou padrão, neste caso, os professores.

CONCLUSÃO

Toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive.
(ALKMIM, 2003, p.41)

Durante todo o processo de pesquisa, procuramos identificar como os alunos avaliam as variedades que a língua portuguesa possui, dando atenção especial à variedade rural, com o intuito de possibilitar, uma amostra das crenças e atitudes linguísticas que poderiam ser encontradas em uma escola de campo. Ao realizar as análises, verificamos de forma indireta que a escola ainda se constitui com uma concepção normativa no que se refere ao ensino de língua portuguesa, e promove um cenário preconceituoso em relação a qualquer outra variedade do português brasileiro que fuja da norma padrão.

Deste modo, as crenças e atitudes linguísticas dos alunos da referida escola de campo mostram-se influenciadas pelo poder coercivo da norma cultuada pela escola: eles rejeitam seu próprio dialeto, qualificando-o como mais feio ou de menor prestígio.

Em relação ao primeiro objetivo de nossa pesquisa: *(i) verificar a valoração dada pelos alunos à sua própria variedade, aquela advinda do ambiente familiar rural*, obtivemos, por meio das respostas às questões 15, 16, 17, 18 e 28, atitudes que comprovam rejeição dos informantes frente à variedade linguística rural. A questão 18, “E a sua fala como você avalia?”, por exemplo, demonstrou que 67% dos alunos entrevistados acreditam que sua própria fala é “errada”, expondo uma crença equivocada sobre sua variedade, uma vez que os estudos sociolinguísticos apontam que não existe uma variedade que possa ser considerada correta em contraposição a outra incorreta.

As respostas dadas à questão 28: “O que você acha da maneira como as pessoas da área rural falam?” também assinalam uma crença negativa sobre o dialeto caipira e demonstra que 46% deles creem que as pessoas da área rural falam “errado”, “enrolado”, “misturado”, “estranho” ou “engraçado”, evidenciando uma atitude preconceituosa em relação às pessoas que fazem uso desse dialeto.

Sobre o segundo objetivo: *(ii) identificar se suas crenças linguísticas em relação à variedade rural interferem em sua atitude de forma preconceituosa*, as respostas às questões 15, 17, 21, 26 e 30 confirmam que as crenças interferem direta ou indiretamente nas atitudes dos informantes, levando-os a agir de forma normativa e preconceituosa em relação às pessoas que utilizam a variedade rural. O Gráfico 2, questão 15 “ Como você avalia a fala dos colegas com quem tem contato na escola” por exemplo, expõe que 57% dos respondentes

a corrigiria evidenciando uma visão de desprestígio sobre a variedade rural do amigo. O mesmo acontece quando indagados sobre o que eles compreendem sobre a fala usada em suas casas: para 43 % (16) dos informantes, as pessoas da casa (pais, avós ou parentes) falam “errado” ou “ruim”, os levando à ausência de identificação de seu próprio dialeto.

Outra questão em que o preconceito fica evidente é a de número 30, em que os alunos desconsideram o perfil do falante. Ainda que em seu enunciado tenha sido referido que se tratava de uma senhora de 60 anos, analfabeta, agricultora e moradora do sítio; 21 dos 37 alunos afirmaram que a corrigiriam, desconsiderando o perfil da falante. Suas justificativas apontaram para o fato de que, ao corrigirem a senhora, estariam “ensinando” ou a “ajudando” a falar “corretamente”.

Em relação ao nosso terceiro e último objetivo: *(iii) Apontar se os alunos da escola de campo possuem preconceito em relação a outras normas distantes da culta*, verificamos, pelas respostas às questões 19, 20, 22, 23, 24, 25 e 30, que a escola analisada ainda possui lacunas no que se refere à abordagem dos conhecimentos linguísticos adequados. Para comprovar isso, citamos a questão 19: “As pessoas sem escolaridade falam como?”, pois ao somarmos seus julgamentos preconceituosos obtivemos um percentual de 92% de julgamentos negativos sobre as pessoas que não tem escolaridade, evidenciando um quadro discriminatório sobre a fala de quem usa uma norma que foge da culta ou padrão.

Foi possível identificar, por meio dos resultados, que os alunos não só carecem de conhecimentos linguísticos adequados e/ou necessários para adquirirem senso crítico sobre as diferentes formas de falar, como também apresentam crenças equivocadas sobre o conceito de erro gramatical, adequação de linguagem e contexto de fala, uma vez que apresentaram atitudes que desconsideram o perfil do indivíduo, sua escolaridade, e tomam para si apenas atitude de corrigir a fala de quem foge da norma padrão, independentemente do perfil do falante e do contexto dessa fala.

Assim, identificamos indiretamente que a escola pesquisada executa um projeto político pedagógico voltado somente para o ensino da gramática normativa, dando pouca ou nenhuma valorização à variedade rural do aluno, nos levando a pensar sobre a importância da concepção de ensino adotada pela escola perante seus discentes, fazendo-nos entender que infelizmente pouca coisa mudou no ensino de língua portuguesa, após quase meio século depois do primeiro congresso voltado para a sociolinguística ter sido criado.

A realidade encontrada nos faz almejar um futuro diferente, de modo que a teoria comece a ser colocada, de fato, em prática, concordamos com Castilho (2004) quando o mesmo diz que “se insistirmos no ritmo atual e tentarmos impor o padrão linguístico de uma

classe sobre a outra, continuaremos a promover nas classes mais baixas o “complexo de incompetência linguística [...]”. Para o autor, a melhor saída será incorporar a heterogeneidade do disciplinado nas estratégias de ensino, preparando materiais didáticos que levem em conta esse fato e abandonem o critério externo da seriação escolar hoje em uso.

Deste modo acreditamos que as possíveis mudanças possam acontecer um dia, desde que haja projetos político-pedagógicos conscientes, eficientes e elaborados de acordo com realidade da sala de aula.

Esperamos que as pesquisas desta natureza não sejam apenas uma exposição do quadro atual de ensino, mas que ao expormos o quadro real de sala de aula possamos provocar a sociedade atual na busca do aperfeiçoamento do ensino, de forma que o professor consiga romper definitivamente com os equívocos que recobrem a noção de erro, conscientizando seus alunos do preconceito que uma visão apenas normativa poderá causar.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 2, n. 37, 2008. p. 105-112.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2003.p. 21-47.
- ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo*. 1979. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Campinas, 1979.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: Gramática, vocabulário*. 4 ed. São Paulo: Hucitec; Brasília, 1982. (reprod. fac símile da 2ª ed.; 1ª ed. 1920).
- BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro?: Um convite à pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____. *Preconceito linguístico, o que é como se faz*. São Paulo. 49.ed. São Paulo: Loyola, 2007
- BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- BERREMAN, Gerald. D. *Aleut reference group alienation, mobility and acculturation*. *American Anthropologist*. 2ª ed. vol. 66. 1964. p. 231-250.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação bidialetal: O que é? É possível? In: *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, n.7, jul.1982, p.54-55
- _____. *Problemas de comunicação interdialetoal*. Sociolinguística e ensino do vernáculo. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1986.
- _____. *Educação em Língua materna: A sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola editorial, 2004
- _____. *Nós chegemos na escola, e agora?* São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- _____. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. In: GORSKI, Maria Edair e COELHO, Izete Lehmkuhl (Orgs.). *Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: EdUFSC, 2006.
- _____. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BRASIL. Senado Federal. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96*. Brasília: MEC/SEF,1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: 5ª a 8ª séries: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Decreto-lei nº. 7.352, de 10 de novembro de 2010. Estabelece princípios políticos da educação do campo. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, D.F., 4 nov. 2010.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2002. 166p. Tradução de: La sociolinguistique.

CAMACHO, Roberto Gomes. A variação lingüística. In: SÃO PAULO (estado). Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Subsídios à Proposta Curricular de Língua Portuguesa para os 1º e 2º graus: coletânea de textos*-São Paulo: SE/CENP. 1988. v.I, p.30-40

CAPELO, Maria Regina Clivati. *Educação, escola e diversidade no meio rural*. Londrina: Eduel, 2013.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa. In: BAGNO, Marcos. (org). *Linguística da Norma*. São Paulo: Loyola, 2004. p.27-35.

_____. *A Língua Falada no Ensino do Português*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 96-99

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. *Atlas Linguístico do Brasil*. Questionários. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2001.

CORBARI, Clarice Cristina. Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR). In: *SIGNUM: Estudos Linguísticos*. n.15 Londrina: Eduel, 2012.p.111-127

COSERIU, Eugênio. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística*. Rio de Janeiro: Presença. 1979. 243p.

CUNHA, Celso. *A política do idioma*. São Paulo: Tempo brasileiro, 1975.

CYRANKA, Lúcia Furtado de Mendonça. *Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora - MG*. 2007. 174 fls. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2007.

_____. *Dos dialetos populares à variedade culta: a Sociolinguística na escola*. Curitiba: Appris, 2011. 200 p.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 37-61.

_____. Ensinar x não ensinar gramática: ainda cabe essa questão? In: *Calidoscópio*. São Leopoldo: Vol. 4, n.1, jan/abr 2006. p.15-26

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda: *dicionário escolar da língua portuguesa*. 2ªed. Curitiba: Positivo, 2011

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino: ensino de militância e divulgação*. Campinas: ALB, Mercado de Letras, 1996.p.30-65

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e Poder*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998

GÓMEZ MOLINA, José. Ramón. Actitudes lingüísticas en una comunidad bilíngüe y multidialectal: área metropolitana de Valencia. Ano nº. XXVIII, *Revista Cuadernos de Filología* .n 28, 1998. In: *Em Aberto*, Brasília, v. 24, n. 85, abr. 2011.

GRUPO DE REFERÊNCIA. In: *Língua portuguesa com acordo ortográfico*. Porto Editora, Disponível em < [http://www.infopedia.pt/\\$grupo-de-referencia](http://www.infopedia.pt/$grupo-de-referencia)>. Acesso em 23 jun. de 2014.

HYMES, Dell. *Competência comunicativa*. *Revista Desempenho*, v. 10, n.1, jun/2009. Disponível em < <http://www.revistadesempenho.com.br>> acesso em 30 de junho de 2014

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. Tradução de: Sociolinguistic patterns [1972].

_____. Estágios na aquisição do inglês standard. In: FONSECA, Maria Stella V. e NEVES, Moema F. (orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p.49-85

LAMBERT, William. e Wallace E. *Psicologia Social*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.223p. Tradução de: Social psychology

LENARD, Andrietta. *Lealdade Linguística em Rodeio*.1976. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Santa Catarina, 1976.

LÓPEZ MORALES, Humberto. *Estratificación social del español de San Juan de Puerto Rico*. México, D.F.: Universidad Nacional Autónoma de México. 1983.

LUCHESE, Dante. Norma linguística e realidade social. In. BAGNO, Marcos. *Linguística da Norma*. São Paulo: Loyola. 2004, p. 37-63

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. _____. In: *O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola. 2004. p. 128-151

MOLINA, Mônica Castagna; FREITAS, Helana Célia de Abreu (orgs). Educação do Campo. In: *Em Aberto*. Brasília, v. 24, n. 85, p. 1-177, abr. 2011. Disponível em < <http://www.emaberto.inep.gov.br>> Acesso em 26 de agosto de 2014.

MORENO FERNANDEZ, Francisco. *Princípios de sociolinguística y sociologia del Lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

NASCENTES, Antenor. *O tratamento de você no Brasil*. Universidade do Distrito Federal e na Universidade Fluminense. 5ª. ed. v. 6. (1956) p. 114-122. Disponível em <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/viewFile/20034/13216>> Acesso em 20 de agosto de 2014

OLIVEIRA, Gilvan Muller de. Brasileiro fala português: Monolinguismo e Preconceito Linguístico. In: Moura e Silva (Org.). *O direito à fala? A questão do preconceito*. São Paulo: Parábola, 2004.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares da Educação de Escolas do Campo*. Curitiba, 2006. Disponível em <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/diretriz_edcampo.pdf> Acesso em 08 de julho de 2014

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo: ALB, Mercado das Letras. 1996. p. 47- 56

RODRIGUES, Aryon Dall Igna. Línguas Indígenas. 500 anos de descobertas e perdas. *Ciência Hoje*. vol. 16, n 95, novembro de 1993.

SANTOS, Emmanoel dos. *Certo ou errado: atitudes e crenças no estudo de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Graphia, 1996.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhos de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005

SOARES, Magda. *Português na escola: História de uma disciplina curricular*. In: *Linguística da Norma*. BAGNO, Marcos. (org). São Paulo: Loyola. 2004 p.155-177

VON MUHLEN POLL, Margarete. O erro linguístico e seus eufemismos. *Memento, revista do Mestrado em Letras, Linguagem, Discurso e Cultura*. Belo Horizonte. n. 2, julho/ago. 2009. Disponível em <<http://www.oerrolinguisticoeseuseufemismos.pdf>> acesso em 16 de Julho de 2014

ANEXO

- QUESTÃO 1: Qual é a sua idade?
- QUESTÃO 2: Qual é a profissão do seu pai?
- QUESTÃO 3: Qual é a profissão da sua mãe?
- QUESTÃO 4: Você mora ou já morou no sítio?
- QUESTÃO 5: Tem parentes que moram no sítio? Quem?
- QUESTÃO 6: Você tem televisão, computador e celular?
- QUESTÃO 7: Como você vem à escola? Ônibus, a pé, ou de carro?
- QUESTÃO 8: Seu pai estudou até que série?
- QUESTÃO 9: O que você costuma fazer quando não está na escola?
- QUESTÃO 10: Qual é a sua disciplina favorita? Por quê?
- QUESTÃO 11: Você gosta de ler? Que tipo de livro você gosta?
- QUESTÃO 12: Você faz prova do livro aqui? O que acha dela?
- QUESTÃO 13: O que você acha do ensino. É importante?
- QUESTÃO 14: Que língua você fala?
- QUESTÃO 15: Como você avalia a fala dos colegas com quem tem contato na escola?
- QUESTÃO 16: E em sua casa?
- QUESTÃO 17: Se o seu colega de classe disser: Nós foi com o Paulo e vortô com o João ontem, você corrigiria seu modo de falar ? Por quê?
- QUESTÃO 18: E a sua fala? Como você a avalia?
- QUESTÃO 19: As pessoas sem escolaridade falam como?
- QUESTÃO 20: A escola sempre deve corrigir a fala dos alunos?
- QUESTÃO 21: Se seu colega disser: “Nóis vortô com o João”. Como a professora de língua portuguesa reage? Por quê?
- QUESTÃO 22: Você fala aqui na escola do mesmo jeito que fala em casa?
- QUESTÃO 23: Em qualquer situação você fala do mesmo jeito?
- QUESTÃO 24: Só há um modo de falar o português?
- QUESTÃO 25: Você acha que todas as pessoas deveriam falar de acordo com a norma culta? Por quê?
- QUESTÃO 26: Você acha que falar diferente é falar errado? Por quê?
- QUESTÃO 27: O que é falar errado?
- QUESTÃO 28: O que você acha da maneira como as pessoas da área rural falam?
- QUESTÃO 29: O que você acha da maneira como as pessoas da área urbana falam?
- QUESTÃO 30: Supomos que você conheça já há muito tempo uma senhora de 60 anos, analfabeta, agricultora, moradora do sítio. E ela lhe dissesse: Eu trabaio no sítio já faz mais de 40 anos. Você a corrigiria? Por quê?
- QUESTÃO 31: Você acha o português uma língua fácil ou difícil, por quê?
- QUESTÃO 32: Há outros modos de falar o português, mais feios que o seu? Por quê?
- QUESTÃO 33: Há outros modos de falar o português, mais bonitos que o seu? Cite um exemplo. Por quê?
- QUESTÃO 34: Para você, que profissional fala melhor?
- QUESTÃO 35: Para você, há quem fala pior?

APÊNDICE

APÊNDICE A
TRANSCRIÇÕES GRAFEMÁTICAS

- 1 INFORMANTE 01- 6º ANO - (SEXO FEMININO)
2
3 QUESTÃO 1: Inf: onze.
4 QUESTÃO 2: Inf: Predero.
5 QUESTÃO 3: Inf.: doméstica.
6 QUESTÃO 4: Inf.: Não.
7 QUESTÃO 5: Inf.: sim.- meus vôs.
8 QUESTÃO 6: Inf.: Não.
9 QUESTÃO 7: Inf.: A pé.
10 QUESTÃO 8: Inf.: Sétimo ano.
11 QUESTÃO 9: Inf.: Dormi, brinca.
12 QUESTÃO 10: Inf.: Matemática.
13 QUESTÃO 11: Inf.: Sim, Cinderela, Branca de Neve.
14 QUESTÃO 12: Inf.: Ham? Faz?
15 QUESTÃO 13: Inf.: Eu gosto, acho muito importante.
16 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
17 QUESTÃO 15: Inf.: hum... como memo? ai, como eles falam? com educação.
18 QUESTÃO 17: Ah, porque eis ia falá que eu tava zuando.
19 QUESTÃO 16: Inf.: também.
20 QUESTÃO 18: Inf.: ah, eu falo certo.
21 QUESTÃO 19: Inf.: sim. Eis, falam tudo errado.
22 QUESTÃO 20: Inf.: sim.
23 QUESTÃO 21: Ela ia falá, não é vortô, é volto. Ela ia corrigi. Por que ela é
24 professora de português.
25 QUESTÃO 22: Inf.: sim.
26 QUESTÃO 23: Inf.: sim.
27 QUESTÃO 24: Inf.: sim.
28 QUESTÃO 25: Inf.: Não sei, acho que sim
29 QUESTÃO 26: Inf.: Não. Porque é a mesma coisa.
30 QUESTÃO 27: Inf.: Troca as letra.
31 QUESTÃO 28: Inf.: Da área rural? Eles falam igual a gente? Ah, acho que falam
32 igual a gente.
33 QUESTÃO 29: Inf.: Diferente que a gente.
34 QUESTÃO 30: Inf.: Sim, por que sim.
35 QUESTÃO 31: Inf.: Difícil. Por causa que tem as palavra que a gente num sabe.
36 QUESTÃO 32: Inf.: Não.
37 QUESTÃO 33: Inf.: Sim o que fala mais certo, tipo a professora Isabel de
38 português.
39 QUESTÃO 34: Inf.: Qual profissional? Tipo o que? Ah, a professora de ingrêis.
40 QUESTÃO 35: Inf.: Os do sítio.

- 41
- 42 INFORMANTE 02- 6º ANO - (SEXO FEMININO)
- 43
- 44 QUESTÃO 1: Inf.: Deiz.
- 45 QUESTÃO 2: Inf.: Labrador.
- 46 QUESTÃO 3: Inf.: trabalha em casa.
- 47 QUESTÃO 4: Inf.: sim.
- 48 QUESTÃO 5: Inf.: sim.
- 49 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho.
- 50 QUESTÃO 7: Inf.: Ônibus.
- 51 QUESTÃO 8: Inf.: Até o terceiro ano.
- 52 QUESTÃO 9: Inf.: Jogá.
- 53 QUESTÃO 10: Inf.: Hum..(silêncio, não entendeu a pergunta,depois de explicar
- 54 ela disse) inglês.
- 55 QUESTÃO 11: Inf.: Sim, de história.
- 56 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
- 57 QUESTÃO 13: Inf.: É importante. Legal. Ah, porque não tem jeito, tem que
- 58 vim, pá fica interessada.
- 59 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
- 60 QUESTÃO 15: Inf.: Fala diferente.
- 61 QUESTÃO 16: Inf.: Fala normal
- 62 QUESTÃO 17: Porque ele tá falano errado.
- 63 QUESTÃO 18: Inf.: Eu falo diferente, não falo certinho.
- 64 QUESTÃO 19: Inf.: Fala errado né, bem enrolado.
- 65 QUESTÃO 20: Inf.: sim.
- 66 QUESTÃO 21: Inf.: Ela corrige. Não respondeu por quê.
- 67 QUESTÃO 22: Inf.: sim.
- 68 QUESTÃO 23: Inf.: É.
- 69 QUESTÃO 24: Inf.: Não, porque cada um fala de um jeito.
- 70 QUESTÃO 25: Inf.: Norma culta? Silêncio. Após fazer a pergunta novamente,
- 71 ela não disse mais nada.
- 72 QUESTÃO 26: Inf.: ham ham (não)
- 73 QUESTÃO 27: Inf.: Quando uma pessoa pergunta pra ele, ele responde ota
- 74 coisa.
- 75 QUESTÃO 28: Inf.: Área rural ? falam igual.
- 76 QUESTÃO 29: Inf.: Igual tamém.
- 77 QUESTÃO 30: Inf.: Não. (longa pausa), “porque cada um tem que fala do jeito
- 78 dele”.
- 79 QUESTÃO 31: Inf.: Fácil (longa pausa) não sabe.
- 80 QUESTÃO 32: Inf.: Não, porque todos são bonitos.
- 81 QUESTÃO 33: Inf.: Sim, o dos Piauí
- 82 QUESTÃO 34: Inf.: Professor.
- 83 QUESTÃO 35: Inf.: Aquelas que moram no sítio.
- 84

- 85 ENTREVISTA DO INFORMANTE 03- 6º ANO - (SEXO MASCULINO)
- 86
- 87 QUESTÃO 1: Inf.: Vo fazê onze ano.
- 88 QUESTÃO 2: Inf.: Entrega banana.
- 89 QUESTÃO 3: Inf.: Em casa.
- 90 QUESTÃO 4: Inf.: Sim.
- 91 QUESTÃO 5: Inf.: Sim.
- 92 QUESTÃO 6: Inf.: Sim.Sim, não.
- 93 QUESTÃO 7: Inf.: Caminhão ou de ônibus.
- 94 QUESTÃO 8: Inf.: Não sei.
- 95 QUESTÃO 9: Inf.: Anda de bicicleta.
- 96 QUESTÃO 10: Inf.: (pausa) Matemática, porque eu sou bom em contá em
- 97 português, mais ou menos.
- 98 QUESTÃO 11: Inf.: Sim. Português.
- 99 QUESTÃO 12: Inf.: Não faz.
- 100 QUESTÃO 13: Inf.: Bom, importante.
- 101 QUESTÃO 14: Inf.: Português e japonês.
- 102 QUESTÃO 15: Inf.: Fala mais ou menos, a dos professores certa, e a dos alunos
- 103 mais ou menos.
- 104 QUESTÃO 16: Inf.: Mais ou menos.
- 105 QUESTÃO 17: Inf.: Sim, porque as pessoas tem que falar correto.
- 106 QUESTÃO 18: Inf.: Não respondeu.
- 107 QUESTÃO 19: Inf.: Porque ele tá falano errado.
- 108 QUESTÃO 20: Inf.: Sim, porque as pessoas tem que falar correto.
- 109 QUESTÃO 21: Inf.: Não respondeu.
- 110 QUESTÃO 22: Inf.: Sim.
- 111 QUESTÃO 23: Inf.: Aham (Sim).
- 112 QUESTÃO 24: Inf.: Não.
- 113 QUESTÃO 25: Inf.: Sim, (silêncio) não respondeu.
- 114 QUESTÃO 26: Inf.: Não, por que é legal.
- 115 QUESTÃO 27: Inf.: (Pausa) quem estuda mais ou menos.
- 116 QUESTÃO 28: Inf.: (Silêncio) reformulei a pergunta, do sítio, “errado”.
- 117 QUESTÃO 29: Inf.: (Silêncio) reformulei a pergunta, da cidade, “certo”.
- 118 QUESTÃO 30: Inf.: Não, porque não.
- 119 QUESTÃO 31: Inf.: Fácil, por que é mai fácil que as ota.
- 120 QUESTÃO 32: Inf.: Sim, o do sítio.
- 121 QUESTÃO 33: Inf.: Tem, hum, as pessoa da cidade assim.
- 122 QUESTÃO 34: Inf.: Profissional? (pausa) o professor.
- 123 QUESTÃO 35: Inf.: Aquelas que moram no sítio.
- 124
- 125 ENTREVISTA DO INFORMANTE 04- 6º ANO - (SEXO FEMININO)
- 126
- 127 QUESTÃO 1: Inf.: Dez ano.
- 128 QUESTÃO 2: Inf.: Agricultor.

- 129 QUESTÃO 3: Inf.: Não trabalha.
- 130 QUESTÃO 4: Inf.: Sim.
- 131 QUESTÃO 5: Inf.: Sim. Meu tio e minha tia.
- 132 QUESTÃO 6: Inf.: Sim os três.
- 133 QUESTÃO 7: Inf.: Tem dia que a minha mãe traiz eu de carro e tem dia que eu
134 venho de a pé.
- 135 QUESTÃO 8: Inf.: Oitavo.
- 136 QUESTÃO 9: Inf.: Brincar, pegar no computador, ou se não assistir televisão.
- 137 QUESTÃO 10: Inf.: Matemática. Por que a professora é legal e também porque
138 eu aprendo muita conta que o meu pai falô que é muito importantes.
- 139 QUESTÃO 11: Inf.: Gosto. Livros com leitura e com desenhos de imagens.
- 140 QUESTÃO 12: Inf.: Acho que Sim, médio.
- 141 QUESTÃO 13: Inf.: Ah, legal. É importante, tipo assim, a gente pode te duas
142 prova no dia, eu queria que algumas provas poderiam ser tipo uma hoje, ota
143 amanhã.
- 144 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
- 145 QUESTÃO 15: Inf.: Ah, do jeito que elas falá assim já dá pa percebe que elas
146 fala diferente, (pausa) ah, tipo assim tem gente que tem sotaque ponta grossense,
147 que eu tenho um primo que mora em ponta grossa, é tem gente que tem outro
148 sotaque que fala enrolado.
- 149 QUESTÃO 16: Inf.: Ah, normal.
- 150 QUESTÃO 17: Porque tem gente assim que tem o sotaque diferente, mas
151 quando eis tão com a gente, a gente tem que corrigi o jeito deles.
- 152 QUESTÃO 18: Inf.: Ah, (pausa) , quando eu falo errado meus pai corrigi eu, a
153 professora tamém.
- 154 QUESTÃO 19: Inf.: Fala errado.
- 155 QUESTÃO 20: Inf.: Sim.
- 156 QUESTÃO 21: Inf.: Ela corrige. Porque eu to falano meio errado, daí ela
157 corrige o jeito de falá certo.
- 158 QUESTÃO 22: Inf.: sim.
- 159 QUESTÃO 23: Inf.: Falo.
- 160 QUESTÃO 24: Inf.: Não, tem as pessoas caipira, elas fala português, mais fala
161 enrolado.
- 162 QUESTÃO 25: Inf.: Sim, ah, falá enrolado, tipo erra as letra. Tipo em vez de
163 falar para eles falá pare. Eles troca “o” a pelo “e”.
- 164 QUESTÃO 26: Inf.: Sim.
- 165 QUESTÃO 27: Inf.: Tipo em vez de falar para eles falá pare. Eles troca o “a”
166 pelo “e”.
- 167 QUESTÃO 28: Inf.: Ah, elas fala divertido, legal.
- 168 QUESTÃO 29: Inf.: Ah, elas já falam diferente, fala normal.
- 169 QUESTÃO 30: Inf.: Sim. Porque daí ela tem que aprender a falá certo pra
170 ela...(pausa) pra ela poder já saber como que a gente fala.
- 171 QUESTÃO 31: Inf.: Fácil, a por causa que inglês é mais difícil, por causa que
172 tem muitas letras diferentes.

- 173 QUESTÃO 32: Inf.: Acho que sim, por exemplo, o caipira.
174 QUESTÃO 33: Inf.: O dos nordestinos.
175 QUESTÃO 34: Inf.: As professoras.
176 QUESTÃO 35: Inf.: Aquelas que moram no sítio.
177
178 ENTREVISTA DO INFORMANTE 05- 6º ANO - (SEXO FEMININO)
179
180 QUESTÃO 1: Inf.: 10 anos.
181 QUESTÃO 2: Inf.: Agricultor.
182 QUESTÃO 3: Inf.: Ela é dona de casa.
183 QUESTÃO 4: Inf.: Não.
184 QUESTÃO 5: Inf.: Sim.
185 QUESTÃO 6: Inf.: Sim, sim, tenho.
186 QUESTÃO 7: Inf.: De a pé.
187 QUESTÃO 8: Inf.: Acho que o 6º ano.
188 QUESTÃO 9: Inf.: Ah, a brincar, mexer no computador.
189 QUESTÃO 10: Inf.: Matemática, ah, porque eu acho legal.
190 QUESTÃO 11: Inf.: Sim. De histórias infantis assim, da bibria eu leio.
191 QUESTÃO 12: Inf.: Não.
192 QUESTÃO 13: Inf.: Da escola? Bão.
193 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
194 QUESTÃO 15: Inf.: Da fala deles? Ah, igual a minha.
195 QUESTÃO 16: Inf.: Ah, também.
196 QUESTÃO 17: Inf.: Porque eu ia ensina ele certo.
197 QUESTÃO 19: Inf.: É do sítio assim, é tipo do livrinho do Chico Bento que eles
198 falá.
199 QUESTÃO 20: Inf.: Sim.
200 QUESTÃO 18: Inf.: Normal.
201 QUESTÃO 21: Inf.: Ela ia corrigi. Porque esse não é o modo certo de se falar,
202 daí ela fala o modo certo.
203 QUESTÃO 22: Inf.: Sim.
204 QUESTÃO 23: Inf.: Sim.
205 QUESTÃO 24: Inf.: Não. Ah, tem aquelas que falá a palavra assim diferente,
206 elas muda assim o sentido.
207 QUESTÃO 25: Inf.: Não.
208 QUESTÃO 26: Inf.: Ah, falar de outro jeito assim, (pausa) falá de outro jeito que
209 tá escrito no dicionário, tipo correto.
210 QUESTÃO 27: Inf.: Que nem eu to na escola, o jeito certo é eu estou na escola.
211 QUESTÃO 28: Inf.: Eles mudam o jeito de falar. Inf.: feio.
212 QUESTÃO 29: Inf.: Ham? Ah, não entendi a pergunta. (reformulamos a
213 pergunta) ah, eles fala igual a gente.
214 QUESTÃO 30: Inf.: Não, porque é o jeito dela falá.
215 QUESTÃO 31: Inf.: Fácil, pra gente né, pra gente do Brasil, porque pra gente de
216 fora não é fácil. e a gente já nasceu e a mãe da gente ensinou né.

- 217 QUESTÃO 32: Inf.: Acho que sim, que nem quem mora no sítio, tem gente
218 que fala né, é mais feio.
- 219 QUESTÃO 33: Inf.: Quem fala tudo correto, porque tem hora que a gente não
220 fala tudo correto.
- 221 QUESTÃO 34: Inf.: Os que trabalha na televisão, eles fala tudo certo.
- 222 QUESTÃO 35: Inf.: Aquelas que moram no sítio.
223
- 224 ENTREVISTA DO INFORMANTE 06- 6º ANO - (SEXO FEMININO)
225
- 226 QUESTÃO 1: Inf.: Dez.
- 227 QUESTÃO 2: Inf.: Ele trabaia de caminhão .
- 228 QUESTÃO 3: Inf.: Ela não trabaia.
- 229 QUESTÃO 4: Inf.: Sim.
- 230 QUESTÃO 5: Inf.: Sim, tia, tio, vo, vó.
- 231 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho.
- 232 QUESTÃO 7: Inf.: Ônibus.
- 233 QUESTÃO 8: Inf.: Ixe, agora não sei.
- 234 QUESTÃO 9: Inf.: Brincar no computador, andá de bicicleta, é brincá com as
235 minha amiga.
- 236 QUESTÃO 10: Inf.: Hum, como assim, matéria? Ah, ingrêis. Porque fica
237 sabendo mais coisinha.
- 238 QUESTÃO 11: Inf.: Mais ou menos. Ah, um monte de livro, portuguêsas essas
239 coisas.
- 240 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui acho que não tem.
- 241 QUESTÃO 13: Inf.: Bão, importante.
- 242 QUESTÃO 14: Inf.: Portuguêsas.
- 243 QUESTÃO 15: Inf.: Hum, ah, bem.
- 244 QUESTÃO 16: Inf.: Tamém.
- 245 QUESTÃO 17: Inf.: Porque ele falô, vortô. O certo é fomo com o Paulo e vortamo
246 com o Paulo.
- 247 QUESTÃO 18: Inf.: Mais ou menos, tem vez que eu erro, tem vez que fala certo
- 248 QUESTÃO 19: Inf.: Falá um pouco diferente, elas falano meio errado né?
- 249 QUESTÃO 20: Inf.: Deve.
- 250 QUESTÃO 21: Inf.: Ela corrigi. Porque ela vê que ele tá falano errado, tem que
251 corrigi, se não ele continua falano errado.
- 252 QUESTÃO 22: Inf.: Sim.
- 253 QUESTÃO 23: Inf.: Sim.
- 254 QUESTÃO 24: Inf.: Ham? Como assim? ah, agora ficou difícil, não sei.
- 255 QUESTÃO 25: Inf.: Isso eu não sei, norma culta? (pausa) ah, acho que sim, sei lá.
- 256 QUESTÃO 26: Inf.: Mais ou menos.
- 257 QUESTÃO 27: Inf.: Ah, falá um pouco errado, quando chama uma pessoa né,
258 daí tem gente que chama certo, tem gente que chama errado, quem nem a vó da
259 minha amiga, ela chama eu de Kemedi e eu chamo diferente.
- 260 QUESTÃO 28: Inf.: Ah, não acho nada não, normal.

- 261 QUESTÃO 29: Inf.: Hum, não acho nada tamém.
262 QUESTÃO 30: Inf.: Sim, ah, sei lá, porque como assim, se ela falar errado? Ah,
263 corrigiria, para ajudar ela.
264 QUESTÃO 31: Inf.: Mais ou menos, tem gente que acha difícil.
265 QUESTÃO 32: Inf.: Acho que sim, ah, não sei, porque cada um tem a língua dele do
266 sítio.
267 QUESTÃO 33: Inf.: O português memo, de São Paulo.
268 QUESTÃO 34: Inf.: Professor né?
269 QUESTÃO 35: Inf.: Que falá errado.
270
271 ENTREVISTA DO INFORMANTE 07- 6º ANO - (SEXO FEMININO)
272
273 QUESTÃO 1: Inf.: 10 ano.
274 QUESTÃO 2: Inf.: É, ele trabaia de pedreiro.
275 QUESTÃO 3: Inf.: Ela não trabaia, ela trabaia em casa.
276 QUESTÃO 4: Inf.: Moro aqui.
277 QUESTÃO 5: Inf.: Sim.
278 QUESTÃO 6: Inf.: Sim, sim, não, só a minha mãe tem.
279 QUESTÃO 7: Inf.: Venho de a pé.
280 QUESTÃO 8: Inf.: Não sei.
281 QUESTÃO 9: Inf.: Brincá, mexê no computador, mexê no meu tablet.
282 QUESTÃO 10: Inf.: Hum, inglês e arte.
283 QUESTÃO 11: Inf.: Gosto, ah, alguns, livro de historinhas.
284 QUESTÃO 12: Inf.: Não respondeu.
285 QUESTÃO 13: Inf.: Acho bom, é importante.
286 QUESTÃO 14: Inf.: Português
287 QUESTÃO 15: Inf.: Não entendeu a pergunta, mesmo explicando.
288 QUESTÃO 16: Inf.: Normal, português tamém.
289 QUESTÃO 17: Inf.: Não sei.
290 QUESTÃO 18: Inf.: Meio errada.
291 QUESTÃO 19: Inf.: Hum, alguma coisa fala errado.
292 QUESTÃO 20: Inf.: Sim.
293 QUESTÃO 21: Inf.: Não soube responder.
294 QUESTÃO 22: Inf.: Sim.
295 QUESTÃO 23: Inf.: Sim.
296 QUESTÃO 24: Inf.: Acho que Sim
297 QUESTÃO 25: Inf.: Hum, (pausa) isso eu não sei. (não entendeu o termo norma
298 culta, (reformulamos a pergunta), ah, acho que sim, ah, porque? (longa pausa),
299 hum não sei.
300 QUESTÃO 26: Inf.: Acho que não.
301 QUESTÃO 27: Inf.: É falar alguma palavra errada. Não sabe falá as coisa certa.
302 por exemplo, é (longa pausa), hum não sei.
303 QUESTÃO 28: Inf.: Da maneira? (pausa), maneira? (pausa), (reformulamos a
304 pergunta), ah do jeito que as pessoa fala do sítio, ah, não sei, falam mais ou menos.

- 305 QUESTÃO 29: Inf.: Falam normal.
306 QUESTÃO 30: Inf.: Aham (sim), ah, porque sim, (pausa), hum, porque sim.
307 QUESTÃO 31: Inf.: Sim, ah, porque é mais fácil que outras línguas, Inglês,
308 Francês, Espanhol.
309 QUESTÃO 32: Inf.: (Não entendeu a pergunta).
310 QUESTÃO 33: Inf.: (Não soube responder)
311 QUESTÃO 34: Inf.: É, professor.
312 QUESTÃO 35: Inf.: Aquelas pessoa que fala errado, trocando as letras.
313
314 ENTREVISTA DO INFORMANTE 08- 6º ANO - (SEXO FEMININO)
315
316 QUESTÃO 1: Inf.: Onze.
317 QUESTÃO 2: Inf.: É, trabalhador rural.
318 QUESTÃO 3: Inf.: É, dona de casa.
319 QUESTÃO 4: Inf.: Sim.
320 QUESTÃO 5: Inf.: Minha vó.
321 QUESTÃO 6: Inf.: Sim.
322 QUESTÃO 7: Inf.: De ônibus.
323 QUESTÃO 8: Inf.: Ah, isso eu não sei não.
324 QUESTÃO 9: Inf.: Brincar, assistir televisão, dormir.
325 QUESTÃO 10: Inf.: O que, que é disciplina? (riso). Ah, a minha é de inglês. Ah,
326 eu acho legal.
327 QUESTÃO 11: Inf.: Não.
328 QUESTÃO 12: Inf.: Não.
329 QUESTÃO 13: Inf.: Muito legal, é importante pra gente.
330 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
331 QUESTÃO 15: Inf.: Ah, hum, acho meio estranho, é diferente do jeito que eu
332 falo.
333 QUESTÃO 16: Inf.: Em casa nós fala assim, meio divertido, em casa eu sou mai
334 acostumada.
335 QUESTÃO 17: Inf.: Por causa que ele falô vortô e é voltamos.
336 QUESTÃO 18: Inf.: A minha fala? A meio estranha assim tamém, das vez eu
337 falo alguma coisa errado, enrolado.
338 QUESTÃO 19: Inf.: Meio estranho, fala um pouco assim e um pouco não.
339 QUESTÃO 20: Inf.: Sim.
340 QUESTÃO 21: Inf.: A professora vai virá e corrigi ele. Por causa que ele falô
341 errado na hora da linguagem.
342 QUESTÃO 22: Inf.: Não. Eu acho que eu falo diferente, por causo que lá em
343 casa eu falo meio divertido, eu falo correno e na escola eu falo mai devagar.
344 QUESTÃO 23: Inf.: Sim.
345 QUESTÃO 24: Inf.: Não
346 QUESTÃO 25: Inf.: Sim, porque todas as pessoas deveriam falar do mesmo
347 jeito. Pá gente entedê.
348 QUESTÃO 26: Inf.: Não. (pausa) não sei por quê.

- 349 QUESTÃO 27: Inf.: Errado é quando alguém fala diferente. Eu tinha uma colega
350 que falava Suva, e não chuva.
- 351 QUESTÃO 28: Inf.: Ah, só fala de trabaio memo. Fala errado.
- 352 QUESTÃO 29: Inf.: Que nem a gente.
- 353 QUESTÃO 30: Inf. Sim, porque ela tá falano trabaio, e é trabalho.
- 354 QUESTÃO 31: Inf.: Fácil, por causo que a gente já sabe essa língua há muito
355 tempo, a gente vê os pais falando daí a gente vai imitando.
- 356 QUESTÃO 32: Inf.: Como é que o nome daquela linguagem, esqueci, (pausa) o
357 Piauiense, ah sei lá, mai feio.
- 358 QUESTÃO 33: Inf.: Eu gosto da minha linguagem, ah sei lá, eu gosto da minha
359 language, eu entendo mais.
- 360 QUESTÃO 34: Inf.: Ah, o professor.
- 361 QUESTÃO 35: Inf.. Ah, não sei.
- 362
- 363 ENTREVISTA DO INFORMANTE 09- 6º ANO - (SEXO MASCULINO)
- 364
- 365 QUESTÃO 1: Inf.: 10 ano.
- 366 QUESTÃO 2: Inf.: Pedrero.
- 367 QUESTÃO 3: Inf.: Trabalhadora rural.
- 368 QUESTÃO 4: Inf.: Sim.
- 369 QUESTÃO 5: Inf.: Sim, minha vó e meu vô.
- 370 QUESTÃO 6: Inf.: Sim., não, não.
- 371 QUESTÃO 7: Inf.: De ônibus.
- 372 QUESTÃO 8: Inf.: Não sei.
- 373 QUESTÃO 9: Inf.: Andar de bicicleta, mexer no tablet.
- 374 QUESTÃO 10: Inf.: Matemática, porque é muito gostoso fazer contas.
- 375 QUESTÃO 11: Inf.: Não fizemos a pergunta.
- 376 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
- 377 QUESTÃO 13: Inf. : Não é muito bão, porque tem algumas pessoas que é meio
378 chata. Eu ah, queria que ponhasse duas professora em cada sala, em todos os
379 horário, mudá os professores, ponhá gráficos maiores e mais livros.
- 380 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
- 381 QUESTÃO 15: Inf.: Ixe, (pausa) é falam mal, tem umas que não falam bem.
- 382 QUESTÃO 16: Inf.: ah, é lá (pausa): todo mundo fala normal.
- 383 QUESTÃO 17: Inf.: Porque ele falô errado.
- 384 QUESTÃO 18: Inf.: É quase boa.
- 385 QUESTÃO 19: Inf.: Falam errado. Fala eh sô tudu bem?
- 386 QUESTÃO 20: Inf.: Sim.
- 387 QUESTÃO 21: Inf.: Ela corrigi. Porque ele falô errado.
- 388 QUESTÃO 22: Inf.: Sim.
- 389 QUESTÃO 23: Inf.: Sim.
- 390 QUESTÃO 24: Inf.: Sim.
- 391 QUESTÃO 25: Inf.: Sim, ixê aí, ah, porque daí ficaria mais fáci pas otas pessoa
392 entendê.

- 393 QUESTÃO 26: Inf.: Sim, porque tem algumas pessoas que fala tudo errado, fala
394 enrolado.
- 395 QUESTÃO 27: Inf.: Que nem quando fala enrolado, diferente, não dá pra
396 entender nada.
- 397 QUESTÃO 28: Inf.: Muito diferente.
- 398 QUESTÃO 29: Inf.: Tem umas que fala muito bem.
- 399 QUESTÃO 30: Inf.: Sim. Porque ela falou errado.
- 400 QUESTÃO 31: Inf.: Difícil, porque tem umas palavra que a gente não conhece,
401 não sabe falá ainda.
- 402 QUESTÃO 32: Inf.: Sim, vixe agora, (pausa), (reformulamos a pergunta), ah,
403 não sei.
- 404 QUESTÃO 33: Inf.: Não, mas não sei porquê.
- 405 QUESTÃO 34: Inf.: É o advogado.
- 406 QUESTÃO 35: Inf.: Quem mora no sítio.
- 407
- 408 ENTREVISTA DO INFORMANTE 10- 6º ANO - (SEXO FEMININO)
- 409
- 410 QUESTÃO 1: Inf.: 10 ano.
- 411 QUESTÃO 2: Inf.: Ele não trabaia, não tem profissão não, ele trabaia com
412 caminhão.
- 413 QUESTÃO 3: Inf.: Enfermera.
- 414 QUESTÃO 4: Inf.: Sim.
- 415 QUESTÃO 5: Inf.: Sim.
- 416 QUESTÃO 6: Inf.: Sim, os três.
- 417 QUESTÃO 7: Inf.: De a pé.
- 418 QUESTÃO 8: Inf.: Meu pai? Vixe, até o terceiro ano.
- 419 QUESTÃO 9: Inf.: Ah, andar de bicicleta.
- 420 QUESTÃO 10: Inf.: Andar de bicicleta é o meu favorito.
- 421 QUESTÃO 11: Inf.: Não.
- 422 QUESTÃO 12: Inf.: Não.
- 423 QUESTÃO 13: Inf.: Muito bão. Ah, eu ia mudar a professora. Mai nem sei mai
424 o quê.
- 425 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
- 426 QUESTÃO 15: Inf.: Ixe, ah, mais ou menos, por que eis fala muito errado. Eis
427 fala curpando os otô.
- 428 QUESTÃO 16: Inf.: A mema coisa.
- 429 QUESTÃO 17: Inf.: Sim, porque ele falô nói vamo “cu” o Paulo, e é nói foi com
430 o Paulo e vortô com o João.
- 431 QUESTÃO 18: Inf.: Ah, eu falo errado tamém.
- 432 QUESTÃO 19: Inf.: Ah, eis fala errado.
- 433 QUESTÃO 20: Inf.: Sim, porque eis fala muito errado.
- 434 QUESTÃO 21: Inf.: Ela corrigi. Porque ele falô palavra errada.
- 435 QUESTÃO 22: Inf.: Sim.
- 436 QUESTÃO 23: Inf.: Sim.

- 437 QUESTÃO 23: Inf.: Sim.
- 438 QUESTÃO 23: Inf.: Sim, por quê? (pausa) ah, esqueci agora (reformulamos a
439 pergunta), porque se não a gente não vai entender o que eis tão falando.
- 440 QUESTÃO 26: Inf.: Não.
- 441 QUESTÃO 27: Inf.: Ah é falá igual eu falei, ele feiz isso, ele feiz aquilo, joga a
442 culpa tudo nos otô.
- 443 QUESTÃO 28: Inf.: Hum, esqueci (reformulamos a pergunta), ah eles fala
444 ingual a gente.
- 445 QUESTÃO 29: Inf.: Ah eles fala muito ingual a gente, mais diferente um pouco.
446 (Houve nessa entrevista, um pequeno relato de quando o mesmo brincava na
447 calçada) “Ah eis falá que tudu nós fica andano de bicicleta na carçada, daí pega
448 e mete o “fumo” na gente, daí vai falá pá mãe, a muié daqui da esquina falô,
449 passa aqui di novo na carçada muleque, daí eu peguei pulei em cima da carçada
450 dela, daí ela pegou e foi lá e falô pá minha vó, eu falei óia quando essa muié
451 morre eu não vou nem no velório dela.”
- 452 QUESTÃO 30: Inf.: Sim. Porque ela vai sofrê muito. Porque ela falôu alguma
453 coisa errado, eu não vou entendê, daí eu corrijo ela a fala certo.
- 454 QUESTÃO 31: Inf.: Fácil, porque eu pego e vou andar de bicicleta, daí o
455 menino fala biciqueta, daí eu vou corrigir ela, eu vou manda ela falá bicicleta.
- 456 QUESTÃO 32: Inf.: Português? (pausa) ah sei não em.
- 457 QUESTÃO 33: Inf.: Ah, o português né, de Curitiba, porque lá é legal.
- 458 QUESTÃO 34: Inf.: Agricultor.
- 459 QUESTÃO 35: Inf.: Aquelas que não fala direito, fala enrolado.
- 460
- 461 ENTREVISTA DO INFORMANTE 11- 6º ANO - (SEXO FEMININO)
- 462
- 463 QUESTÃO 1: Inf.: Deiz anos.
- 464 QUESTÃO 2: Inf.: Ele tava trabalhano na cana.
- 465 QUESTÃO 3: Inf.: Tamém.
- 466 QUESTÃO 4: Inf.: Tenho, minha vó e meu vo.
- 467 QUESTÃO 5: Inf.: Tenho.
- 468 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho.
- 469 QUESTÃO 7: Inf.: Não foi dado resposta.
- 470 QUESTÃO 8: Inf.: Ele estudou até o final.
- 471 QUESTÃO 9: Inf.: A mexê no computador, na televisão, as veiz eu dou uma
472 estudadinha vê se não tem dever. Faço tarefa.
- 473 QUESTÃO 10: Inf.: Matemática, porque é mais legal.
- 474 QUESTÃO 11: Inf.: Sim. Esses que é de professores.
- 475 QUESTÃO 12: Inf.: Não.
- 476 QUESTÃO 13: Inf.: Bom, importante.
- 477 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
- 478 QUESTÃO 15: Inf.: Ah, isso eu não sei.
- 479 QUESTÃO 16: Inf.: Ah, falam em português, falam corretamente.
- 480 QUESTÃO 17: Inf.: Por que ele falô a palavra “cum” e é com.

- 481 QUESTÃO 18: Inf.: ah, (pausa) eu falo tudo certinho.
482 QUESTÃO 19: Inf.: falam tudo errado.
483 QUESTÃO 20: Inf.: sim.
484 QUESTÃO 21: Inf.: Ela corrigi brava. Por que ela tá ensinando pá falá certo,
485 não errado.
486 QUESTÃO 22: Inf.: Falo.
487 QUESTÃO 23: Inf.: Falo.
488 QUESTÃO 24: Inf.: Sim.
489 QUESTÃO 25: Inf.: Sim, ah, porquê daí cada um fica sabendo, não falando de um
490 jeito e otô de outro.
491 QUESTÃO 26: Inf.: Não.
492 QUESTÃO 27: Inf.: Falar uma coisa e troca pela outra.
493 QUESTÃO 28: Inf.: (Pausa) ah, eu acho que elas fala errado.
494 QUESTÃO 29: Inf.: Ah, acho que elas falam certo.
495 QUESTÃO 30: Inf.: Sim, porque assim ela já vai aprendêdo né.
496 QUESTÃO 31: Inf.: Fácil, porque eu já aprendi né?
497 QUESTÃO 32: Inf.: Sim, é, as pessoas que falam errado, elas fala estranha, é feio,
498 porquê e tipo assim se ela for pro um lugar que só fala a palavra certa, os otô vai fala
499 que que é isso, não vão entendê.
500 QUESTÃO 33: Inf.: Sim, quem fala certo, porque falano certo é mais bonito.
501 QUESTÃO 34: Inf.: O professor.
502 QUESTÃO 35: Inf.: Aquelas que fala igual meu vô.
503
504 ENTREVISTA DO INFORMANTE 12 - 6º ANO - (SEXO MASCULINO)
505
506 QUESTÃO 1: Inf.: Doze.
507 QUESTÃO 2: Inf.: Agricultor.
508 QUESTÃO 3: Inf.: Professora.
509 QUESTÃO 4: Inf.: Sim.
510 QUESTÃO 5: Inf.: Sim.
511 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho.
512 QUESTÃO 7: Inf.: De carro, e tem veiz que eu vendo de a pé.
513 QUESTÃO 8: Inf.: Até o oitavo.
514 QUESTÃO 9: Inf.: Brincá, estudá, um monte de coisa.
515 QUESTÃO 10: Inf.: Matemática, a por causa que eu gosto de conta.
516 QUESTÃO 11: Inf.: Sim, mais associado a família.
517 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
518 QUESTÃO 13: Inf.: Boa.
519 QUESTÃO 14: Inf.: Português e sei inglês.
520 QUESTÃO 15: Inf.: Como assim? (reformulamos a pergunta), ah, normal.
521 QUESTÃO 16: Inf.: Normal tamém.
522 QUESTÃO 17: Inf.: Por que se falá errado eu corrijo.
523 QUESTÃO 18: Inf.: Tem coisa que eu falo errado, tem coisa que eu falo certo.
524 QUESTÃO 19: Inf.: Tudo errado.

- 525 QUESTÃO 20: Inf.: Sim.
526 QUESTÃO 21: Inf.: Corrige. Sei lá, por que se a pessoa falá errado ela corrige.
527 QUESTÃO 22: Inf.: Sim.
528 QUESTÃO 23: Inf.: Aham.
529 QUESTÃO 24: Inf.: Aham (Sim).
530 QUESTÃO 25: Inf.: Sim. Por causa que se não falar de acordo, fica tudo errado.
531 QUESTÃO 26: Inf.: Aham, acho, (pausa) ah, porque tipo é... aquilo é mais
532 melhor, é fala errado.
533 QUESTÃO 27: Inf.: É fala de outra forma.
534 QUESTÃO 28: inf.: Da área rural? (pausa), (reformulei) ah, meio caipira.
535 QUESTÃO 29: Inf.: Ah, fala normal.
536 QUESTÃO 30: Inf.: Sim, por causa que (pausa): sei lá por que tudo a pessoa
537 que fala errado eu corrijo.
538 QUESTÃO 31: Inf.: Difícil, ah, por causa que tem muita regra.
539 QUESTÃO 32: Inf.: Acho que sim, por exemplo como?.. eu acho feio o jeito
540 que os caipira fala.
541 QUESTÃO 33: Inf.: Tipo uma professora de português pra mim fala mai bunito.
542 QUESTÃO 34: Inf.: Professor de português.
543 QUESTÃO 35: Inf.: Caipira.
544
545 ENTREVISTA DO INFORMANTE 13 - 7º ANO - (SEXO MASCULINO)
546
547 QUESTÃO 1: Inf.: 11 anos.
548 QUESTÃO 2: Inf.: Agricultor.
549 QUESTÃO 3: Inf.: Professora.
550 QUESTÃO 4: Inf.: Não.
551 QUESTÃO 5: Inf.: Tenho minha vó, meu tio, minha tia, meus primo
552 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho tudo.
553 QUESTÃO 7: Inf.: De carro, meu pai me traiz.
554 QUESTÃO 8: Inf.: Meu pai estudou até o pré-um eu acho.
555 QUESTÃO 9: Inf.: Mexê no computador, jogá vídeo-game, daí tem veiz que eu
556 saio um pouco pa ir na praça.
557 QUESTÃO 10: Inf.: Matemática, porque eu gosto de pensa.
558 QUESTÃO 11: Inf.: Gosto, a livro daqueles meio grossinho assim sabe.
559 QUESTÃO 12: Inf.: Prova do livro? Não nunca teve.
560 QUESTÃO 13: Inf.: Ah, acho bom, importante.
561 QUESTÃO 14: Inf.: Ah, eu to aprendeno a falá inglês, mas falo português.
562 QUESTÃO 15: Inf.: Ah, mais ou menos.
563 QUESTÃO 16: Inf.: Nói fala normal.
564 QUESTÃO 17: Inf.: Pra ele aprender a fala a palavra certa.
565 QUESTÃO 18: Inf.: Minha fala, eu acho que até que é boa.
566 QUESTÃO 19: Inf.: Ah, um poquinho com deficiência pa falá né? que eis não
567 sabe muito bem como fala né? Daí eis fala em ota coisa.
568 QUESTÃO 20: Inf.: Sempre né, porque daí...é cós erro que nói aprendê né, daí a

- 569 escola vai corrigino, vai ficano cada veiz melhor o ensino.
570 QUESTÃO 21: Inf.: Não respondeu.
571 QUESTÃO 22: Inf.: Sim.
572 QUESTÃO 23: Inf.: Sim.
573 QUESTÃO 24: Inf.: Sim.
574 QUESTÃO 25: Inf.: Ah, eu acho né, porque daí cada um ia intendê o que a ota
575 pessoa fala né.
576 QUESTÃO 26: Inf.: Não, porque vai ter o mesmo sentido.
577 QUESTÃO 27: Inf.: É tipo assim, deixa eu vê... a falá errado, é quando uma
578 pessoa ela que se referi a uma coisa mai ela fala ota coisa.
579 QUESTÃO 28: Inf.: Até que é boa.
580 QUESTÃO 29: Inf.: Ah, é melhor né?! Porque lá tem mais ensinu.
581 QUESTÃO 30: Inf.: Não, porque ela...se ela... não teve o ensinu né,então
582 praticamente ela fala do jeito que ela quiser porque ela não aprendeu a fala a
583 palavra certa.
584 QUESTÃO 31: Inf.: Fácil, porque nói tem que falá ela, se nói não fala, nói não
585 consegue falá cós outro se comunica.
586 QUESTÃO 32: Inf.: Como assim? Ah, tem..palavrões.
587 QUESTÃO 33: Inf.: Há, delicadeza, ah, isso.
588 QUESTÃO 34: Inf.: Professora né, tem que falá bem, se não (não soube
589 explicar) ela tem que falá bem.
590 QUESTÃO 35: Inf.: Aquelas que moram no sítio.
591
592 ENTREVISTA DO INFORMANTE 14 - 7º ANO - (SEXO MASCULINO)
593
594 QUESTÃO 1: Inf.: Vou fazê...tenho doze.
595 QUESTÃO 2: Inf.: Ah, ele trabalha assim por dia mesmo, na roça.
596 QUESTÃO 3: Inf.: Trabalha registrada.
597 QUESTÃO 4: Inf.: Não.
598 QUESTÃO 5: Inf.: Não.
599 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho, tenho,tenho.
600 QUESTÃO 7: Inf.: A pé.
601 QUESTÃO 8: Inf.: Hum...até a quarta eu acho.
602 QUESTÃO 9: Inf.: Ah, jogá bola, jogá videogame.
603 QUESTÃO 10: Inf.: Ciências. Eu acho legal.
604 QUESTÃO 11: Inf.: Mais ou menos. Mais de português mesmo.
605 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
606 QUESTÃO 13: Inf.: Bom, importante. Eu mudaria um pouco, é..algumas
607 professoras.
608 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
609 QUESTÃO 15: Inf.: Boa.
610 QUESTÃO 16: Inf.: Boa tamém.
611 QUESTÃO 17: Inf.: Só o “vortô”, porque tá errado é voltamos.
612 QUESTÃO 18: Inf.: Ah, mais ou menos, ah, porque as veiz eu erro as palavra

- 613 tamém.
- 614 QUESTÃO 19: Inf.: Como assim? (reformulamos a pergunta), ah, tudo errado.
- 615 QUESTÃO 20: Inf.: Deve.
- 616 QUESTÃO 21: Inf.: Ela vai falá pra ele não falá mai errado e vai falar o certo
- 617 pra ele, porque é o dever dela.
- 618 QUESTÃO 22: Inf.: Sim, com respeito.
- 619 QUESTÃO 23: Inf.: É.
- 620 QUESTÃO 24: Inf.: Só.
- 621 QUESTÃO 25: Inf.: Como assim norma culta? (reformulamos a pergunta), ah,
- 622 sim, porque daí se eis fô falá outra língua os português não ia entendê.
- 623 QUESTÃO 26: Inf.: Sim, porque sabe que eis tão falano ota língua não é a
- 624 mesma.
- 625 QUESTÃO 27: Inf.: Ah, troca as letra, alguma coisa assim..cumprico agora
- 626 em, num sei..
- 627 QUESTÃO 28: Inf.: Ah, meio estranho, que eis fala tipo diferente assim, meio
- 628 que entranho. Porque a turma do sítio, tem um jeito de falá, não é igual a turma
- 629 da cidade, meio caipira.
- 630 QUESTÃO 29: Inf.: Urbana. Ah..eis fala de um jeito diferente, depende do
- 631 estado, uns fala de um jeito otôs de otô.
- 632 QUESTÃO 30: Inf.: Não, porque é o jeito dela falá mesmo.
- 633 QUESTÃO 31: Inf.: Mais ou menos, nem muito difícil, nem muito fácil, porque
- 634 sim.
- 635 QUESTÃO 32: Inf.: Acho que sim, é, tem gente que fala enrolado, mai errado,
- 636 os mais velho, porquê não dá pá entendê nada.
- 637 QUESTÃO 33: Inf.: Tem quem falá mai calmo, porque eis fala mai certo, a
- 638 gente entende melhor.
- 639 QUESTÃO 34: Inf.: Como assim profissional? (reformulamos a pergunta), ah,
- 640 (risos) o professor.
- 641 QUESTÃO 35: Inf.: Do sítio.
- 642
- 643 ENTREVISTA DO INFORMANTE 15 - 7º ANO - (SEXO MASCULINO)
- 644
- 645 QUESTÃO 1: Inf.: Onze.
- 646 QUESTÃO 2: Inf.: Trabaia na cana.
- 647 QUESTÃO 3: Inf.: Num trabaia.
- 648 QUESTÃO 4: Inf.: Não.
- 649 QUESTÃO 5: Inf.: Não.
- 650 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho, não, tenho.
- 651 QUESTÃO 7: Inf.: De a pé.
- 652 QUESTÃO 8: Inf.: Não sei.
- 653 QUESTÃO 9: Inf.: A fico brincano, ando de bicicleta.
- 654 QUESTÃO 10: Inf.: Ah, isso aí eu num sei não em, (reformulamos a pergunta),
- 655 é artes, porque faiz desenho é legal.
- 656 QUESTÃO 11: Inf.: Mais ou menos, ah, nem sei.

- 657 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
- 658 QUESTÃO 13: Inf.: Ensino? ah, acho bom, é importante.
- 659 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
- 660 QUESTÃO 15: Inf.: Como assim? fala com elas assim? ah, não sei não.
- 661 QUESTÃO 16: Inf.: Na minha casa ? como assim, tudo certo.
- 662 QUESTÃO 17: Inf.: Porque como ele é meu colega de classe, tem que ter... que
- 663 corrigi né porque se não ele vai aprender errado o modo de fala.
- 664 QUESTÃO 18: Inf.: Acho boa.
- 665 QUESTÃO 19: Inf.: Eis fala ruim, ah, não sabe lê.
- 666 QUESTÃO 20: Inf.: Sim.
- 667 QUESTÃO 21: Inf.: Ela fica bem assustada né, e corrige o meu colega que
- 668 falou. Porque ela fala, não é assim que se fala não, é nós voltou né.
- 669 QUESTÃO 22: Inf.: Não.
- 670 QUESTÃO 23: Inf.: Sim.
- 671 QUESTÃO 24: Inf.: Ah, é sim.
- 672 QUESTÃO 25: Inf.: Sim? Ah, eu não sei responde isso aí não, (reformulamos a
- 673 pergunta), não, ah, porque cada um tem a sua língua.
- 674 QUESTÃO 26: Inf.: Não, porque têm várias línguas, cada pessoa fala na sua.
- 675 QUESTÃO 27: Inf.: Falano errado assim, é que num fala a palavra certa.
- 676 QUESTÃO 28: Inf.: Ah, isso aí não sei responde não. (reformulamos “rural”
- 677 para “do sítio”) ah, fala meio enrolado assim.
- QUESTÃO 29: Inf.: Ah, fala que nem nós assim.
- 678 QUESTÃO 30: Inf.: Não, porque é feio corrigi os mai véio. Ah, eu não sei não,
- 679 não corrigiria não.
- 680 QUESTÃO 31: Inf.: Fácil, porque a gente aprende facinho fala
- 681 QUESTÃO 32: Inf.: Mais feio? Para mim tem né, tipo assim pessoa analfabeto
- 682 né, porque assim quando cê fala com uma pessoa de jeito errado, ela pode até
- 683 não entende e fazê outra coisa
- 684 QUESTÃO 33: Inf.: Tem né, quem usa o português mai correto, com acento né,
- 685 porquê é o mais certo né?!
- 686 QUESTÃO 34: Inf.: Profissional? professor.
- 687 QUESTÃO 35: Inf.: Que fala enrolado assim.
- 688
- 689 ENTREVISTA DO INFORMANTE 16 - 7º ANO - (SEXO MASCULINO).
- 690
- 691 QUESTÃO 1: Inf.: Dez..onze.
- 692 QUESTÃO 2: Inf.: Ah, não sei fala direito pu cê não, trabaia na barrage.
- 693 QUESTÃO 3: Inf.: Trabalha no posto.
- 694 QUESTÃO 4: Inf.: Aham, sim.
- 695 QUESTÃO 5: Inf.: Tenho minha vó.
- 696 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho, não, não.
- 697 QUESTÃO 7: Inf.: De moto.
- 698 QUESTÃO 8: Inf.: (Pergunta não formulada)
- 699 QUESTÃO 9: Inf.: Bagunça, brinco co meu irmão, caminho cá cachorra.

- 700 QUESTÃO 10: Inf.: Artes.
701 QUESTÃO 11: Inf.: Não.
702 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
703 QUESTÃO 13: Inf.: Quê? Ah, bom, sim é importante.
704 QUESTÃO 14: Inf.: Brasileiro.
705 QUESTÃO 15: Inf.: Boa.
706 QUESTÃO 16: Inf.: Brasileiro.
707 QUESTÃO 17: Inf.: Porque eu falo tudo errado também.
708 QUESTÃO 18: Inf.: Boa.
709 QUESTÃO 19: Inf.: Meio enrolado, não fica falano coisa com coisa, puxa o “r”.
710 QUESTÃO 20: Inf.: Sim.
711 QUESTÃO 21: Inf.: Ela vai fica corrigino eis. Porque não tá certo.
712 QUESTÃO 22: Inf.: Sim.
713 QUESTÃO 23: Inf.: Sim.
714 QUESTÃO 24: Inf.: É.
715 QUESTÃO 25: Inf.: Sim? (reformulamos a pergunta), é sim porque não entendo
716 nada de outra coisa, só um pouco de inglês.
717 QUESTÃO 26: Inf.: Não, por causa que é diferente a língua das ota pessoa.
718 QUESTÃO 27: Inf.: Não fala coisa com coisa.
719 QUESTÃO 28: Inf.: Diferente.
720 QUESTÃO 29: Inf.: Melhor.
721 QUESTÃO 30: Inf.: Não, por causa que ela num tem escola.
722 QUESTÃO 31: Inf.: Fácil, porque eu já aprendi, e se eu fô aprendê outra língua
723 eu vô acha difícil.
724 QUESTÃO 32: Inf.: Sim, por exemplo. Não entendi não, (reformulamos a
725 pergunta),o nordestino, porquê fala muito enrolado.
726 QUESTÃO 33: Inf.: Sim, tem. As pessoa que mora na cidade, eis fala tudo
727 melhor.
728 QUESTÃO 34: Inf.: (Reformulamos a pergunta), as professora.
729 QUESTÃO 35: Inf.: Não respondeu nada.
730
731 ENTREVISTA DO INFORMANTE 17 - 7º ANO - (SEXO FEMININO).
732
733 QUESTÃO 1: Inf.: Onze.
734 QUESTÃO 2: Inf.: Ah...ele trabaia na banana.
735 QUESTÃO 3: Inf.: Ela..ai como que é o nome, é...acho que é diarista.
736 QUESTÃO 4: Inf.: Não.
737 QUESTÃO 5: Inf.: Não.
738 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho, não, tinha.
739 QUESTÃO 7: Inf.: De a pé
740 QUESTÃO 8: Inf.: Ah, acho que foi até a quarta.
741 QUESTÃO 9: Inf.: Serviço, depoi eu brinco.
742 QUESTÃO 10: Inf.: Como assim? (reformulamos a pergunta), ah, é cação física.
743 QUESTÃO 11: Inf.: Sim. A é...como que fala...tipo de ficção científica.

- 744 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
- 745 QUESTÃO 13: Inf.: Ah, legal, importante. Ah, eu mudaria pa te mais internet,
746 porque é uma internet para vários computadores.
- 747 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
- 748 QUESTÃO 15: Inf.: Ham? (reformulamos a pergunta): a engraçado né.
- 749 QUESTÃO 16: Inf.: Normal.
- 750 QUESTÃO 17: Inf.: Porque isso daí tá de forma inadequada.
- 751 QUESTÃO 18: Inf.: Legal tamém, boa.
- 752 QUESTÃO 19: Inf.: Ah, elas fala de um jeito mais tipo vulgar
- 753 QUESTÃO 20: Inf.: Aham, (sim).
- 754 QUESTÃO 21: Inf.: Ah, ela vai corrigi né? Ah, ela vai lá explica e depois ela
755 repeti da maneira certa. Ela corrige porque ela tem esse dever né, de ensinar falá
756 certo.
- 757 QUESTÃO 22: Inf.: Não, porque aqui eu não posso xinga, em casa eu dou uma
758 xingadinha.
- 759 QUESTÃO 23: Inf.: Não.
- 760 QUESTÃO 24: Inf.: Sim.
- 761 QUESTÃO 25: Inf.: A pa daí as ota pessoa entendê, se precisa de alguma ajuda.
- 762 QUESTÃO 26: Inf.: Sim.
- 763 QUESTÃO 27: Inf.: Ah, é vamo supor, alguém fala certo mais tipo fala errado,
764 por exemplo, em vez de fala cumputador, fala "computer" isso ai já não é falá
765 errado.
- 766 QUESTÃO 28: Inf.: Eis fala de um jeito diferente.
- 767 QUESTÃO 29: Inf.: A aí é um poquinho diferente, mais ou menos tamém.
- 768 QUESTÃO 30: Inf.: Como que ela fala aí? (repetimos a pergunta) ah, eu
769 corrigiria. Ah, sei lá, ela é do sertão tamém né. Ela aprendeu assim né.
- 770 QUESTÃO 31: Inf.: Fácil, por causa que eu já aprendi.
- 771 QUESTÃO 32: Inf.: Acho que sim, tipo assim, se uma pessoa fala tipo assim
772 pessoa e fala pesso, já não é o certo, tipo assim, porque eu não só muito
773 acostumada com essas palavra daí eu acho feio.
- 774 QUESTÃO 33: Inf.: Ah não sei, (reformulamos a pergunta), o paranaense,
775 porque sim, eu nunca escutei ninguém fala de outra cidade, aí prefiro a nossa.
- 776 QUESTÃO 34: Inf.: Profissional? (reformulamos a pergunta), a do professor.
- 777 QUESTÃO 35: Inf.: Ah, não sei né.
- 778
- 779 ENTREVISTA DO INFORMANTE 18- 7º ANO - (SEXO MASCULINO)
- 780
- 781 QUESTÃO 1: Inf.: Tenho onze.
- 782 QUESTÃO 2: Inf.: Ah, ele tava trabaiano lá em Campo Grande, agora ela tá
783 trabaiano aqui mesmo onde a gente mora.
- 784 QUESTÃO 3: Inf.: A minha mãe num trabaia.
- 785 QUESTÃO 4: Inf.: Sim, lá na vila debaixo.
- 786 QUESTÃO 5: Inf.: Parentes? Tenho.
- 787 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho, não, só minha mãe e meu pai.

- 788 QUESTÃO 7: Inf.: De ônibus.
- 789 QUESTÃO 8: Inf.: Ah, eu..num sei acho que até o quinto.
- 790 QUESTÃO 9: Inf.: Ah, eu assisto televisão, ajudo minha mãe, brinco com o meu
791 irmãozinho, ele tem três méis né, daí eu ajudo minha mãe a cuida dele.
- 792 QUESTÃO 10: Inf.: Geografia.
- 793 QUESTÃO 11: Inf.: Um pouco.ai...a eu gosto de lê gibi assim.
- 794 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
- 795 QUESTÃO 13: Inf.: Ah, é.
- 796 QUESTÃO 14: Inf.: Português
- 797 QUESTÃO 15: Inf.: ah, é normal.
- 798 QUESTÃO 16: Inf.: normal assim mesmo.
- 799 QUESTÃO 17: Inf.: Porque é um amigo, eu acho que dá vergonha.
- 800 QUESTÃO 18: Inf.: Ah, não sei.
- 801 QUESTÃO 19: Inf.: Ah, um pouco diferente é, ah, eu acho que eis esquece
802 algumas letras, mais errado.
- 803 QUESTÃO 20: Inf.: Ah, acho que sim, pa aprendê.
- 804 QUESTÃO 21: Inf.: Ela ia corrigi. Porque sempre quando nós fala alguma coisa
805 errada, elas fala né? Ué, ela fala assim que não é assim que fala, que tem que
806 fala do modo certo né?
- 807 QUESTÃO 22: Inf.: Acho que sim.
- 808 QUESTÃO 23: Inf.: Sim.
- 809 QUESTÃO 24: Inf.: Ah, eu acho que sim.
- 810 QUESTÃO 25: Inf.: Aí, esse daí não sei, (reformulamos a pergunta), ah, acho
811 que sim, ah, porque na escola a gente tem que aprendê né, aí fala certo.
- 812 QUESTÃO 26: Inf.: Ah, acho que é normal.
- 813 QUESTÃO 27: Inf.: falá errado? ah, quando a gente vai falá errado assim, vai
814 falá uma coisa esquecê das letra, põe uma letra a mais na palavra, hoje memo
815 não sei que palavra que eu falei que a professora corrigiu porque eu tava falano
816 errado.
- 817 QUESTÃO 28: Inf.: Ah, diferente né.
- 818 QUESTÃO 29: Inf.: Diferente das do sítio né, eis fala mai certo.
- 819 QUESTÃO 30: Inf.: Ah, eu acho que não, eu ia fica quieta né, a porque eu não
820 gosto muito de corrigi os otô.
- 821 QUESTÃO 31: Inf.: Acho que é fácil, porque a gente aprendi um pouco rápido
822 né, as outas línguas é mais difícil.
- 823 QUESTÃO 32: Inf.: Sim, quando as pessoas falam meio errado né, alguns
824 amigos. Ah, porquê é mais diferente, não falam muito certo.
- 825 QUESTÃO 33: Inf.: Não sei, acho que não, pra mim é tudo igual.
- 826 QUESTÃO 34: Inf.: Professor.
- 827 QUESTÃO 35: Inf.: Que fala diferente (se referindo as pessoas da área rural).
828
- 829 ENTREVISTA DO INFORMANTE 19 - 7º ANO - (SEXO FEMININO)
- 830
- 831 QUESTÃO 1: Inf.: Onze.

- 832 QUESTÃO 2: Inf.: Ele trabalha no sítio.
833 QUESTÃO 3: Inf.: Só em casa mesmo.
834 QUESTÃO 4: Inf.: Não.
835 QUESTÃO 5: Inf.: Tenho.
836 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho, não, tenho.
837 QUESTÃO 7: Inf.: Que jeito? é...de a pé.
838 QUESTÃO 8: Inf.: Até o quarto
839 QUESTÃO 9: Inf.: Fica assistino televisão, brincano no computador.
840 QUESTÃO 10: Inf.: Matéria? é matemática, porque é mais animado.
841 QUESTÃO 11: Inf.: Gosto, livros de histórias.
842 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
843 QUESTÃO 13: Inf.: Legal, mudaria o bebedoro, porque nós precisa de água
844 saudável pa bebe.
845 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
846 QUESTÃO 15: Inf.: Ruim.
847 QUESTÃO 16: Inf.: Na minha casa é boa.
848 QUESTÃO 17: Inf.: Porque falá errado, não é muito bonito.
849 QUESTÃO 18: Inf.: Boa.
850 QUESTÃO 19: Inf.: Sim, porque fala tudo errado.
851 QUESTÃO 20: Inf.: Sim.
852 QUESTÃO 21: Inf.: Ela fica brava né. Porque ela gosta que nós fala certo, né?!
853 QUESTÃO 22: Inf.: Sim.
854 QUESTÃO 23: Inf.: Sim.
855 QUESTÃO 24: Inf.: Só um.
856 QUESTÃO 25: Inf.: Norma culta? (reformulamos a pergunta), sim, porque daí
857 fica mais deixa eu vê, educado.
858 QUESTÃO 26: Inf.: Como assim? Sim, porque têm várias línguas.
859 QUESTÃO 27: Inf.: Falar errado é quando você fala alguma coisa diferente, por
860 exemplo, não sei.
861 QUESTÃO 28: Inf.: Mais ou menos, porque dá área urbana tem mais coisas
862 diferentes.
863 QUESTÃO 29: Inf.: Boa.
864 QUESTÃO 30: Inf.: Sim, porque ela falô errado.
865 QUESTÃO 31: Inf.: Fácil, porque a gente já é acostumado a falar.
866 QUESTÃO 32: Inf.: Não, não sei explicar esse negócio não, (reformulamos a
867 pergunta), acho que não.
868 QUESTÃO 33: Inf.: O nordestino, porque tem sotaque diferente.
869 QUESTÃO 34: Inf.: Como assim? O vendedor.
870 QUESTÃO 35: Inf.: Não sei
871
872 ENTREVISTA DO INFORMANTE 20 - 7º ANO - (SEXO FEMININO)
873
874 QUESTÃO 1: Inf.: Tenho doze ano.
875 QUESTÃO 2: Inf.: É agricultura .

- 876 QUESTÃO 3: Inf.: Minha mãe fica em casa é do lazer.
877 QUESTÃO 4: Inf.: Tenho.
878 QUESTÃO 5: Inf.: Sim.
879 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho, tenho,tenho.
880 QUESTÃO 7: Inf.: De ônibus.
881 QUESTÃO 8: Inf.: Até a terceira série.
882 QUESTÃO 9: Inf.: Quando não tô na escola fico mexendo no celular, no computador.
883 QUESTÃO 10: Inf.: Disciplina? Artes.
884 QUESTÃO 11: Inf.: Não muito.
885 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
886 QUESTÃO 13: Inf.: Ah, é bom mais acho que podia melhorar mais um pouco,
887 ah, não sei..por uma regra, eu vejo gente de shortinho curto, com brusa sem se
888 escolar, força um poco mais os estudo
889 QUESTÃO 14: Inf.: Só português.
890 QUESTÃO 15: Inf.: Tem alguns que fala bem errado.
891 QUESTÃO 16: Inf.: Meu pai, ele não tem tanto estudo então ele erra um pouco
892 no português, a minha mãe tem um poco mais e é melhor, a minha irmã que
893 estuda inglês, fala um pouco melhor português e inglês.
894 QUESTÃO 17: Inf.: Porque tá errado.
895 QUESTÃO 18: Inf.: Ah, tem vez que eu falo um poco errado também.
896 QUESTÃO 19: Inf.: Errado.
897 QUESTÃO 20: Inf.: Sim, porque eis tem que ensina o melhor.
898 QUESTÃO 21: Inf.: Ela corrige. Porque ele falô tudo errado, ela fala que não é
899 desse jeito que fala.
900 QUESTÃO 22: Inf.: Sim.
901 QUESTÃO 23: Inf.: Não, tem algumas vezes na minha casa que eu grito.
902 QUESTÃO 24: Inf.: Sim.
903 QUESTÃO 25: Inf.: Acho que sim, a não sei isso aí,(reformulamos a pergunta),
904 ah, sim porque é o jeito certo, tal.
905 QUESTÃO 26: Inf.: Não, porque acho que é um jeito assim, tipo em são Paulo é
906 de um jeito, no Paraná é de outro.
907 QUESTÃO 27: Inf.: Quando a palavra é de um jeito e você fala de outro, quem
908 nem que nós, eis fala nós. E é nós.
909 QUESTÃO 28: Inf.: Ah, alguns são bem caipira, eis fala assim meio com
910 bastante erro de português sem “r” sem “m”.
911 QUESTÃO 29: Inf.: Eis fala bem avançado assim, porque tem estudo.
912 QUESTÃO 30: Inf.: Sim, porque é trabalho e não trabaio.
913 QUESTÃO 31: Inf.: Mais ou menos, porque tem algumas palavras difíceis.
914 QUESTÃO 32: Inf.: Sim, quando fala errado, porque tem alguns modos que
915 puxa mais “r”e eu acho estranho.
916 QUESTÃO 33: Inf.: Sim, tipo minha professora de português, é a gente e ela
917 fala nós, ela corrige a gente é mais bonito quem fala certim, acentinho no lugar.
918 QUESTÃO 34: Inf.: Meus professores.
919 QUESTÃO 35: Inf.: Aqueis que fala com “r” puxado.

- 920
- 921 ENTREVISTA DO INFORMANTE 21 - 8º ANO - SEXO MASCULINO.
- 922
- 923 QUESTÃO 1: Inf.: Treze, não catorze.
- 924 QUESTÃO 2: Inf.: Pescador profissional.
- 925 QUESTÃO 3: Inf.: Hum...acho que é..cortadeira de cana.
- 926 QUESTÃO 4: Inf.: Não
- 927 QUESTÃO 5: Inf.: Sim.
- 928 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho.
- 929 QUESTÃO 7: Inf.: A pé.
- 930 QUESTÃO 8: Inf.: Acho que ele acabo.
- 931 QUESTÃO 9: Inf.: Vejo televisão, jogo vídeo game, vô de tarde na quadra,
- 932 jogo bola.
- 933 QUESTÃO 10: Inf.: Artes, porque eu gosto de desenha.
- 934 QUESTÃO 11: Inf.: Não.
- 935 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
- 936 QUESTÃO 13: Inf.: Ah...(pausa) : Simprimente não sei. A escola é boa, eu
- 937 mudaria a escola, crescia mais a escola, é fazia as coisas, as carçada mais feita,
- 938 (pausa), usava a biblioteca, sala mai grande pos computador, sala mais grande pa
- 939 nós, acho que só.
- 940 QUESTÃO 14: Inf.: Ah... Português né?!
- 941 QUESTÃO 15: Inf.: Ah...(pausa) ah, tipo, não tem como explica, (reformulamos
- 942 a pergunta) ah, tipo meu apelido é jão frango e eis fica, eis fala Jão, Jão Vito.
- 943 QUESTÃO 16: Inf.: Em casa é filho, ou jão Vitor.
- 944 QUESTÃO 17: Inf.: Porque ele tá falano errado.
- 945 QUESTÃO 18: Inf.: Ah, nem sei...(pausa), tem veiz que eu falo errado, tem veiz
- 946 que eu falo certo.
- 947 QUESTÃO 19: Inf.: As pessoa? (pausa), fala quase. Não, fala meio..tipo
- 948 ruim..diferente..diferente pá ruim.
- 949 QUESTÃO 20: Inf.: Acho que sim né?
- 950 QUESTÃO 21: Inf.: Ela corrige. Porque ela fala que tá errado fala desse jeito.
- 951 QUESTÃO 22: Inf.: Não.
- 952 QUESTÃO 23: Inf.: Falo.
- 953 QUESTÃO 24: Inf.: Acho que dois. O certo e o errado.
- 954 QUESTÃO 25: Inf.: Norma culta? Sei não em.
- 955 QUESTÃO 26: Inf.: Não sei.
- 956 QUESTÃO 27: Inf.: Não sei.
- 957 QUESTÃO 28: Inf.: Rural? (pausa) ah, fala tipo é ,como que fala (riso) tipo sem
- 958 educação, né?
- 959 QUESTÃO 29: Inf.: Não sei. (reformulamos a pergunta) acho que sim fala
- 960 diferente.
- 961 QUESTÃO 30: Inf.: Acho que sim em “trabaio”?
- 962 QUESTÃO 31: Inf.: Difícil.
- 963 QUESTÃO 32: Inf.: Ih não sei.

- 964 QUESTÃO 33: Inf.: Sim, o das outra pessoa, (do estado de São Paulo).
965 QUESTÃO 34: Inf.: Que profissional (reformulamos a pergunta), ah, pra mim o
966 professor.
967 QUESTÃO 35: Inf.: Sítio.
968
969 ENTREVISTA DO INFORMANTE 22 - 8º ANO - (SEXO FEMININO).
970
971 QUESTÃO 1: Inf.: Catorze.
972 QUESTÃO 2: Inf.: Ah, não sei.
973 QUESTÃO 3: Inf.: Não tá trabaiano.
974 QUESTÃO 4: Inf.: Não.
975 QUESTÃO 5: Inf.: Não.
976 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho, não, tenho.
977 QUESTÃO 7: Inf.: Andando a pé.
978 QUESTÃO 8: Inf.: (Não respondeu a questão).
979 QUESTÃO 9: Inf.: Cuido de casa, tenho casa, eu sou casada.
980 QUESTÃO 10: Inf.: Ah, não sei, sei lá (reformulamos a pergunta): ah, gosto de
981 português, história.
982 QUESTÃO 11: Inf.: Não.
983 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
984 QUESTÃO 13: Inf.: Ah, eu gosto um pouco.
985 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
986 QUESTÃO 15: Inf.: Errada.
987 QUESTÃO 16: Inf.: Meio errado, meio certo.
988 QUESTÃO 17: Inf.: Não sei.
989 QUESTÃO 18: Inf.: Pouco errado, pouco certo.
990 QUESTÃO 19: Inf.: Tudo errado.
991 QUESTÃO 20: Inf.: Sim.
992 QUESTÃO 21: Inf.: Não respondeu.
993 QUESTÃO 22: Inf.: Não.
994 QUESTÃO 23: Inf.: Não.
995 QUESTÃO 24: Inf.: Não, ah, tem o errado tamém.
996 QUESTÃO 25: Inf.: Aham, ah (pausa), (reformulamos a pergunta), ah, porque é
997 o certo.
998 QUESTÃO 26: Inf.: Sim.
999 QUESTÃO 27: Inf.: Ah, você fala as palavra errada. Ah, eu falo tudo errado, eu
1000 não sei.
1001 QUESTÃO 28: Inf.: Um pouco caipira, sei lá.
1002 QUESTÃO 29: Inf.: Mais diferente, mais certo.
1003 QUESTÃO 30: Inf.: Não, porque não, porque é a vida dela, foi desse jeito, eu
1004 vou corrigí? Então não é errado. É o jeito dela.
1005 QUESTÃO 31: Inf.: Fácil, a não sei.
1006 QUESTÃO 32: Inf.: Ah, não sei.
1007 QUESTÃO 33: Inf.: Deve ter, tem mai não sei.

- 1008 QUESTÃO 34: Inf.: Quem trabalha em loja, que mexe com informática, posto
1009 de saúde.
- 1010 QUESTÃO 35: Inf.: Du sítio.
1011
- 1012 ENTREVISTA DO INFORMANTE 23 - 8º ANO - (SEXO MASCULINO)
1013
- 1014 QUESTÃO 1: Inf.: Catorze.
- 1015 QUESTÃO 2 Inf.: Trabaia na máquina de corta cana.
- 1016 QUESTÃO 3: Inf.: Não trabaia.
- 1017 QUESTÃO 4: Inf.: Não.
- 1018 QUESTÃO 5: Inf.: Tenho, meu vô.
- 1019 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho, tenho, tenho.
- 1020 QUESTÃO 7: Inf.: De bicicleta.
- 1021 QUESTÃO 8: Inf.: Até o segundo ano a noite.
- 1022 QUESTÃO 9: Inf.: Nada, assisto "tv", e mexo no tablet.
- 1023 QUESTÃO 10: Inf.: Educação física, porque não fai nada.
- 1024 QUESTÃO 11: Inf.: Não.
- 1025 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
- 1026 QUESTÃO 13: Inf.: Bom.
- 1027 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
- 1028 QUESTÃO 15: Inf.: Boa.
- 1029 QUESTÃO 16: Inf.: Boa tamém.
- 1030 QUESTÃO 17: Inf.: Porque eu tamém falo errado.
- 1031 QUESTÃO 18: Inf.: Ah, eu erro bastante palavra, nossa tem um monte de
1032 palavra que eu erro, tem vez que eu falo, a não dá pra explica, tem vez que eis
1033 corrigi eu falar a palavra errada, ainda mais a professora , que é a de português.
- 1034 QUESTÃO 19: Inf.: Fala meio erradona, tem vez que eis erra, é um "n" e eis
1035 fala com "m".
- 1036 QUESTÃO 20: Inf.: Sempre.
- 1037 QUESTÃO 21: Inf.: A professora corrige.Porque ele falô errado, ela fala assim,
1038 cê falo palavra errada aí.
- 1039 QUESTÃO 22: Inf.: Sim.
- 1040 QUESTÃO 23: Inf.: Sim.
- 1041 QUESTÃO 24: Inf.: Só.
- 1042 QUESTÃO 25: Inf.: Que que é isso? (reformulamos a pergunta), aham, porque é
1043 a fala certa.
- 1044 QUESTÃO 26: Inf.: Não sei.
- 1045 QUESTÃO 27: Inf.: Quando fala o que não tem nada a vê.
- 1046 QUESTÃO 28: Inf.: Fala meio caipira.
- 1047 QUESTÃO 29: Inf.: Fala certo.
- 1048 QUESTÃO 30: Inf.: Não, porque eu tenho minha vó assim e eu não corrijo ela.
- 1049 QUESTÃO 31: Inf.: Fácil. Ah, porque é fácil, melhor que inglês.
- 1050 QUESTÃO 32: Inf.: Sim, aqueles caipiras lá, que fala de uma forma esquisita.
- 1051 QUESTÃO 33: Inf.: Ah tem, tem gente que fala mai bonito, tipo aqueles

- 1052 mineiro.
- 1053 QUESTÃO 34: Inf.: Quem dá aula de português.
- 1054 QUESTÃO 35: Inf.: Aquelas caipira.
- 1055
- 1056 ENTREVISTA DO INFORMANTE 24 - 8º ANO - (SEXO MASCULINO)
- 1057
- 1058 QUESTÃO 1: Inf.: Vou fazer doze.
- 1059 QUESTÃO 2: Inf.: Não sei.
- 1060 QUESTÃO 3: Inf.: Trabalha na área rural.
- 1061 QUESTÃO 4: Inf.: Sim.
- 1062 QUESTÃO 5: Inf.: Sim, meu tio.
- 1063 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho, tenho, tenho.
- 1064 QUESTÃO 7: Inf.: De pé eu moro aqui.
- 1065 QUESTÃO 8: Inf.: Ah, não sei.
- 1066 QUESTÃO 9: Inf.: Mexo no celular.
- 1067 QUESTÃO 10: Inf.: Disciplina? (reformulei a pergunta): Matemática, mais fácil.
- 1068 QUESTÃO 11: Inf.: Aham (sim).
- 1069 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
- 1070 QUESTÃO 13: Inf.: Ensino? (reformulei a pergunta): é importante. Eu mudaria
- 1071 tudo, as professoras, o horário do recreio, muito pouco tempo.
- 1072 QUESTÃO 14: Inf.: Brasileiro.
- 1073 QUESTÃO 15: Inf.: Normal.
- 1074 QUESTÃO 16: Inf.: Também normal.
- 1075 QUESTÃO 17: Inf.: Porque ele pode falar do jeito que quiser
- 1076 QUESTÃO 18: Inf.: Bom.
- 1077 QUESTÃO 19: Inf.: Ele é tímido, não sabe falar.
- 1078 QUESTÃO 20: Inf.: Sim, porque tem uns que são meio burro.
- 1079 QUESTÃO 21: Inf.: Corrige. Porque ela é professora de português, ela ia falar não é
- 1080 vortô, é voltô.
- 1081 QUESTÃO 22: Inf.: Sim.
- 1082 QUESTÃO 23: Inf.: Sim.
- 1083 QUESTÃO 24: Inf.: Sim.
- 1084 QUESTÃO 25: Inf.: Que que é isso? (reformulamos a pergunta), não, porque daí
- 1085 fica chato.
- 1086 QUESTÃO 26: Inf.: Sim.
- 1087 QUESTÃO 27: Inf.: Ah, é, não sei explicar.
- 1088 QUESTÃO 28: Inf.: Ah, fala mais diferente, mais caipira.
- 1089 QUESTÃO 29: Inf.: Ah, fala mais normal.
- 1090 QUESTÃO 30: Inf.: Não. Ah, ela é do sítio fala do jeito que ela quiser.
- 1091 QUESTÃO 31: Inf.: Acho que é fácil, porque eu falo português.
- 1092 QUESTÃO 32: Inf.: Não, porque para mim tudo é bonito, mais os do sítio é
- 1093 mais feio.
- 1094 QUESTÃO 33: Inf.: Os do Piauí, porque eu acho mais legal o jeito deles falar.
- 1095 QUESTÃO 34: Inf.: Profissional? (reformulei a pergunta): a o professor.

- 1096 QUESTÃO 35: Inf.: Não sei.
1097
1098 ENTREVISTA DO INFORMANTE 25 - 8º ANO - (SEXO FEMININO)
1099
1100 QUESTÃO 1: Inf.: Não respondeu a idade.
1101 QUESTÃO 2: Inf.: Predero .
1102 QUESTÃO 3: Inf.: Ela vai trabaia na cana.
1103 QUESTÃO 4: Inf.: Sim.
1104 QUESTÃO 5: Inf.: Tenho, meu tio.
1105 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho, tenho, não.
1106 QUESTÃO 7: Inf.: De carro, a não de carro não, de a pé.
1107 QUESTÃO 8: Inf.: Não sei.
1108 QUESTÃO 9: Inf.: Eu costume fica em casa e brinca, eu brinco de bola, só.
1109 QUESTÃO 10: Inf.: Como assim (reformulamos a pergunta), importante.
1110 QUESTÃO 11: Inf.: Gosto de história em quadrinho.
1111 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
1112 QUESTÃO 13: Inf.: Como assim ensino? (reformulamos a pergunta), é
1113 importante.
1114 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
1115 QUESTÃO 15: Inf.: Eis fala um português errado.
1116 QUESTÃO 16: Inf.: Português tamém.
1117 QUESTÃO 17: Inf.: Porque tá errado.
1118 QUESTÃO 18: Inf.: Fala em português, eu falo mais ou menos.
1119 QUESTÃO 19: Inf.: Falam errado.
1120 QUESTÃO 20: Inf.: Porque se eis fala coisa errada tem que corrigí né.
1121 QUESTÃO 21: Inf.: Corrige. Porque ela é professora de português, ela fala não é
1122 desse jeito.
1123 QUESTÃO 22: Inf.: Sim.
1124 QUESTÃO 23: Inf.: Sim.
1125 QUESTÃO 24: Inf.: Acho que um.
1126 QUESTÃO 25: Inf.: Acho que sim, porque eis fala de um jeito diferente e otô
1127 fala ingual.
1128 QUESTÃO 26: Inf.: Não, porque tem os que fala diferente de outra cidade,
1129 nordestina tipo assim.
1130 QUESTÃO 27: Inf.: É erra a palavra, por exemplo eu vou par escorla.
1131 QUESTÃO 28: Inf.: Fala errado.
1132 QUESTÃO 29: Inf.: Fala certo.
1133 QUESTÃO 30: Inf.: Corrigiria, porque ele tá falano errado.
1134 QUESTÃO 31: Inf.: Fácil, porque todo mundo sabe.
1135 QUESTÃO 32: Inf.: Acho que sim, os do sítio né, porquê fala trocando letra.
1136 QUESTÃO 33: Inf.: Não sei.
1137 QUESTÃO 34: Inf.: Profissional? (reformulamos a pergunta), o professor.
1138 QUESTÃO 35: Inf.: Os do sítio.
1139

- 1140 ENTREVISTA DO INFORMANTE 26 - 8º ANO - (SEXO FEMININO)
1141
1142 QUESTÃO 1: Inf.: Treze.
1143 QUESTÃO 2: Inf.: Granjero.
1144 QUESTÃO 3: Inf.: Cuidadora de casa.
1145 QUESTÃO 4: Inf.: Sim.
1146 QUESTÃO 5: Inf.: Tenho, meu primo.
1147 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho, não, não.
1148 QUESTÃO 7: Inf.: De ônibus.
1149 QUESTÃO 8: Inf.: Não sei.
1150 QUESTÃO 9: Inf.: Brinca.
1151 QUESTÃO 10: Inf.: Disciplina? Matemática.
1152 QUESTÃO 11: Inf.: Gosto.
1153 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
1154 QUESTÃO 13: Inf.: Bom, eu mudaria o banheiro, porque tem uma porta lá que
1155 tá quebrada.
1156 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
1157 QUESTÃO 15: Inf.: Tem hora que eis fala errado.
1158 QUESTÃO 16: Inf.: Normal.
1159 QUESTÃO 17: Inf.: Pra ajuda a fala certo
1160 QUESTÃO 18: Inf.: Boa.
1161 QUESTÃO 19: Inf.: Elas fala tudo coisa mal feito, errado.
1162 QUESTÃO 20: Inf.: Sim.
1163 QUESTÃO 21: Inf.: A professora corrige. Porque tá falano errado.
1164 QUESTÃO 22: Inf.: Falo.
1165 QUESTÃO 23: Inf.: Sim.
1166 QUESTÃO 24: Inf.: Não sei, tem otô jeito, por exemplo..é..meio enrolado,
1167 tem os que fala mai certo.
1168 QUESTÃO 25: Inf.: Sim, ham? Não entendi (reformulamos a pergunta), sim.
1169 QUESTÃO 26: Inf.: Não.
1170 QUESTÃO 27: Inf.: É falar bobeira, palavrões, falar errado, xinga os outros.
1171 QUESTÃO 28: Inf.: Elas fala que é bom morar no sítio, fala certo.
1172 QUESTÃO 29: Inf.: Acho que fala certo tamém.
1173 QUESTÃO 30: Inf.: Sim, porque os velinhos fala errado né e a gente fala certo,
1174 pra ajudar ela.
1175 QUESTÃO 31: Inf.: Fácil.
1176 QUESTÃO 32: Inf.: Não sei.
1177 QUESTÃO 33: Inf.: O jeito da professora, porque fala mai bonito.
1178 QUESTÃO 34: Inf.: Professor.
1179 QUESTÃO 35: Inf.: Os inglês.
1180
1181 ENTREVISTA DO INFORMANTE 27- 9º ANO – (SEXO MASCULINO)
1182
1183 QUESTÃO 1: Inf.: Catorze.

- 1184 QUESTÃO 2: Inf.: Soldador.
1185 QUESTÃO 3: Inf.: Funcionária pública .
1186 QUESTÃO 4: Inf.: Não.
1187 QUESTÃO 5: Inf.: Sim.
1188 QUESTÃO 6: Inf.: Sim.
1189 QUESTÃO 7: Inf.: A pé.
1190 QUESTÃO 8: Inf.: Não sei.
1191 QUESTÃO 9: Inf.: Fico em casa jogano, fico conversano, com os amigo.
1192 QUESTÃO 10: Inf.: Como assim diciprina? (reformulamos a pergunta),
1193 é...matemática, porque pra mim é mai faci.
1194 QUESTÃO 11: Inf.: Ah, qualque um.
1195 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
1196 QUESTÃO 13: Inf.: Bom.
1197 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
1198 QUESTÃO 15: Inf.: Como assim? (pausa) ah, normal do dia a dia.
1199 QUESTÃO 16: Inf.: Ah, normal tamém.
1200 QUESTÃO 17: Inf.: Porque cada um tem seu jeito de fala
1201 QUESTÃO 18: Inf.: Tem que miora ainda né? (risos)
1202 QUESTÃO 19: Inf.: Vixe, minha vó fala bem em.
1203 QUESTÃO 20: Inf.: Acho que sim em.
1204 QUESTÃO 21: Ela corrigiria. Porque no português tem que usar a norma culta.
1205 QUESTÃO 22: Inf.: Acho que não.
1206 QUESTÃO 23: Inf.: Não.
1207 QUESTÃO 24: Inf.: Não, acho que as vez eu falo com gíria.
1208 QUESTÃO 25: Inf.: Como assim normal culta? (reformulamos a pergunta), sim,
1209 porque seria mai faci de intendê.
1210 QUESTÃO 26: Inf.: Ah, acho que não.
1211 QUESTÃO 27: Inf.: Hum..(pausa) é fala um palavra errada essas coisa,
1212 (pedimos um exemplo) vixe esqueci agora exemplo, (pausa) ah, é talvez quando
1213 erra alguma letra da palavra.
1214 QUESTÃO 28: Inf.: Normal.
1215 QUESTÃO 29: Inf.: Ah, normal tamém.
1216 QUESTÃO 30: Inf.: Não, porque cada um tem seu jeito de fala.
1217 QUESTÃO 31: Inf.: Difícil.
1218 QUESTÃO 32: Inf.: Sim, quem fala meio rápido, ligeiro, por exemplo, quem é
1219 roquero, que fala mano, brou ah, a daí a gente não entende.
1220 QUESTÃO 33: Inf.: Sim, mais não sei um exemplo.
1221 QUESTÃO 34: Inf.: Profissional? Hum, (pausa): deixa eu vê, advogado.
1222 QUESTÃO 35: Inf.: Não sei.
1223
1224 ENTREVISTA DO INFORMANTE 28- 9º ANO – M.
1225
1226 QUESTÃO 1: Inf.: Catorze.
1227 QUESTÃO 2: Inf.: Ele morreu.

- 1228 QUESTÃO 3: Inf.: Trabaia, trabalhadora rural.
- 1229 QUESTÃO 4: Inf.: Não.
- 1230 QUESTÃO 5: Inf.: Não.
- 1231 QUESTÃO 6: Inf.: Sim.
- 1232 QUESTÃO 7: Inf.: A pé.
- 1233 QUESTÃO 8: Inf.: Pergunta não realizada.
- 1234 QUESTÃO 9: Inf.: Mexê no computador, sai pra brinca com os amigo.
- 1235 QUESTÃO 10: Inf.: Educação física, porque a gente não copia.
- 1236 QUESTÃO 11: Inf.: Mais ou menos.
- 1237 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
- 1238 QUESTÃO 13: Inf.: Do ensino? Ah, é bom.. ah, eu queria que te uma biblioteca
1239 liberada para os alunos toda hora.
- 1240 QUESTÃO 14: Inf.: Só portuguêsis.
- 1241 QUESTÃO 15: Inf.: Ah, é boa.
- 1242 QUESTÃO 16: Inf.: Ah, normal.
- 1243 QUESTÃO 17: Inf.: Porque eu já tô costumado com essa fala, então pra mim
1244 não tem pobrema.
- 1245 QUESTÃO 18: Inf.: Ah, é boa, mais às vezes dá uma atrapalhada.
- 1246 QUESTÃO 19: Inf.: Ah, fala quase do mesmo modo, só que elas fala dum modo
1247 normal, só que não do jeito que a gente aprendê na escola.
- 1248 QUESTÃO 20: Inf.: Aham (sim).
- 1249 QUESTÃO 21: Inf.: Bem brava, ela corrige. Porque tá errado, ah, ela fala como
1250 é a maneira certa de falar essa palavra, por causa de outras palavras que vai
1251 atrapalhar.
- 1252 QUESTÃO 22: Inf.: Não.
- 1253 QUESTÃO 23: Inf.: Não.
- 1254 QUESTÃO 24: Inf.: Não.
- 1255 QUESTÃO 25: Inf.: Não, ah, porque se todo mundo falasse do memo jeito, não
1256 seria que nem hoje, assim tão legal, fala de jeito diferente.
- 1257 QUESTÃO 26: Inf.: Não, porque a gente sempre fala errado, e os otô entende i é
1258 normal.
- 1259 QUESTÃO 27: Inf.: Ah, (pausa) a sei lá, é... Porque a gente já tem costume de
1260 fala, a gente já nasce falano essa, (pausa) desse jeito, tipo uma frase, nós, eu
1261 falô nós vai num sei na onde, e eis corrigí fala que é nós.
- 1262 QUESTÃO 28: Inf.: A fala meio sertão sabe, puxando sei lá, uma palavra meio,
1263 a é diferente.
- 1264 QUESTÃO 29: Inf.: Ah, já é mais normal sabe, fala fixo.
- 1265 QUESTÃO 30: Inf.: Não, ah. Uma ela é senhora de idade, e outra que ela não
1266 estudou e morava no sítio, então acho que é normal.
- 1267 QUESTÃO 31: Inf.: Difícil, porque tem bastante coisa pra aprendê, ortografia
1268 essas coisa, e pra mim é considerado difícil.
- 1269 QUESTÃO 32: Inf.: Sim, tipo quem fala bem errado né, por exemplo, (pausa) ai
1270 meu deus du céu (reformulou-se a pergunta) ah, tem sim tipo, (pausa) tipo a tipo
1271 quando eu o tô na internet eu entro no site que conversa cós outro, e outro de otô

- 1272 estado, fala meio rápido, desse jeito eu acho meio (pausa), eu acho feio.
- 1273 QUESTÃO 33: Inf.: Há. Por exemplo, os de cidade grande, né, porquê eu acho
- 1274 mais interessante o jeito de fala deles.
- 1275 QUESTÃO 34: Inf.: Advogado.
- 1276 QUESTÃO 35: Inf.: Quem fala enrolado.
- 1277
- 1278 ENTREVISTA DO INFORMANTE 29- 9º ANO – MASCULINO.
- 1279
- 1280 QUESTÃO 1: Inf.: Catorze ano, não tenho treze.
- 1281 QUESTÃO 2: Inf.: É, ele é ...ah.. como que é...trabaia no mercado, vendedor.
- 1282 QUESTÃO 3: Inf.: Vendedora também.
- 1283 QUESTÃO 4: Inf.: Não.
- 1284 QUESTÃO 5: Inf.: Sim.
- 1285 QUESTÃO 6: Inf.: Sim.
- 1286 QUESTÃO 7: Inf.: De a pé.
- 1287 QUESTÃO 8: Inf.: Acho que até o segundo ano.
- 1288 QUESTÃO 9: Inf.: Eu ajudo meu pai e tem vez que eu faço tarefa, tem vez
- 1289 que eu vou brinca.
- 1290 QUESTÃO 10: Inf.: É matemática, que me do mais bem na matéria dela.
- 1291 QUESTÃO 11: Inf.: Sim, leio coisa de matéria assim matemática, português.
- 1292 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
- 1293 QUESTÃO 13: Inf.: Eu gosto, eu acho que a escola tá bõo assim.
- 1294 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
- 1295 QUESTÃO 15: Inf.: Hum (pausa) ah, mais ou menos, tem uns que fala errado.
- 1296 QUESTÃO 16: Inf.: Ah, mais ou menos também.
- 1297 QUESTÃO 17: Porque eu também falo errado.
- 1298 QUESTÃO 18: Inf.: Mais ou menos também, ah, tem vez que eu falo as coisa
- 1299 errada.
- 1300 QUESTÃO 19: Inf.: Muito errado.
- 1301 QUESTÃO 20: Inf.: Sim.
- 1302 QUESTÃO 21: Inf.: Ela corrige. Porque ela sabe o jeito de falar certo, daí ela
- 1303 corrige ele, falano o certo.
- 1304 QUESTÃO 22: Inf.: Sim.
- 1305 QUESTÃO 23: Inf.: Não.
- 1306 QUESTÃO 24: Inf.: Não.
- 1307 QUESTÃO 25: Inf.: Como assim norma culta? (reformulamos a pergunta),
- 1308 assim, porque daí tudo mundo ia fica falano certo.
- 1309 QUESTÃO 26: Inf.: Acho que não.
- 1310 QUESTÃO 27: Inf.: (pausa), (reformulamos a pergunta), ah, tem que ensina a
- 1311 pessoa, corrigí. Igual falá nós vai jogá bola.
- 1312 QUESTÃO 28: Inf.: Meio caipira.
- 1313 QUESTÃO 29: Inf.: Fala um pouco mai certo.
- 1314 QUESTÃO 30: Inf.: Ah, não, dá vergonha, (pausa), só se fosse íntima eu
- 1315 corrigira, pa ela fala certo pas ota pessoa também né.

- 1316 QUESTÃO 31: Inf.: Difícil, ah, muito, muitas coisinha que muda, se acha que tá
1317 falano certo, vai vê tá falano tudo errado.
- 1318 QUESTÃO 32: Inf.: Sim, por exemplo, “nóis vi lá”, “ceis tá aí”, as pessoa do
1319 sítio, porque eles fala desse jeito.
- 1320 QUESTÃO 33: Inf.: Sim, por exemplo, “eles vão lá”, povo da cidade, por que
1321 eis fala mai certo.
- 1322 QUESTÃO 34: Inf.: Como assim profissional? (reformulamos a pergunta), ah,
1323 o professor.
- 1324 QUESTÃO 35: Inf.: Quem mora no sítio.
1325
- 1326 ENTREVISTA DO INFORMANTE 30- 9º ANO - FEMININO
1327
- 1328 QUESTÃO 1: Inf.: Treze.
- 1329 QUESTÃO 2: Inf.: Vão vê, tipo assim ele vende carro, só que ele não trabalha
1330 com ninguém, ele é autônomo. Não sei que profissão exatamente é essa, mais é
1331 isso.
- 1332 QUESTÃO 3: Inf.: Ela não tá trabalhando.
- 1333 QUESTÃO 4: Inf.: Não.
- 1334 QUESTÃO 5: Inf.: Não.
- 1335 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho.
- 1336 QUESTÃO 7: Inf.: Venho de a pé memo.
- 1337 QUESTÃO 8: Inf.: Ele terminou os estudo.
- 1338 QUESTÃO 9: Inf.: Dormino, quando não tô dormino tô mexendo no “face”.
- 1339 QUESTÃO 10: Inf.: Matemática.
- 1340 QUESTÃO 11: Inf.: Não.
- 1341 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
- 1342 QUESTÃO 13: Inf.: Bão.
- 1343 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
- 1344 QUESTÃO 15: Inf.: Muitos falam errado.
- 1345 QUESTÃO 16: Inf.: Falam errado às vezes.
- 1346 QUESTÃO 17: Inf.: Porque é errado.
- 1347 QUESTÃO 18: Inf.: A sei lá, minha fala não é muito boa não eu falo meio com
1348 gíria.
- 1349 QUESTÃO 19: Inf.: Bem errado.
- 1350 QUESTÃO 20: Inf.: Sim.
- 1351 QUESTÃO 21: Inf.: Corrige. Porque ela fala que tá errada, que não é assim que
1352 se pronuncia, porque é o trabalho dela.
- 1353 QUESTÃO 22: Inf.: Acho que sim.
- 1354 QUESTÃO 23: Inf.: Sim.
- 1355 QUESTÃO 24: Inf.: Não.
- 1356 QUESTÃO 25: Inf.: Não. Não sei por quê.
- 1357 QUESTÃO 26: Inf.: Não, ai meu deus esses porque mata em, (pausa) (risos).
- 1358 QUESTÃO 27: Inf.: Sei lá em. Não me vem nada, tipo fala nós.
- 1359 QUESTÃO 28: Inf.: Falam de um jeito meio estranho.

- 1360 QUESTÃO 29: Inf.: Normal, meio que legal.
- 1361 QUESTÃO 30: Inf.: Não, porque é errado você corrigir assim as pessoa que você
1362 não tem muito afinidade, só se eu conhecesse daí sim.
- 1363 QUESTÃO 31: Inf.: Difícil, porque tem muitas vezes eu não entendo o que tem
1364 que dizer.
- 1365 QUESTÃO 32: Inf.: Mais feio? Quem fala com gíria.
- 1366 QUESTÃO 33: Inf.: Tem, o da professora de português, porque é mai bonito.
- 1367 QUESTÃO 34: Inf.: Professor
- 1368 QUESTÃO 35: Inf.: Do sítio.
- 1369
- 1370 ENTREVISTA DO INFORMANTE 31- 9º ANO – FEMININO.
- 1371
- 1372 QUESTÃO 1: Inf.:Tenho treze vou faze catorze.
- 1373 QUESTÃO 2: Inf.: No posto de gasolina.
- 1374 QUESTÃO 3: Inf.: Minha mãe tamém, no posto com o meu pai.
- 1375 QUESTÃO 4: Inf.: Não.
- 1376 QUESTÃO 5: Inf.: Sim.
- 1377 QUESTÃO 6: Inf.: Sim. Computado e celular não.
- 1378 QUESTÃO 7: Inf.: A pé.
- 1379 QUESTÃO 8: Inf.: Não sei.
- 1380 QUESTÃO 9: Inf.: Eu fico lá com minha mãe onde ela trabalha lá, ou falo
1381 serviço ou assistino, ou leno livro.
- 1382 QUESTÃO 10: Inf.: Não tenho uma preferida.
- 1383 QUESTÃO 11: Inf.: Gosto, tipo Marley e eu, Crepúsculo.
- 1384 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
- 1385 QUESTÃO 13: Inf.: Olha, não vou falar que é bom, porque é meio ruizinho, se
1386 melhorasse a biblioteca, tivesse aula de dança.
- 1387 QUESTÃO 14: Inf.: Ah, normal eu falo português.
- 1388 QUESTÃO 15: Inf.: Gíria, língua da internet, mai nenhuma fala português
1389 correto.
- 1390 QUESTÃO 16: Inf.: Ah, em casa minha mãe não se preocupa muito com o
1391 português assim.
- 1392 QUESTÃO 17: Inf.: Porque, tipo, se ele tá falano errado, um dia ele vai aprendê
1393 que tem que fala corretamente.
- 1394 QUESTÃO 18: Inf.: Avalio como um pouquinho da internet, um pouquinho de
1395 gíria assim, mai pouca coisa.
- 1396 QUESTÃO 19: Inf.: Fala muito diferente, às vezes nem sabe falar direito.
- 1397 QUESTÃO 20: Inf.: É deve, daí já cresce já sabeno.
- 1398 QUESTÃO 21: Inf.: Ah, normalmente ela não se expressa muito não. ela muito
1399 raramente quando já tá nervosa, ela fala: “Não é assim que fala.” Porque tá errado.
- 1400 QUESTÃO 22: Inf.: Acho que não.
- 1401 QUESTÃO 23: Inf.: Em casa é um pouquinho diferente
- 1402 QUESTÃO 24: Inf.: Não, tem gíria, língua da internet, o português correto
- 1403 QUESTÃO 25: Inf.: Ah, tem uns que precisa né, por causa que independente do

- 1404 trabalho as veiz precisa, mais eu acho que isso aí não tem nada a ver porque cada um
1405 tem um jeito né!?
- 1406 QUESTÃO 26: Inf.: Não, eu acho que cada um tem que ter seu jeitinho de fala.
- 1407 QUESTÃO 27: Inf.: Falar gaguejando, tipo vai ler uma palavra e ler outra coisa.
- 1408 QUESTÃO 28: Inf.: É meio, eis fala meio puxado o “r”.
- 1409 QUESTÃO 29: Inf.: As veiz assim, (pausa), mais normal.
- 1410 QUESTÃO 30: Inf.: Não porque ela não tem culpa de fala assim, e vai ver ela
1411 não teve ensino, muita coisa assim.
- 1412 QUESTÃO 31: Acho que é mei difícil, porque tem umas palavra que a gente
1413 fala assim que se a gente fosse fala o português correto sairia muito estranho.
- 1414 QUESTÃO 32: Inf.: Existe, ah, tem gente que fala coisa que não dá para
1415 entendê, (reformulamos a pergunta), ah nesse sentido, não tem, porque a gente
1416 também usa gíria.
- 1417 QUESTÃO 33: Inf.: Sim, o catarinense, porquê é diferente, mais certinho.
- 1418 QUESTÃO 34: Inf.: Professores de português mesmo. Ou de inglês.
- 1419 QUESTÃO 35: Inf.: Ah, acho que cada um tem seu jeito.
- 1420
- 1421 ENTREVISTA DO INFORMANTE 32 - 9º ANO – (SEXO FEMININO)
- 1422
- 1423 QUESTÃO 1: Inf.: Doze.
- 1424 QUESTÃO 2: Inf.: Aí eu não sei. Porque ele não mora comigo.
- 1425 QUESTÃO 3: Inf.: Doméstica.
- 1426 QUESTÃO 4: Inf.: Não.
- 1427 QUESTÃO 5: Inf.: Não.
- 1428 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho. Não, não.
- 1429 QUESTÃO 7: Inf.: De a pé.
- 1430 QUESTÃO 8: Inf.: (questão não respondida).
- 1431 QUESTÃO 9: Inf.: Eu fico olhando meu irmão e quando ele tá dormindo eu fico
1432 vendo tevê ou fazendo serviço.
- 1433 QUESTÃO 10: Inf.: Como assim? (reformulamos a pergunta), matemática.
- 1434 QUESTÃO 11: Inf.: Mais ou menos, história, poesia.
- 1435 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
- 1436 QUESTÃO 13: Inf.: Legal, educativo. Falta coisa pra nós se diverti, muda um pouco.
- 1437 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
- 1438 QUESTÃO 15: Inf.: Ah, alguns fala um pouco errado.
- 1439 QUESTÃO 16: Inf.: Também.
- 1440 QUESTÃO 17: Inf.: Porque ele tá falano errado.
- 1441 QUESTÃO 18: Inf.: A de veiz em quando eu falo certo, de veiz em quando eu
1442 falo errado.
- 1443 QUESTÃO 19: Inf.: Ah, meu vô, ele fala um pouco certo um pouco errado.
- 1444 QUESTÃO 20: Inf.: Sim.
- 1445 QUESTÃO 21: Inf.: Ela corrige. Por que ela vai imagina que não tá conseguindo
1446 ensina errada, ela corrigi, porque não quer ver ninguém falano errado.
- 1447 QUESTÃO 22: Inf.: Sim.

- 1448 QUESTÃO 23: Inf.: Sim.
- 1449 QUESTÃO 24: Inf.: Não.
- 1450 QUESTÃO 25: Inf.: Normal culta? (reformulamos a pergunta) às vezes sim, as
1451 vezes não, porque as vezes nem todas as pessoas tem facilidade de falar a língua
1452 portuguesa, tipo meu pai, ah, porque ele já teve bom estudo, ele já estudo com a
1453 minha mãe, só que ele ainda não sabe fala bem direito.
- 1454 QUESTÃO 26: Inf.: Não, porque às vezes, por exemplo, lá na, (pausa) em
1455 Curiúva meu tio fala de um jeito e aqui nós fala de otro.
- 1456 QUESTÃO 27: Inf.: Porque tem gente que fala drento, e o certo é dentro né, daí
1457 eu sei que tá falano errado.
- 1458 QUESTÃO 28: Inf.: Como assim? (modificamos área rural para sítio) ah, minha
1459 amiga ela mora no sítio, ela fala certo.
- 1460 QUESTÃO 29: Inf.: Área urbana? (reformulamos urbano para: cidade) ah, tem
1461 umas que fala mai diferente, tem otas que fala de otôs jeito.
- 1462 QUESTÃO 30: Inf.: Ah, alguns momentos sim, na mema hora que sim , na
1463 mema hora que não, porque, tipo assim, bom certo é corrigí né, pa pessoa não
1464 fica sempre falando errado, mai em algum ponto a pessoa pode até inguinora a
1465 gente. (Reformulamos a pergunta, fazendo referência de que a senhora
1466 mencionada seria sua conhecida se ela a corrigiria?) aí sim.
- 1467 QUESTÃO 31: Inf.: pra mim eu acho fácil, só que pros outro, estrangeiro é mais
1468 difícil de falá.
- 1469 QUESTÃO 32: Inf.: Como? Ah, as pessoas que fala errado, é mais feio.
- 1470 QUESTÃO 33: Inf.: As pessoa que fala certo, porquê elas tão falando certo,
1471 não tão falando errado.
- 1472 QUESTÃO 34: Inf.: As professoras ou enfermero.
- 1473 QUESTÃO 35: Inf.: Do sítio.
- 1474
- 1475 ENTREVISTA DO INFORMANTE 33- 9º ANO - (SEXO FEMININO)
- 1476
- 1477 QUESTÃO 1: Inf.: Quinze ano.
- 1478 QUESTÃO 2: Inf.: Meu pai já é morto.
- 1479 QUESTÃO 3: Inf.: Não sei, eu moro com a minha madrinha.
- 1480 QUESTÃO 4: Inf.: Moro.
- 1481 QUESTÃO 5: Inf.: Tenho todos.
- 1482 QUESTÃO 6: Inf.: Sim, os três.
- 1483 QUESTÃO 7: Inf.: De ônibo.
- 1484 QUESTÃO 8: Inf.: (Não foi feito a pergunta)
- 1485 QUESTÃO 9: Inf.: Computador, as veiz eu venho na quadra e jogo bola, no
1486 campo, a um monte de coisa.
- 1487 QUESTÃO 10: Inf.: Matemática. Porque eu acho mais legal.
- 1488 QUESTÃO 11: Inf.: Mais ou menos, ah romântico.
- 1489 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
- 1490 QUESTÃO 13: Inf.: Ensino da escola? É bão. Eu mudaria a aula de portuguêsis,
1491 porque sim.

- 1492 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
- 1493 QUESTÃO 15: Inf.: Normal.
- 1494 QUESTÃO 16: Inf.: Normal também.
- 1495 QUESTÃO 17: Inf.: Não sei.
- 1496 QUESTÃO 18: Inf.: Mais ou menos, por que às vezes eu falo errado, às vezes eu
- 1497 falo certo, às vezes eu falo muito rápido.
- 1498 QUESTÃO 19: Inf.: Tipo ingual a gente.
- 1499 QUESTÃO 20: Inf.: Sim.
- 1500 QUESTÃO 21: Ela corrige. Porque tem que corrigí, para saber o jeito certo né?!
- 1501 QUESTÃO 22: Inf.: Não.
- 1502 QUESTÃO 23: Inf.: Sim.
- 1503 QUESTÃO 24: Inf.: Não.
- 1504 QUESTÃO 25: Inf.: Que é isso? (reformulei a pergunta) sim, porque se tá no
- 1505 Brasil, todo mundo fala português, então todo mundo tem que fala português certo.
- 1506 QUESTÃO 26: Inf.: Pra mim é, porque eu não entendo nada.
- 1507 QUESTÃO 27: Inf.: Não sei.
- 1508 QUESTÃO 28: Inf.: Área rural? Normal.
- 1509 QUESTÃO 29: Inf.: Mais diferente, tipo que... Lá eis trata a gente de um jeito e
- 1510 aqui de outro, eu sou mais querida lá que aqui.
- 1511 QUESTÃO 30: Inf.: Sim, trabalha no sítio, porque como ela falou aí ela tinha
- 1512 que corrigir.
- 1513 QUESTÃO 31: Inf.: Fácil, porque ela chega lá ela só passa umas coisinha no
- 1514 gráfico e pronto, já era.
- 1515 QUESTÃO 32: Inf.: Sim. Por exemplo o T, que fala mais estranho do que eu,
- 1516 (porque, O T... ("T", se refere ao nome de um colega de sala) porque tem vez
- 1517 que eis fala enrolado, fala certo. O C... também. (eles são do sítio, perguntei) são
- 1518 do sítio, é eis são mais atrapaiado.
- 1519 QUESTÃO 33: Inf.: Sim, ah sei lá..que tem a vizinha razoável, igual minha mãe
- 1520 que fala tão baixinho.
- 1521 QUESTÃO 34: Inf.: Profissional? Que tipo? (reformulei a pergunta): ah, pra
- 1522 mim o veterinário.
- 1523 QUESTÃO 35: Inf.: As mai "atrapaiada" (após desligar o gravador) e as do sítio
- 1524 igual eu memo .
- 1525
- 1526 ENTREVISTA DO INFORMANTE 34 - 9º ANO -(SEXO FEMININO)
- 1527
- 1528 QUESTÃO 1: Inf.: Vou fazê catorze.
- 1529 QUESTÃO 2: Inf.: Meu pai é chefe de cozinheiro.
- 1530 QUESTÃO 3: Inf.: Minha mãe trabalha na roça.
- 1531 QUESTÃO 4: Inf.: Não, moro aqui mesmo.
- 1532 QUESTÃO 5: Inf.: Não.
- 1533 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho, tenho, também.
- 1534 QUESTÃO 7: Inf.: De a pé.
- 1535 QUESTÃO 8: Inf.: Eu acho que até a oitava.
- 1536 QUESTÃO 9: Inf.: Fica conversano com as minha colega, fica na internet.
- 1537 QUESTÃO 10: Inf.: Ciências, porque eu sou ma ligada em ciências

- 1538 QUESTÃO 11: Inf.: Não muito. Meu favorito é lê sobre padre.
- 1539 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
- 1540 QUESTÃO 13: Inf.: Como assim ensino? (reformulei) não é muito, muito bão
- 1541 não, mai dá pra estuda bastante aqui. Você mudaria alguma coisa na escola?
- 1542 Sim, as refeições, porque ...alguém..tem gente que não gosta muito das refeições
- 1543 daqui,a gente preferia mai, dá fruta essas coisa.
- 1544 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
- 1545 QUESTÃO 15: Inf.: Não sei. (reformulei a pergunta): a meio enrolado, assim
- 1546 você vai fala ca pessoa, a pessoa num tá falano a língua direita.
- 1547 QUESTÃO 16: Inf.: Ah, que nem aqui tamém né, tem hora que eis fala meio
- 1548 enrolado, tem hora que a gente vai fala certo, eis briga um pouco ca gente né,
- 1549 que eis num gosta que corrigi muito.
- 1550 QUESTÃO 17: Inf.: Porque tamém falo errado.
- 1551 QUESTÃO 18: Inf.: Tem hora que eu tamém falo errado.
- 1552 QUESTÃO 19: Inf.: Fala um pouco errado né.
- 1553 QUESTÃO 20: Inf.: Sim.
- 1554 QUESTÃO 21: Inf.: Ela vai corrigí. Porque tá no lugar dela corrige né, ela é
- 1555 professora.
- 1556 QUESTÃO 22: Inf.: Aham, sim.
- 1557 QUESTÃO 23: Inf.: Sim.
- 1558 QUESTÃO 24: Inf.: Sim.
- 1559 QUESTÃO 25: Inf.: Como assim, norma culta? (reformulamos a pergunta), a
- 1560 tem né que fala um pouco, porquê se ucê fô fala com uma pessoa, que se fô
- 1561 estudáda numa alguma coisa assim, cê tem que fala certo, se cê fô arruma emprego
- 1562 anssim e fala cós outro, cê tem que fala cêtu.
- 1563 QUESTÃO 26: Inf.: É um poco tamém. Porque cê tem que fala direito né? Essas
- 1564 coisa, tem que fala direito, tem que falar corretamente, essa coisa.
- 1565 QUESTÃO 27: Inf.: Por exemplo você vai fala alguma coisa cê vai fala errado,
- 1566 cê tem que fala certo. fala assim..é por exempro, cê tá com preguiça daí ela vai
- 1567 lá e te corrigi.
- 1568 QUESTÃO 28: Inf.: Um pouco errado né.
- 1569 QUESTÃO 29: Inf.: Eis deve tê um sotaque diferente do nosso.
- 1570 QUESTÃO 30: Inf.: Corrigiria, porque eu vou tentá ajuda ela fala a fala certo,
- 1571 que nem a minha vó memo, minha vó é analfabeta, ela nunca estudo, e eu
- 1572 sempre ajudo ela com as coisa dela.
- 1573 QUESTÃO 31: Inf.: Um pouco difíci, ah, porque, por exempro, é muito difíci
- 1574 fala, tem hora que por causa das prova, cê tem que ponhá as coisa nas prova bem
- 1575 certa, essas coisa.
- 1576 QUESTÃO 32: Inf.: Ah, o mineiro né, porque sim né, eis fala quase tudo errado.
- 1577 QUESTÃO 33: Inf.: Ah eu sou baiana né, então eu acho o baiano mai bonito.
- 1578 QUESTÃO 34: Inf.: Profissional? Português né.
- 1579 QUESTÃO 35: Inf.: Aqueis que fala enrolado.
- 1580
- 1581 ENTREVISTA DO INFORMANTE 35 - 9º ANO - (SEXO MASCULINO)

- 1582
- 1583 QUESTÃO 1: Inf.: Catorze.
- 1584 QUESTÃO 2: Inf.: Ele trabalha na agricultura.
- 1585 QUESTÃO 3: Inf.: Trabalha no posto de saúde.
- 1586 QUESTÃO 4: Inf.: Não.
- 1587 QUESTÃO 5: Inf.: Não.
- 1588 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho, tenho, tenho.
- 1589 QUESTÃO 7: Inf.: Andando.
- 1590 QUESTÃO 8: Inf.: Quinta.
- 1591 QUESTÃO 9: Inf.: Mexê no computador, no “facebook”.
- 1592 QUESTÃO 10: Inf.: Ciências, porque eu gosto desse negocio de química lá.
- 1593 QUESTÃO 11: Inf.: Gosto. Que tem o Percy Jackson essas coisa assim.
- 1594 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
- 1595 QUESTÃO 13: Inf.: Bom.
- 1596 QUESTÃO 14: Inf.: Português do Brasil.
- 1597 QUESTÃO 15: Inf.: Muito diferentes das pessoas da internet, aqui eles não fala
- 1598 certo, certinho.
- 1599 QUESTÃO 16: Inf.: Não muito certo tamém.
- 1600 QUESTÃO 17: Inf.: Ah, porque se eis tão falando, daí a gente pega esse
- 1601 costume e tamém fala igual então tem que corrigir.
- 1602 QUESTÃO 18: Inf.: Falô meio errado tamém.
- 1603 QUESTÃO 19: Inf.: Enrolado, fala palavra, mai num dá tanto assim pá entendê.
- 1604 QUESTÃO 20: Inf.: Sim, não tem como, porque memo que corrigí nói, nói vai
- 1605 continuar falano do memo jeito, mai deve corrigí.
- 1606 QUESTÃO 21: Inf.: Ela corrige. Porque é costume, ela fala não é nós e nós.
- 1607 QUESTÃO 22: Inf.: Sim.
- 1608 QUESTÃO 23: Inf.: Sim.
- 1609 QUESTÃO 24: Inf.: Sim.
- 1610 QUESTÃO 25: Inf.: Ah, por que eis divia, ah, por que eis fala as veiz não dá pra
- 1611 entendê fica enrolado, cê tem que fica perguntando monte de veiz pá entendê.
- 1612 QUESTÃO 26: Inf.: Sim. Porque cê fô fala diferente e fô vê em otas língua eis
- 1613 tão falano certo, mas a gente tamém não tá entendeno.
- 1614 QUESTÃO 27: Inf.: Ah, não sei..é..quando a professora corrigi, quando fala é
- 1615 muito dá hora, é mais melhor.
- 1616 QUESTÃO 28: Inf.: Normal.
- 1617 QUESTÃO 29: Inf.: Normal tamém.
- 1618 QUESTÃO 30: Inf.: Não, a porque todo mundo fala errado tamém.
- 1619 QUESTÃO 31: Inf.: Difícil, porque é muito difícil esses negócio de ah, esses
- 1620 negócio aí, muita regra.
- 1621 QUESTÃO 32: Inf.: Sim, ah o de otôs estados, como o da Bahia, porquê o jeito
- 1622 deles falarem assim é feio.
- 1623 QUESTÃO 33: Inf.: Não.
- 1624 QUESTÃO 34: Inf.: Advogado.
- 1625 QUESTÃO 35: Inf.: Espanhol.

- 1626
- 1627 ENTREVISTA DO INFORMANTE 36 - 9º ANO - (SEXO FEMININO)
- 1628
- 1629 QUESTÃO 1: Inf.: Treze.
- 1630 QUESTÃO 2: Inf.: Predrero.
- 1631 QUESTÃO 3: Inf.: Cortadeira de cana.
- 1632 QUESTÃO 4: Inf.: Sim.
- 1633 QUESTÃO 5: Inf.: Sim./ tenho, tia e tio.
- 1634 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho, tenho, não.
- 1635 QUESTÃO 7: Inf.: De a pé.
- 1636 QUESTÃO 8: Inf.: Quarta.
- 1637 QUESTÃO 9: Inf.: Sisti televisão, dormi, lê livro.
- 1638 QUESTÃO 10: Inf.: Disciplina? Como assim? (reformulamos a pergunta),
- 1639 matemática. Que eu gosto de pobrema, fazer assim.
- 1640 QUESTÃO 11: Inf.: Sim, tanto faiz.
- 1641 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
- 1642 QUESTÃO 13: Inf.: Ai tá ruim. Eu mudaria o ensino, não sei ti fala, a os
- 1643 computadores.
- 1644 QUESTÃO 14: Inf.: Português.
- 1645 QUESTÃO 15: Inf.: Ah, tem bastante que fala errado, mas eu não corrijo não.
- 1646 QUESTÃO 16: Inf.: Ah, tudu ingual, que convive no mesmo lugar.
- 1647 QUESTÃO 17: Inf.: Porque ele falô assim, deixa ele falano desse jeito memo.
- 1648 QUESTÃO 18: Inf.: Ah, não sei, acho que eu falo misturado.
- 1649 QUESTÃO 19: Inf.: Ai eu acho super errado
- 1650 QUESTÃO 20: Inf.: Sim.
- 1651 QUESTÃO 21: Inf.: Ela corrigiria do modo dela. Não sei, é o modo dela, do
- 1652 modo dela de ser professora, porque ela tá lá pá ensiná né.
- 1653 QUESTÃO 22: Inf.: Acho que em casa tem uma diferença, em casa a gente fala
- 1654 mais palavrões aqui a gente já não sorta.
- 1655 QUESTÃO 23: Inf.: Muda.
- 1656 QUESTÃO 24: Inf.: Só um.
- 1657 QUESTÃO 25: Inf.: Não, cada um fala do teu jeito.
- 1658 QUESTÃO 26: Inf.: Não, porque cada um tem seu jeito de fala e muda um pouco.
- 1659 QUESTÃO 27: Inf.: É quando cê muda as letra, tira o “r” o “s”.
- 1660 QUESTÃO 28: Inf.: Ingual as outra.
- 1661 QUESTÃO 29: Inf.: Acho que muda um pouco. porque os que mora no sítio num
- 1662 conversa cum muita gente, agora os da cidade já tem mai trabalho. Fala melhor.
- 1663 QUESTÃO 30: Inf.: Não, porque ó a idade dela.
- 1664 QUESTÃO 31: Inf.: Difícil, porque tem palavras que a gente não sabe fala.
- 1665 QUESTÃO 32: Inf.: Sim, quem troca as letra é muito feio, porque fala enrolado
- 1666 a gente não entende assim, tipo meus amigos.
- 1667 QUESTÃO 33: Inf.: Sim, ah tem pessoas que fala bem certinho, não troca
- 1668 nenhuma letra, porque fala mai certinho é mai bonito.
- 1669 QUESTÃO 34: Inf.: Profissional? (reformulamos a pergunta), artista.

- 1670 QUESTÃO 35: Inf.: Aquelas que moram no sítio.
1671
1672 ENTREVISTA DO INFORMANTE 37 - 9º ANO - (SEXO MASCULINO)
1673
1674 QUESTÃO 1: Inf.: Catorze.
1675 QUESTÃO 2: Inf.: Ele fai de tudo.
1676 QUESTÃO 3: Inf.: Dona de casa.
1677 QUESTÃO 4: Inf.: Sim.
1678 QUESTÃO 5: Inf.: Sim, minha tia e meu tio.
1679 QUESTÃO 6: Inf.: Tenho, tenho, tenho.
1680 QUESTÃO 7: Inf.: De ônibus .
1681 QUESTÃO 8: Inf.: Até a quarta.
1682 QUESTÃO 9: Inf.: Jogá bola, mexê no computador.
1683 QUESTÃO 10: Inf.: Matemática, porque é a mais fácil.
1684 QUESTÃO 11: Inf.: Gosto, mais de..(incompreensível).
1685 QUESTÃO 12: Inf.: Não, aqui não tem.
1686 QUESTÃO 13: Inf.: Como assim? tá bom.
1687 QUESTÃO 14: Inf.: Português
1688 QUESTÃO 15: Inf.: Como assim? (reformulamos a pergunta), tem uns que fala
1689 certo outros fala errado.
1690 QUESTÃO 16: Inf.: Tamém é assim.
1691 QUESTÃO 17: Inf.; Porque eu acho feio fica corrigino as pessoa.
1692 QUESTÃO 18: Inf.: Tem vez que eu falo errado tamém.
1693 QUESTÃO 19: Inf.: Errado.
1694 QUESTÃO 20: Inf.: Sim.
1695 QUESTÃO 21: Inf.: Ela ia fala que tá errado, porque ia tá errado.
1696 QUESTÃO 22: Inf.: Não, eu falo uma coisa errada em casa e aqui não falo.
1697 QUESTÃO 23: Inf.: Não.
1698 QUESTÃO 24: Inf.: Tem? Sei lá em, acho que não.
1699 QUESTÃO 25: Inf.: Não? Fala do jeito que quiser né.
1700 QUESTÃO 26: Inf.: Sim, porque cada um fala errado.
1701 QUESTÃO 27: Inf.: Quando uma pessoa erra uma palavra.
1702 QUESTÃO 28: Inf.: Errado.
1703 QUESTÃO 29: Inf.: Fala mais ou menos.
1704 QUESTÃO 30: Inf.: Eu corrigiria.
1705 QUESTÃO 31: Inf.: Feio? Não, por causa que quase tudo o português é igual
1706 não muda.
1707 QUESTÃO 32: Inf.: Tem a fala que nem daqueles baiano fala lá.
1708 QUESTÃO 33: Inf.: Não.
1709 QUESTÃO 34: Inf.: Profissional tipo? (reformulamos a pergunta), professor.
1710 QUESTÃO 35: Inf.: Baiano.